

NO  
APRÈS-MIDI

de  
NOSSAS VIDAS

Lustosa da Costa

**UFC**

---

CASA DE JOSÉ DE ALENCAR  
PROGRAMA EDITORIAL

"É um presente divino, esse que nos dá Lustosa da Costa em *Fortaleza, Meu Amor*".

**(Rubens Azevedo)**

"Lustosa da Costa é "expert" nessa magia com um poder de síntese que impressiona, porém sem deixar escapar qualquer detalhe básico."

**(Sônia Pinheiro)**

"O Etelvino Soares é um grande personagem do romance brasileiro, cuja grandeza se iguala a um Quincas Berro D'Água, a um Ponciano de Azevedo Furtado, a um Sargento Getúlio e outros tantos que engrandecem nossa ficção. Parabéns pela beleza e força de seu romance."

**(Iaponan Soares)**

"É um livro que dá para ler rápido" o texto desliza. Em meio aos tiroteios dos "revólveres vomitando fogo", causos e ditos populares engraçados. A estrutura do folhetim dá agilidade à leitura.

**(Antônio Torres)**

"O vocabulário é grande aliciente do texto, como ocorre com escritos de Camilo Castelo Branco. A linguagem é uma grande protagonista desta obra. Lustosa fixou o vocabulário do Ceará, de forma verdadeiramente deliciosa."

**(Dário de Castro Alves)**

"Lustosa da Costa se inscreve na lista dos melhores cronistas brasileiros".

**(Milton Dias)**

"Lustosa é saboroso. Pelo estilo suave, sem sinuosidades, dizendo com exatidão o que deseja dizer. A palavra na sua essencialidade".

**(Blanchard Girão)**

"Modelou um estilo atraente, direto e límpido, guardando a espontaneidade na formulação do pensamento e a propriedade da forma, sem perder, entretanto, a inclinação irônica que não abusa do recurso ao gracejo, antes dá sentido ao humor, tornando-o, não raro, instrumento vigoroso da postura combativa que o acompanhou como comentarista político".

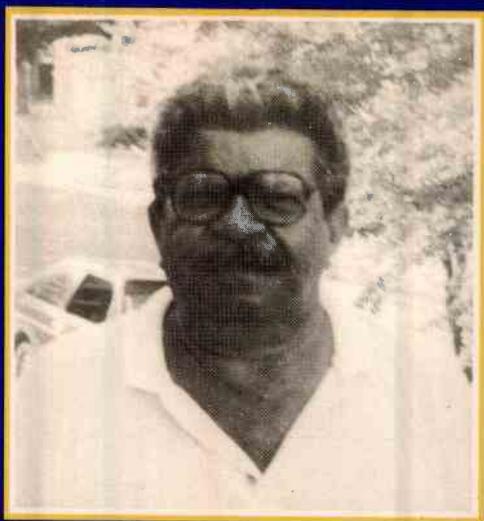
**(Paulo Elpídio Menezes Neto)**

"Lustosa aprendeu, no seminário, a ler os clássicos e isso ajudou-o no seu ofício de jornalista e escritor".

**(Carlos D'Alge)**

"Discreto, atuando com a maior competência, esbanja seu talento na vida e na profissão. Sempre reservado, procura esconder nele o homem culto, que domina os assuntos de sua especialidade, sobretudo a literatura, com notável proficiência".

**(Norton Macedo)**



Lustosa da Costa, cearense de Sobral, no Ceará onde se criou, é jornalista desde os nove anos quando, em seu diário de criança, registrava todos os lances da campanha eleitoral para a prefeitura da cidade que, então, se processava.

Em Fortaleza, trabalhou em diversos órgãos de imprensa, tendo sido Editor-Chefe de "Unitário" e "Correio do Ceará". Em Brasília, durante catorze anos foi repórter político de "O Estado de São Paulo" e "Jornal da Tarde". Tentou passar de testemunha a protagonista, como candidato a deputado federal pelo MDB. Foi o mais votado de Fortaleza, não se elegendo por falta de dinheiro para comover os currais eleitorais do interior. Curte toda espécie de romance, principalmente os de Machado e Eça, livros que, junto com obras de teatro de Oscar Wilde e de poesia de Jorge Luís Borges, levaria para uma ilha deserta, se lhe impusessem tal destino.

**UFC**

---

**CASA DE JOSÉ DE ALENCAR  
PROGRAMA EDITORIAL**



# **COLEÇÃO ALAGADIÇO NOVO**

COORDENADOR

Antônio Martins Filho

CONSELHO EDITORIAL

Francisco Carvalho

Italo Gurgel

Geraldo Jesuino da Costa

CAPA

Assis Martins

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA

Carlos Alberto Dantas

NO  
APRÈS-MIDI  
de  
NOSSAS VIDAS

Lustosa da Costa

**UFC**

---

CASA DE JOSÉ DE ALENCAR  
PROGRAMA EDITORIAL

1997

## OBRAS DO AUTOR

- A descapitalização do Nordeste no setor privado  
(bancos) Fortaleza, 1961
- Anuário do Estado do Ceará , co-autoria com Dorian  
Sampaio, Fortaleza, 1971-1972
- Anuário do Estado do Ceará , co-autoria com Dorian  
Sampaio, Fortaleza, 1971 19743
- Ideologia do Favor - Curral e Cabresto, Fortaleza, Stylus  
Comunicações Ltda, 1977
- Por eu sou candidato, Fortaleza 1978 (Edição do autor  
Sobral do meu tempo, Brasília, 1982 (Coleção Lima  
Barreto - Senado Federal )
- Cartas do beco, Fortaleza, Stylus Comunicações, 1983
- A Travessia, Brasília , Coleção Hipólito José Costa  
Senado Federal 1984
- Fortaleza, meu amor, Stylus Comunicações 1987
- Clero, nobreza e povo de Sobral, Centro Gráfico do  
Senado, 1987
- Louvação de Fortaleza, Edições Casa de José de Alencar,  
Programa Editorial. Imprensa da Universidade Federal do  
Ceará 1995
- Vida, paixão e morte de Etelvino Soares, S.Paulo, Editora  
Maltese, 1996.

**AOS AMIGOS**

Maria Dulce  
e  
Hélio Barros.



# UM MESTRE DA CRÔNICA

*Edmílson Caminha*

Lustosa da Costa chega aos 40 anos de carreira jornalística e literária como um dos maiores talentos da sua geração. A elegância do estilo, a correção da forma, a leveza do humor são virtudes que, no seu trabalho, sobrepõem a obra do escritor ao fazer do jornalista, salvando-a da efemeridade a que se condenam as matérias de jornal. Por isso, o texto de Lustosa permanece como literatura - e literatura de muito boa qualidade -, sobrevivendo aos que se produzem para durar apenas 24 horas.

É a certeza a que nos leva *No après-midi de nossas vidas*, a nova coletânea do cronista. Nele, encontram-se páginas que, lidas antes sob o apelo das manchetes e a tentação dos anúncios, talvez não se tenham oferecido plenamente à fruição do leitor. Convidam, agora, ao prazer da releitura, à emoção da descoberta, ao deleite do reencontro. Títulos que apresentam o autor em sua melhor forma - lírico e saudoso, comovido e irreverente, apaixonado e sereno. "Epístola aos suplentes", "Da utilidade dos maridos" e "Na década de 50" são criações que se podem incluir, sem favor nenhum, na mais criteriosa antologia da crônica brasileira. Entre uma e outra, acham-se jóias como "O maior latifundiário do mundo", em que o protagonista

José Júlio de Andrade - cearense que já foi dono do Jari - é personagem perfeita para um soberbo romance. Romance que ao próprio Lustosa cumpre escrever, pela vocação para o gênero com que já se provou em *Vida, paixão e morte de Etelvino Soares*.

Como Néelson Rodrigues, Lustosa da Costa é dos que se põem por inteiro numa frase: "Quando cheguei a Fortaleza, no comecinho de 1956, calcinha feminina ainda era peça íntima." Em meia dúzia de palavras, vêm-se traços marcantes do cronista: o gosto da memória, o humor inteligente e a presença da mulher. Essa, percorre com graça e beleza *No après-midi de nossas vidas* - chame-se Regina, Maria Helena ou Cíntia, véus com que o autor, à maneira de Tom Jobim, oculta discreta e sabiamente o nome das amadas...

O amor a Fortaleza, o prazer do bom uísque, as lembranças do repórter, a experiência política são assuntos que permeiam as crônicas de Lustosa. Sobre todos eles, porém, prevalece a afeição pelos amigos, o cuidado que lhes dispensa, o desvelo com que os trata. Lúcio Brasileiro, Dorian Sampaio, Hélio Barros, Emílio Burlamaqui e Paulo Elpídio de Menezes Neto são companheiros, de boêmia e de trabalho, para quem Lustosa da Costa remete dezenas de cartas, algumas tão belas que se poderia supor escritas por Rubem Braga ou por Milton Dias, esse admirável cronista cearense que, tivesse deixado a província, brilharia hoje nos manuais de literatura entre os melhores do Brasil. Assim, *No après-midi de nossas vidas* é também, a par de uma seleção de bons textos, um hino de louvor à amizade, canto de amor aos eleitos que Lustosa da Costa preza como amigos, apesar de nada e por causa de tudo.

## PREFÁCIO

Eu de novo.

Nunca foi minha ambição construir catedrais que desafiem o tempo. Nem semear carvalhos que são duradouros mas demandam tempo, muito tempo. Preferi plantar as couves para o almoço de amanhã. Talvez nem preferisse. Foi o que soube fazer. Estas páginas são obras perecíveis, conversa fiada, ourivesaria do nada que aqui se reúnem em livro e tentam assim resistir ao olvido. No fundo, são louvações de Fortaleza, a cidade amada e dos amigos que nela habitam. Algumas são recentes. Outras saíram em forma de cartas, as "Cartas do Beco" que publiquei no extinto "Unitário", há muito tempo. O que as aproxima e identifica é a constância do querer bem a Fortaleza e aos amigos. É o que não muda em mim.

Esta tentativa de imortalidade se deve ao mecenato deste jovem empreendedor, mais que nonagenário, Martins Filho. O prestante Edmilson Caminha me ajudou na primeira revisão das páginas que se seguem. Assim nasceu "*No après-midi de nossas vidas*" que entrego a vocês.



# SUMÁRIO

## UM MESTRE DA CRÔNICA

### PREFÁCIO

#### NO *APRÈS-MIDI* DE NOSSAS VIDAS

- NO *APRÈS-MIDI* DE NOSSAS VIDAS — 15  
NASCI BRASILEIRO E VIBRO COM ISSO! — 19  
BANALIZAÇÃO DA AMIZADE — 23  
PROJETO DE FARTAR O BANDULHO — 31  
ODIAR É BOBAGEM — 33  
SONHOS DE POBRE — 34  
QUEM NOS ELOGIA, É SEMPRE MUITO LÚCIDO — 37  
ASSIM TERMINOU UMA BELA ESTÓRIA DE AMOR — 40  
SE ARREPENDIMENTO MATASSE... — 43  
SE BEBER É PRA ENCHER A PANELA... — 45  
DE VOLTA A BACO — 49  
DAS UTILIDADES DOS MARIDOS — 52  
É FUNDAMENTAL MANTER O CASAMENTO — 55  
PARA QUEM GANHAR NA SENA — 57  
O HÁBITO FAZ O MONGE — 59  
MEDO E FÉ — 63  
MAIS AMIGOS QUE TEMPO — 66  
RUA MILTON DIAS — 68

COISAS QUE O TEMPO LEVOU — 69  
FECHAM OS HOTÉIS DO CENTRO — 72  
OS MENINOS QUE NÓS FOMOS — 76  
A RESSACA QUE O CHATO TE DÁ — 80  
NASCEU! — 83  
LANÇAMENTO NO IDEAL — 85  
ESTES ADORÁVEIS MENTIROÇOS — 87  
UM ANJO DA GUARDA RETARDATÁRIO — 90  
ARI, SETENTÃO — 93  
A QUEM O MENTIROSO ENGANA? — 96  
QUEM TEM AMIGOS DE INFÂNCIA — 98  
COMEÇO A NAVEGAR NA INTERNET — 101  
NA DÉCADA DE CINQUENTA — 106  
A VELHA GAZETA — 109  
VI DISCO VOADOR EM 1966 — 112  
PRAÇA DOS VOLUNTÁRIOS — 117  
O MAIOR LATIFUNDIÁRIO DO MUNDO — 119

**CARTAS DO BECO — 125**

# No Après-Midi de Nossas Vidas



## NO *APRÈS-MIDI* DE NOSSAS VIDAS

Já lhes disse e repito: ando tão cheio de virtudes que, qualquer dia, acordo canonizado. Terei virado santo, à revelia. Não é pra menos. Um dia, porém, conto o preço de tanta resistência ao vício. Ele nos espreita, em cada esquina.

Depois de certo tempo, porém, calejamos na virtude e nem nos encabulamos mais. Antigamente, quando ia pedir cerveja sem álcool no restaurante, ficava mais encabulado que no tempo da adolescência, quando tinha de comprar camisa-de-vênus na farmácia. Olhava dum lado por outro, via se não tinha ninguém por perto, aí detonava o pedido. Hoje, já ando mais seguro. Quando o garçom indaga sobre o que vou beber, respondo firme:

"Coca-Cola. E daí?"

Com os tempos, vão-se os dentes, o negrume dos cabelos, a vista, a disposição para o amor. Tudo vamos perdendo pelos caminhos. Só muita vontade de se enganar faz o cara dizer que está como os vinhos, quanto mais velho, melhor. Que nada! Ou é uma zurrapa avinagrada intragável ou apenas água suja, adocicada, que perdeu o sabor. Ao lado disso, as provações.

Já contei como ficava lisonjeado com o tratamento que me dispensava Claudinha, uma linda morena de olhos

verdes e sangue sobralense. Embalava-me em ilusões, pois sou aquele cara que está sempre esperando ganhar, sozinho, às segundas, o prêmio da Loto, quando a guapa rapariga explicou suas razões, toda sorridente:

"Você não é tio do Paulo Henrique?"

Então era por isso.



Vou ao bar "Flor do Abaeté" onde alguns coroaos se reúnem em torno do jornalista Ari Cunha que, por sinal, nessa tarde, não compareceu. Doutro cearense, Stênio Bastos, quero saber como está indo o estabelecimento que freqüentamos. Ele diz que o bar vai mal e esclarece:

"Metade dos clientes morreu. A outra metade deixou de beber..."

Passo no Correio e lá preciso exibir a carteira de identidade em que guardo retratos da prole. A postalista, implacável, pergunta:

"São os netinhos?"

Saio dali, sem o cinto de segurança. Gentil, o jovem guarda do trânsito pede:

"O cinto, bote o cinto, tio."



Tive de solicitar prorrogação do passaporte. Não requeira outro por razão muito simples. Utilizo neste que me tem acompanhado à Lisboa, Paris, Bruxelas, Praga, Dublin, fotografia de dez, quinze anos passados. Agrada-me tal logro. Recordo-me com satisfação. Acho bom me conservar assim. Pelo menos, no retrato.



Almoço no La Bécasse cujo proprietário é Jorge Cals Coelho. Digo a Raquel que era eu empregado do Náutico Atlético Cearense quando fiz o vestibular para Direito. Ele, para Engenharia. Ambos passamos. Seu Pedro, pai dele, fundador e um dos donos do clube, veio me cumprimentar. Eu, com falsa humildade, disse-lhe que quem merecia os parabéns era apenas o Jorge que entraria numa Faculdade séria. Isto é, que formava para uma profissão que parecia de mais futuro financeiro. Porquanto mais rara. E porque lidava com coisas materiais. Ele não aceitou o argumento e me parabenizou calorosamente. Minha filha, cruel, repara:

"Pai, isso faz bem quarenta anos."

Não faz, mas tá perto.



Com tenho dito, de primeiro, ao chegar a uma cidade, queria logo saber das mulheres. Onde encontrar as melhores. As disponíveis. Para ir à caça. Vem a fase em que o que nos prende são as comidas. Os restaurantes. Você então fica com saudades daquele cordeiro com molho de hortelã que o Faustino prepara e que devia ser comido, de joelhos, santo Deus! Como é mesmo, Souto, Leda Maria, o nome do prato? Pergunto-lhes isso porque foi em tão privilegiada companhia que lá fui. Na oportunidade, soube que o "Cantinho do Faustino" vai se mudar. Pra ali, pro Papicu, pra detrás do OÁSIS. Deus queira ele leve a receita desse abençoado cordeiro.

Bom. Depois vem outro estágio. Das missas de sétimo dia dos amigos. Dos *vernissages*. Das exposições de pintura. Dos lançamentos de livros. Com os anos, os prazeres vão subindo. Terminam só espirituais. É a vida. Não há por que reclamar se estivemos atentos aos frutos e aos encantos de cada estação.

## NASCI BRASILEIRO E VIBRO COM ISSO!

Nesses tempos neoliberais, a gente tem ouvido cada imbecilidade! Uma delas, nem sei se a maior, bradada pelos capangas intelectuais do governo, sentença: temos de jogar ao mar a herança ibérica. O patrimonialismo português.

Esta é enormidade que assenta bem nos que não amam o Brasil, têm vergonha de ser brasileiros.

Convenhamos, não é doença nova. Ela grassou no século passado, quando nossos intelectuais desejavam ser franceses. Sentiam-se parisienses exilados nos trópicos. Hoje pretendem ser americanos. Queriam estar em Miami. Na Disneylândia. Cada época com seu ideal, sua meta.

Estão renegando os pais.

Os imbecis têm vontade de descender de alemães, ingleses, irlandeses, poloneses. De adotar a ética calvinista. Queriam ter descido do *Mayflower*, um empreendimento privado, e saído direto para matar bisões e índios no Oeste, de olhos azuis e cabelos louros. É tremenda bobagem.



É como se eu, a essa altura, pretendesse ter outro pai, outra mãe.



Sou brasileiro, mistura de três raças, o português, o negro e o índio. Minha presença no mundo se deve a um empreendimento estatal, da Coroa portuguesa, e nem por isso vivo pior que o americano. Logo depois o Brasil foi dividido em capitanias, distribuídas pelo Rei aos amigos e explorado por companhias estatais. Quando o País cresceu, o Rei, o Presidente e o governador podiam dar aos validos, aos cortesãos, cartórios para toda a vida. Concessões de rádio e de tevê, de postos de gasolina, licenças para pesca, para moer trigo. Até a iniciativa privada assim se rege. Há distribuidoras de carros para cada região. Uma não pode vender na área da outra. Este é o país em que nasci, que nunca adotou a ética calvinista nem a religião do trabalho dos protestantes.



Quem leu "Bandeirantes e Pioneiros" de Viana Moog ou "Raízes do Brasil", de Sérgio Buarque de Holanda, percebe que nos Estados Unidos a colonização foi diferente. O cara foi lá para morar, fugindo da fome ou da perseguição religiosa, para dar duro. Tudo se baseou na livre iniciativa. O xerife só foi eleito, quando a nação americana se formara. Aí é que se pensou no Estado. No poder público.



O luso chegou aqui, funcionário público ou protegido do Rei, para pilhar a terra com o mínimo de esforço, e voltar

à pátria a fim de usufruir do produto do saque. Um ente lotérico. Trabalho pesado era para o negro, que o índio, por sua vez, a ele não se acostumava.

O primeiro governador geral, Tomé de Sousa, desembarcou na Bahia trazendo o Estado brasileiro pronto e acabado. Sem falar numa Constituição escrita para reger o povo. Que ainda não tinha aparecido.



Isso posto, sou brasileiro e assim estou muito satisfeito. Não queria ser americano como os *bob fields* que se multiplicam na vida pública e no jornalismo. Também jamais tive a Suíça, aquela constelação de armazéns de dinheiro roubado, sujo, como modelo. Nunca achei que os suíços mereciam minha admiração por haverem inventado o relógio-cuco.

Também não quero aqui o modelo japonês, por melhores resultados materiais que haja obtido. Lá o cara nasce e morre trabalhando na mesma empresa, rindo para as mesmas piadas do mesmo chefe, morando com a mesma mulher, num cubículo cheio de quinquilharias eletrônicas, embriagando-se com as mesmas pessoas. Existe um tipo de hotel que é uma variante entre o saco de viagem e o cartão mortuário no qual o cara vai treinando para defunto. Que vida fajuta a dos japoneses!

Por fim se não fosse descendente de português, de mulatas e índios, queria provir de italiano. A Itália, com aquela esculhambação tão parecida com a nossa, é a quinta potência econômica mundial. Aquilo é que é um grande povo, capaz de prosperar apesar de abrigar a Igreja Católica, a Máfia, a corrupção generalizada e o empreguismo. Que alegria de viver! Que amor às boas coisas da vida!

Que energia vital dionisíaca! Que bagunça maravilhosa aquele trânsito de Roma que define todo um país, uma maneira solta, desordenada de viver! Vale a pena viver daquele jeito! Como um carioca ou o baiano dos estereótipos! Muito melhor do que morar em Miami e se empanturrar de bagulhos elétricos ou eletrônicos nos *shoppings* da cidade.

## BANALIZAÇÃO DA AMIZADE

Um dos traços culturais brasileiros mais analisados pela sociologia reside na banalização da amizade. Ou, então, em sua superestimação. É contraditório, mas existe.

Não sei qual foi o escritor que, uma vez, em visita a S. Luís do Maranhão, parou numa praça para lustrar os sapatos. Para matar o tempo, entreteve-se em conversa com o engraxate. Ao final da tarefa, interpelou-o:

"Então, o que é que há mesmo de novo?"

Sorridente, o outro respondeu:

"De novo mesmo só a nossa amizade."

Precisei, um dia desses, digitar uns textos. Evitei pedir o trabalho a parentes, amigos ou conhecidos. Prefiro resolver o problema profissionalmente. Sai mais barato. Liguei prum escritório especializado duas vezes, antes de encontrar o responsável. Ao acertar o preço, ele disse que ia cobrar menos por conta de nossa amizade. Para minha surpresa, explicou: "O senhor não telefonou duas vezes para cá?! Já é um amigo da casa."

E logo encompridou a conversa, querendo saber qual o teor do trabalho, para que se destinava, o que fazia na vida, há quanto tempo residia em Brasília. Fiquei em pânico. O caro não estava disposto apenas a comandar a cópia

de minhas crônicas. Parecia querer casar comigo. Arreneguei tão rápida intimidade. Como precisava do serviço, fui ao seu escritório. Pedi, porém, ao Wilson Ibiapina, para me acompanhar. A fim de me proteger da "amizade" do outro. Apesar de todas as precauções, em lá chegando não me livre de suas perguntas, que respondi monossilabicamente. Nem sei se consegui evitar, de todo, a invasão de minha privacidade. Nem esse mais recente amigo de infância que sequer pedira a Deus. Afinal, só quero que trabalhe bem para mim e eu lhe pague a devida remuneração. Não preciso de que me convide para padrinho do filho dele nem me convide para ouvir, no bar, seus problemas conjugais.

É engraçadíssima a nossa confusão entre negócios e amizade. Tem gente que prefere fazer compras na loja de amigo e acha que ele vende mais barato, deixa de auferir lucro só pelo prazer de ter negócios comerciais com pessoa de suas relações.

Tal maneira de encarar o mundo encerra surpresas desagradáveis. Um conhecido, por questões de família, tornou-se muito amigo de um médico a quem, no plano profissional, você não confiaria sequer lhe aparasse as unhas. Sem falar em que era inescrupuloso até dizer chega. Pois bem, quando uma filha sua adoeceu, ficou em pânico porque era doença da especialidade daquele amigo. Teve de confiar a herdeira aos cuidados do outro, morrendo de medo. E de remorsos. A tanto a amizade obriga.

Há também o engraçado. O que espera que sua doença seja benigna ou que seu tratamento seja indolor porque recorre ao médico amigo do peito. E raciocina como criança: "O médico é tão amigo que me deixou beber três doses por dia".

\*Sem falar em que o amigo médico, o amigo advogado, o amigo escritor não precisam de dinheiro para pagar a prestação da casa, a conta do dentista, a dívida para

com o editor. Você usa de seus serviços, a qualquer hora do dia e da noite, e, às vezes, é tão amigo que nunca se lembra de lhe mandar aquela caixa de uísque que enviaria a profissional de menor intimidade. Ou então você encontra o autor e vai logo cobrando: "Você ainda não me mandou seu último livro!" Não foi ao lançamento da obra. Não a procurou na livraria. Quer que ela lhe chegue de graça, a domicílio. Autor amigo é pra essas coisas.

Quem tem projetos, vira imortal

Um dia desses, o ex-Reitor Martins Filho conversava, do alto da juventude dos 92 anos, com Francisco Carvalho Martins sobre projetos para os próximos dez anos. A certa altura do empolgado papo, parou e indagou do filho, o nosso querido "seu" Chiquinho: "Você acha que estou sendo muito otimista?"

Quando o revejo, me informa que espera lançar o centésimo volume da Coleção Alagadiço Novo a 13 de dezembro, que será o livro de Rachel de Queiroz: "As três Marias". E ainda quer saber de minha opinião sobre a (excelente) qualidade das obras que edita: "Tens prestado atenção às capas do Assis Martins?"

## DOIS JOVENS

Na festa da "Sereira de Ouro" revejo muitas fisionomias queridas. Dou logo de cara com Sílvio Leal que, às vezes, tem a mania de falar como velho quando é quase um menino. Agora é que chegou aos 81 anos. Ora, ainda pode prestigiar o lançamento de pelo menos mais uma dúzia de livros de minha autoria! Dou-lhe como exemplo "seu" Costa, que me ensinou a gostar do grande médico, e que foi embora, de repente, aos 85 anos e totalmente lúcido. Não dependia de

ninguém. Nem física nem financeiramente. Ainda discursava quando havia necessidade. E tomava religiosamente do bom *scotch* que lhe fornecia mesmo contra a opinião (besta) dos médicos. Inclusive os da família. Pois um cara, com mais de 80, tem direito a consumir seu uísque diário. Principalmente ele que não possuía essa sede insaciável do filho mais velho e tomava seu drinque com parcimônia.

Sem falar no senador Plínio Pompeu a quem cumprimentei quando completou 102 anos, em Sobral, que logo me reconheceu e só veio a perder a lucidez praticamente à véspera da partida.

Um cara desses, como o fundador da UFC, ainda cheio de projetos mesmo a caminho do centenário, tende a virar imortal. Porque você só morre quando deixa de sonhar, não tem mais o que fazer aqui em baico, não acarinha planos para o futuro.

Seriam todos uns canalhas?

Nelson Rodrigues se queixava de que Carlos Lacerda, quando se referia à equipe da ÚLTIMA HORA, que combatia, clamava: "Canalhas! Canalhas! "Não concedia nem uma compassiva exceção ao pessoal da faxina".

Foi mais ou menos com esse sentimento (jamais admirei Plínio Salgado, Carlos Lacerda, Adolfo ou Benito) que adquiri no sebo "Lavrado 98" para conhecer os primeiros tempos da "Tribuna da Imprensa" relembrados por Stefan Baciú, um anticomunista profissional que chegou ao Brasil em 1949 e foi trabalhar, é claro, com Carlos Lacerda. Dizem que quando da apresentação, ele disse ser "Stefan Baciú, jornalista".

"Qual sua nacionalidade?"

Teria perguntado o "Corvo". Quando respondeu que era romeno, Lacerda tascou: "Romeno não é nacionalidade, é meio de vida. É profissão".

Apesar de jamais haver sido lacerdista, tenho de reconhecer que a *Tribuna* abrigava também alguns profissionais de elevada qualificação que, depois, tomaram outros rumos, geralmente democráticos, felizmente. Nem todos viraram golpistas como seu fundador, que ajudou a implantar e defendeu a ditadura militar até verificar que ela o destruiria. Cumpre atentar para o nível da revisão daquele tempo (acho que o Graciliano Ramos integrava o quadro de revisores do "Correio da Manhã"), era tal que um de seus integrantes de então é um colega da velha guarda do jornalismo político de Brasília, Rubem Azevedo Lima. Dele diz Baciú:

"O nosso Rubem respondeu e ganhou um bom prêmio sobre História de Portugal. Nosso colega ficou tão famoso que, quando eu e Mira entrávamos em lojas onde já éramos conhecidos, os vendedores perguntavam sempre alguma coisa sobre o colega que respondia na televisão". Por mim, ainda sexta-feira, almocei com Rubem Azevedo Lima. Baciú, se não voltou ao Brasil, mora no Havaí, em Honolulu.

## TCS

Encontro com Temístocles de Castro e Silva e Dorian Sampaio num dos restaurantes do Marina, quando relembramos o ex-governador Parsifal Barroso, de quem o primeiro foi auxiliar e cuja biografia tinha o dever de escrever. Foi papo ameno, divertido, por felizmente só conversarmos sobre o que nos une, nos identifica e não sobre o que eventualmente nos pode dividir.

Relembro a campanha eleitoral de Parsifal ao governo do Estado. Os Diários Associados ("Unitário" e "Correio do Ceará" mais a "Ceará Rádio Clube") não se metiam na disputa. Publicavam, com equidade, matéria paga, como

tal devidamente identificada, dos dois candidatos rivais. Todos os dias, TCS divulgava, no tijoloço da coligação partidária a que pertencia, artigos em que defendia a candidatura de Parsifal contra a de Virgílio Távora.

\*Foi, a esse tempo que circulou muito nas emissoras de rádio "slogan" preconceituoso contra a família do ex-ministro e ex-governador: "Meu avô já dizia: havendo outro, não vote em Távora".\*

Uma vez me cedeu espaço para que combatesse a tentativa de volta do jurista Olavo Oliveira ao Senado que eu supunha houvesse sido responsável pela demissão de meu pai do posto de fiscal do IAPC pouco antes de meu nascimento, vendeta que tinha jurado a mim mesmo cobrar. Só me lembro de havê-lo chamado de carroção de lixo da democracia e outros insultos próprios da época vivida. Tempos depois conheceria seu filho, o ex-deputado Raimundo Ivan, um intelectual de esquerda, sempre muito doente e marcado por fundas tragédias pessoais e que era uma pessoa que todos que conheciam, respeitavam, estimavam.

## CANETA BIC

Sou aquele caso típico de que falava o Cândido Mendes de Almeida, o da "contemporaneidade do não coetâneo". É certo que ando moderno, uso o computador. Até já naveguei nas águas da Internet, tendo os filhos como comandantes da nau. Agora, quanto à escrita, prefiro a manual. É quando o pensamento se solta, persegue elegâncias, as boas maneiras. Primeiro, escrevo a mão. Depois é que passo tudo para o Pentium. Nada tão contraditório.



Em matéria de caneta, prefiro a *BIC* preta. Ah! Se fosse um Manuel Bandeira, não celebraria as três moças do sabonete. Araxá, não. Cantaria as virtudes da *BIC*. Com ela, geralmente escrevo macio. Ela desliza sobre o papel. Macia, obediente, dócil, quase voluptuosa, bom adjutório da inspiração. Tem mais: a *BIC* desinventou o sexto mandamento: "Não roubarás". Sim porque nos aliviou do pecado. Você rouba uma *BIC* e ela custa tão barato, vale tão pouco que você está inocente, de alma branca, leve, sem pecados, pode até comungar. Ruim é quando você leva uma dessas canetas que se dão de presente ao chefe ou ao patrão, que valem uma fortuna e cujo surripiar pode levar a ferros, ao calabouço. A *BIC*, não. Lembro-me de quando era conselheiro do Banco do Nordeste, (banco rico nos bons tempos inflacionários!) e saía das reuniões com uma, duas, até três canetas, (dessas de trinta centavos a unidade) colocadas sobre a mesa de reunião, que, por descuido, (seria descuido ou roubalheira?) guardava automaticamente no bolso interno do paletó. O pessoal deve de ter pensado: como é que um cara fala de vida tão boa e tão luxuosa em sua coluna e está rapinando uma ou duas míseras *bics*? Se o Tribunal de Contas descobre isso, me chama à colação, vai-me exigir a restituição do que afanei. Sem remorsos. Porque o roubo da *BIC* não está proibido nas tábuas da lei que Moisés recebeu. Não há nada ali que se refira à apropriação indébita de tal instrumento de escrever.

## O PRAZER DE LER

Gosto muito de dividir com os amigos o prazer da descoberta de um bom autor. De presentear-los com livros.

Sofro o desagrado de emprestar livros

Confesso, porém, que me desagrada emprestar livros. Geralmente ninguém os devolve. Mesmo quando você vai à casa do cara que está com livro de sua propriedade à mostra na estante. Ele, porém, não se manca de restituir o que não é dele. E, às vezes, é bem precioso. Um dia desses, um amigo me pediu emprestado romance de que lhe falara bem. Tentei embromar, ganhar tempo, ver se ele se mancava e o adquiria em qualquer livraria, mas foi em vão. Terminei lhe entregando o pedido, muito sem gosto, sem vontade, sem ter a certeza de que ele me será devolvido. Fiquei pensando: se ele ganha tão bem, o livro se encontra à venda em todas as livrarias, por que não o comprou? Só lhe servia o meu?



## **O DESRESPEITO AO LIVRO**

Outro temor que me assalta é quanto ao tratamento que ele pode dar ao volume, se me devolver. Espero que não risque o livro, não dobre páginas, não o deixe ao alcance dos rabiscos de filhos e netos, não escangote a capa etc. e tal. A jornalista Célia de Nadai emprestou livro a uma colega que o devolveu cheio de cabelos, riscado, sujo de manteiga. Protestou contra aquela falta de respeito. A outra explicou que, quando lia, havia tal processo de interação entre ela e o livro lido que tudo acontecia. Célia, então, expressou sua indignação: "Deixe esse processo de interação para os seus livros. Não para os meus."

## PROJETO DE FARTAR O BANDULHO

Andava querendo passar uma semana em Lisboa. Dei, porém, um balanço nas finanças e vi que tudo estava feio, com cara de macaco. Desisti. (É claro que, com minha pose, ninguém acredita quando estou liso. Tenho de dizê-lo e muitas vezes. Com esta cara de rico e de importante, ninguém crê em minha quebradeira). Ia rever alguns amigos, sem lhes impor convivência diária para que não abusassem de minha companhia. Ia comer com o Jorge Bornhausen, embora sem muito crédito na sua mão. Porque a única vez em que ele jantou *chez moi* foi uma noite sem muito charme. Cometi gafe sobre gafe. Convidei outro amigo que era de facção adversária à dele. Servi-lhe JB, uísque fortíssimo. *Scotch* para quem está desesperado. E não era o meu caso nem o dos convidados. Nada deu certo. Fiquei lhe devendo aquela noite. Espero ele haja esquecido esses maus momentos. Iria ver o Carlos Eduardo Sette Câmara, que conheci no comecinho da carreira, já prenunciando futuro brilhante, e que nem sei se ainda se lembra de mim. Daria uma passada no Consulado para encontrar o titular, o João Almino, um cara brilhante, autor de romances e de livros preciosos sobre os nossos "liberais autoritários" e que é irmão do Pedro Almino, o médico, que acho quer ser prefeito de Iracema. Jantaria com o

José Hugo Machado, que conheci em 1972 na inauguração da agência do Banco do Brasil e a quem fiz fotografar ao lado do então todo poderoso Delfim Netto. Sou um cara vulgar. Pra falar a verdade, ia a Lisboa para encher o bandulho. Comer no Farta-Brutos de que o José Saramago tanto gosta. Beber no Pavilhão Chinês, que dizem ser o bar mais bonito do mundo. Chamaria o Ruy Diniz para um dedo de prosa no Faroleiro, além de Cascais, e voltaria feliz. Deixa essa mega sena sair na próxima semana a meu favor, e nem precisa ser integral - que tou lá.

### **VIAJAR NEM SEMPRE É CULTURA**

Viajar é muito bom. Principalmente para quem, diferente de mim, quer se instruir e não apenas lotar o bandulho de arroz de marisco e Bucelas Velho. Sou, porém, um pobre homem da Praça do S. Francisco, de faróis baixos. E cujos apetites, com os anos, estão subindo.



Aliás, não há certeza de que viajar ilustre, instrua, torne alguém culto. Se isso fosse rigorosamente verdadeiro, comissário de avião era tudo erudito. O Paulo Elpídio, com muita crueldade, diagnosticou, um dia desses, o nenhum aproveitamento que um conhecido fizera de sua longa e recente temporada no exterior." Os burros também vão a Paris". Será? Quando revejo as crônicas de viagens que perpetrei e as comparo às de grandes autores, baixa em mim insuportável complexo de inferioridade. Eles viram tanta coisa. Eu baixei a vista pro meu prato e pro meu copo e quase ali comecei e concluí minha experiência turística.

## ODIAR É BOBAGEM

Nelson Rodrigues fala da anedota do cara que achava o ódio uma perda de tempo e de dinheiro. Esse sujeito era um sábio. Além de ser uma pessoa de cuca fresca. Sadia. Não sei como alguém possa merecer meu ódio. No máximo, o desdém. Admito desprezar um ser humano abjeto, fugir de companhias que me empobrecem, reduzir, ao máximo, os contatos com gente que nos faz mal, me "seca", baixa meu astral. Agora, odiar jamais. Odiar uma pessoa, um dia inteiro, é prestar-lhe suprema homenagem. Então se durar, durante um mês, um ano, uma vida, constitui suprema imbecilidade. É conferir-lhe grande valor. É dispensar-lhe uma paixão amorosa com sinais trocados. Ninguém vale nosso ódio. Para que se encher de sentimentos negativos que fazem muito maior mal a nós que ao outro? Por que perder tempo se avinagrando, azedando, azinhavrando, adoecendo por conta de alguém? Ninguém vale isso. Por outro lado, é claro que é lindo um grande, intenso, desvairado amor que nos ilumina, nos faz espaçosos, sublimes. Um ódio intenso, ao contrário, é rebaixamento, algo que nos apequena, nos ensombra, nos faz menores. Ninguém vale meu ódio, graças a Deus. O desdém, ainda vá lá. Não mais que isso.

## SONHOS DE POBRE

Um dia desses, enquanto consumia meu *beaujolais* conversava com os filhos para saber o que eles queriam fazer se ganhássemos sozinhos os doze bilhões da mega sena. Não chegamos a grandes conclusões. Descobrimos que nossos faróis são baixos. Não merecemos a sorte grande. Não temos planos para gastar tanto dinheiro. Nossas aspirações podem se realizar com trabalho, com o salário ganho. Que mediocridade, a nossa!

Por exemplo, queria tomar um avião no Recife e ir a Portugal por uma semana. rever a cidade, encontrar alguns amigos, consumir seu arroz de marisco. Isso se pode resolver pelo crediário. Queria ainda ganhar na loteria apenas para ter motorista, andar no banco de trás e não precisar usar cinto de segurança. Comprar o apartamento ao lado para encher de livros até o teto. Um Opala de segunda mão. Enfim, sonhos tão vasqueiros que não me credenciam à sorte grande.

Um milico amigo desses que não bebe, não fuma, faz regime, anda religiosamente dez quilômetros, todas as manhãs, fidelíssimo à pátria e ao cônjuge, sofreu enfarte de miocárdio e quase se foi dessa para a melhor. Teve de recorrer à engenharia e botou três ou quatro pontes de safena.

Já eu, nunca tive tal disciplina. Nunca poupei cigarro quando fumava. Também jamais economizei as mulheres quando amava. Nunca corri feito besta. Nem andei quilômetros sem motivo.

Hoje em dia cresço pros lados. É triste, mas verdadeiro. Pior, com o tempo, os apetites vão subindo e converti-me num glutão. Sem falar em que o vinho francês anda tão acessível, barato, que jamais me privo dele. Cultuo Baco, todos os dias. Fui ao médico e ele me recomendou bateria de exames. Obedeci no ato. Sabem o resultado? Tirei dez. Aprovado com distinção. Suma cum laude. Ele me disse que a pressão arterial está normal. Minha função hepática é boa. Normal, apesar dos tonéis de uísque, vinho e champã que já sorvi aqui e alhures. O ácido úrico está normal. E completou: "Coitada de tua mulher. Não fica viúva tão cedo."

Pois é, essa pelo menos, a conversa do esculápio.

A conversa do médico foi consoladora para quem não tem vontade de viver pela metade. Meia vida. Andar trafegando pelaí cheio de limitações. Andar correndo sem saber pra onde feito um babaca. Deixar para amanhã o uísque que pode consumir hoje.

Já estou chegando à idade canônica. Quando as mulheres nos olham com respeito, não mais com desejo. Ou a esperança do desejo. Já não fumo. Se me despeço de Baco, o que vai ser da vida? O que vou continuar fazendo aqui em baixo?\*

Resisti.

Na fila do banco, o rapaz diz que não preciso esperar tanto. Tenho prioridade no guichê dos deficientes físicos, das grávidas e dos idosos. Como não estou grávido nem sou deficiente físico, continuo, pacientemente, esperando que a fila ande. Até que chegue minha vez.

O caixa me pergunta a idade. Esclareço: "58 anos, sem reclamações". Ele, pessimista, baixo astral, atalha: "Até agora, né?" Agora e sempre, se Deus quiser.



Agora, resta saber se meu caráter será igualmente forte ao comprar passagem da Transbrasil. Pago inteiro o bilhete ou pelo o desconto que ela está concedendo para quem tem mais de 55 anos?



Menti, sim

Porque vou confessar crime de falsidade ideológica. Logo que larguei o serviço público, não tive coragem de declinar que era aposentado. Menti, em parte. Escrevi, ao fazer o crediário, que era "funcionário público". Não revelei que já estava aposentado.

## COMI UM SAPOTI NA PRAÇA

Acho que foi a euforia do lançamento do romance, embora a situação financeira em nada haja melhorado. Criei coragem e comprei, afinal, um daqueles sapotis de um real (acho caro) ali na Praça do Ferreira, de frente à garapeira *Leão do Sul*. E saí comendo pela rua, como se estivesse em Paris, onde os franceses estraçalham seus sanduíches nos passeios, nas praças, dentro dos metrô com total tranqüilidade. Na temporada parisiense, fazia o mesmo. Dava vorazes dentadas no frango frito que comprava perto de casa no *Champion* da rue de Vouillé, sem ninguém desse a menor pelota para o transeunte guloso e apressado.

## QUEM NOS ELOGIA, É SEMPRE MUITO LÚCIDO

Quando menino em Sobral, tio Elcias, então frade carmelita, hoje professor de Direito Constitucional da Faculdade do Recife, veio nos visitar. Urgia documentar o evento. "Seu" Costa convocou os préstimos de Gerardo Rodrigues Coelho, que havia sido seu funcionário na fábrica de bebidas Santa Catarina. Pressuroso, prestativo, o Coelhinho veio e nos fotografou com prodigalidade. Foi embora. Nunca mais deu as caras. Nada de trazer as fotos e a conta. Seu Costa o pressionou. Insistiu. Até que um dia abriu o jogo:

- "Seu Costa, fiquei com vergonha de dizer que não tinha filme. Não tinha dinheiro pra comprar. Fotografei vocês, assim mesmo: sem filme".

O psiquiatra Carlos Roberto Monte Sales recebeu, há muitos anos, pedido de Lúcio Brasileiro para receber, em caráter de urgência, o fotógrafo Levi que estava precisando da assistência do famoso profissional. Imediatamente, deu um jeito de encaixá-lo na agenda. Apareceu o fotógrafo, com a displicência de quem não iria ser cliente. O médico indagou:

"Como é, Levi, algum problema?"

"Não, nada, tudo beleza".

"Tem insônia, dificuldade pra dormir? Acorda no meio da noite e nada mais de pegar no sono?"

"Não, doutor. Durmo como uma pedra. Um sono só".

"Acorda indisposto, sem vontade de sair da cama?"

"O que, doutor? Acordo e saio logo pruma caminhada de seis quilômetros".

Desconfiado da doença, Bob quis saber porque ele estava ali. Levi esclareceu:

"Doutor, fui fazer a cobertura fotográfica do aniversário do amigo de seu Lúcio, pro Caderno *Fame*. Aconteceu que o dono da casa, um tal de Tarcísio, era inquieto, não parava nos cantos, andava dum lado pro outro. Não o fotografei. Quando cheguei, seu Lúcio ouviu minha estória e foi logo dizendo:

"Você está com problemas. Tem de ir ao psiquiatra, já. Por isso, estou aqui".

Foi o que também aconteceu ao Gumercindo Gomes, fotógrafo da *Tribuna*. Era tarde de fla-flu cearense. Decisão de campeonato estadual. Disputa entre Ceará e Fortaleza. Foi jogo empolgante, com resultado apertado, apertadíssimo. Um a zero. Chico Alves fechou o jornal. Deixou buraco em quatro colunas, na primeira página, para foto do gol decisivo. Quando Gumercindo chegou, foi logo assediado por ele:

"Cadê a foto do gol?"

Gumercindo explicou que justo naquela hora se afastara um pouco e não registrara o gol decisivo.

Pasmo, estupefacto, Chico reclamou:

"Como foi, seu Gumercindo, você não fotografou o gol?! Você perdeu o gol?!"

O bom fotógrafo, meio sem jeito, se justificou:

"Ora, Chico, o goleiro, que é treinado, que é pago pra evitar o gol, não pegou a bola, quanto mais eu que não sou goleiro".

Naquela segunda, a *Tribuna* saiu sem a foto do futebol. O folclore da imprensa cearense não registra, porém, para que profissional o amigo Gumercindo foi mandado.

Mudam os juízos. O caráter da gente é frágil. Ao me ouvir, domingo, citado pelo Faustão, esqueci, de logo, as críticas que já enderecei ao bem nutrido animador de tevê. Fui reler os elogios que lhe pagou Jorge Amado em *Navegação de Cabotagem* para lastrear minha mudança de opinião. E disse a meus botões: "Se o autor de Gabriela gosta, por que, eu, homem do beco da Piedade, não gosto?" E me acudiu episódio de vinte e tantos anos atrás, ocorrido nas ruas de Fortaleza. Ia, com Dorian Sampaio, colher dados e informações para mais uma edição do *Anuário do Ceará* quando avistamos, ao longe, dois comerciantes, irmãos entre si, chatos pra todos. Tremendamente prolixos. Já nos haviam avistado. Não havia como fugir. Como o estupro era inevitável, relaxamos e fomos em frente, o melhor sorriso afivelado no rosto. Um deles se virou pra mim e disse: "ontem, vendo na televisão, o doutor Lustosa falar, disse, aqui, pro maninho: um homem destes é que devia ser governador do Ceará".

Agradei, comovido. Quando saímos, observei pro Dorian:

"Viu, Dorian, eles não são tão chatos, como pensávamos, não". Por isso, hoje em dia fecho com o Jorge Amado, em relação ao gordo.

## ASSIM TERMINOU UMA BELA ESTÓRIA DE AMOR

Você pode suportar o chifre de uma mulher. Nunca, porém, de seu bar. Se uma fulana te passa pra trás, dói, é claro! Trata-se, porém, de decisão de pessoa física. De uma individualidade de quem no seu juízo de valor, encontrou alguém melhor que você. Quando, porém, você é corneado por seu bar, trata-se de uma conspiração, de uma conjura, não de ato individual. Foi toda uma coletividade, com quem você convivia, que se reuniu para te dar o cano.

Vou contar como foi. Ao renovar minha garrafa de *scotch* no Piantella, senti algo diferente no paladar da bebida. No ato, devolvi-a. Pedi outra. A mesma coisa. Solicitei, então, ao Carlos Virgílio que a provasse. Ele me reclamou dispensa do encargo porque já estava adiantado nos trabalhos. Recorri, então, ao Roberto Macedo, que me confirmou o diagnóstico: "Está realmente com gosto de areia. É uísque feito com água de rio e de rio cheio."

Bebi, então, da porção amiga do Zé Guilherme, botei o boné e me piquei.

Contei, desolado, o ocorrido ao Frota Neto, que se indagou: "Por que fazem isso com a gente?"

Deixei de ir ao Piantella como fazia, há anos, em tantos crepúsculos, e onde vivi tão bons momentos e tive relações com pessoas tão estimáveis.

E pude ver que minha presença não era importante pra casa.

## **PALAVRÓRIO**

Não existe esse negócio de desquite amigável nem boa morte. As duas são, necessariamente, dolorosas, traumáticas.

## **JÁ FUI RICO**

Leitores e leitoras se preocupam, porque falo muito de que fui rico e não o sou mais. Um dia desses, uma delas, Helena Jereissati, se inquietou tanto que me mandou um farnel, uísque de primeira linha para me matar a sede e um grude para me saciar a fome. O Citó, outro *scotch*. Ethel e Xerez, camisas. Amigos, serenai. É a pobreza, é certo, mas não é ainda a fome. A indigência. Ainda resta, como diria o Vilaça, de *Os Maias* um pedaço de pão e um pouco de manteiga pra barrar por cima, frase que o Nelson Rodrigues tanto gostava de citar. É, como ironiza o Mauro Benevides: "Quer dizer, doutor Lustosa, que não está mais podendo beber uísque de doze anos, não? Só de oito?" Ele tripudia assim porque não sabe o valor desse divino licor destilado nas pradarias da Escócia. É radicalmente abstêmio.

## PÁLIDO CONSOLO

Outros reclamam porque me queixo muito do calendário. Do tempo que passa na janela e vejo. E protesto. Uma amiga tentou me consolar:

"Que velho, que nada! Não tens nem sessenta".

Ora bolas, já tive muito menos. Podem crer.

O que vai acabando com a gente, de pouquinho, todos os dias, é a Vida. Pior, porém, é a Morte que ataca, duma vez, sem apelação.

Pode ser chato. Dos males, porém, o menor. É melhor envelhecer que morrer.

Tou totalmente convencido.

## SE ARREPENDIMENTO MATASSE...

É tempo perdido pensar em anular o que foi, o que nem ao Todo Poderoso é possível, embora seja ilusão em que se embalam muitos mortais. O que foi, foi. Está incorporado à história, mesmo nos machuque, mesmo nos doa. Assim, não adianta ficar olhando pra trás, feito a mulher de Lot, pensando: "Se, ao invés de ter me candidatado a deputado federal, tivesse sido candidato a deputado estadual... Se eu tivesse casado com fulana, nunca me teria desquitado... Se eu tivesse aceito o convite do governador para disputar o Senado..." Tentar reconstruir a biografia à base do "se" é rematada tolice. A propósito, dizem os franceses: "Se Paris fosse pequena, cabia numa garrafa..."

Há bobagens maiores. É o cara de minha idade bater nos peitos e dizer: "Estou me sentindo com vinte anos". Ou está doido ou mente. Ou querendo fazer os outros de besta. Repito, como o velho Machado: "Cinquenta anos! Não é ainda a invalidez, mas já não é frescura. Venham mais dez, e eu entenderei que a coisa é não achar já quem se lembre de seus pais, e de que modo me há de encarar o próprio esquecimento". Tem pior. Muita gente diz e repete: "Não me arrependo nada do que fiz". Quem assim pensa, deve ser infalível. Que nem Deus. Não posso fazer a máquina do tempo voltar atrás. Se pudesse, juro, não faria tanta coisa que fiz e de que me

arrependo. Como me arrependo! Ah, se Deus me desse oportunidade de passar a vida a limpo! Esperaria a eternidade, à porta do Céu, para reparar tantos equívocos.

Porque me arrependo de muita coisa que fiz. Quanta temeridade, que falta de juízo, que ausência de senso de oportunidade de certas decisões. Em ocasiões pretéritas, o arrependimento mais fundo que os da ressaca moral, aquela que nos colhe nas esquinas lóbregas das madrugadas, ou então, na vasta avenida das manhãs de sol em que você cora, encabulado, sozinho, das tolices que disse na festa, da cantada que deu na mulher errada, na infelicidade e no despropósito de um comentário desastrado? Tem dia, após o pileque, em que o arrependimento é de tal sorte que você tem vontade de não ver mais ninguém, sumir do mapa, tomar o primeiro foguete para a lua. Quem não se lamenta de uma relação afetiva com o parceiro equivocada, que não merecia você, do negócio mal feito, do convite para outro emprego que você não aceitou, da resposta ágil que não deu, na hora agá?

Pois, este sou eu. Os meus ontens estão cheios, até o queixo, de arrependimento. Se Deus abrir inscrição para os que desejam remover, de sua história, de sua biografia, de sua vida, algum trecho, se ele abrir o capítulo das erratas existenciais, juro, madrugado a eternidade na porta do céu, à espera de tal chance.

Não sou infalível como Deus. Como o papa. Errei, sim, e quantas vezes! Por que o negar?

## SE BEBER É PRA ENCHER A PANELA...

De Camocim, leitor toca o telefone para assegurar que um litro de honesto *scotch* está à minha espera para quando for rever as praias de sua terrinha. Digo-lhe que só lá retorno quando estiver de volta à ativa. Membro ativo da BACОВI (Barreira conta o vício) do falecido Baltazar Barreira, fabricante, por sinal, na vida privada, de precioso aguardente, jamais. Por isso, preciso de fazer urgente acordo com dona Dolores a respeito da matéria. Ela volta a comer seus doces por que é apaixonada e de que ora se priva e eu ao meu uísque. Sua promessa anula a minha. Porque do jeito que estou, torno-me cada dia mais virtuoso. Qualquer dia sou canonizado à revelia. E isso é mau, muito mau, principalmente para os alambiques de Escócia.

No último encontro com Lúcio Brasileiro, ele me convidou pruns drinques em sua Tebaida. Como ainda estou temporariamente afastado do culto a Baco, arreneguei. "Nem unzinho?" Perguntou. Recusei. Nada de unzinho. Que babaquice é essa de beber socialmente? Quando vou à luta é pra lotar a panela. Bebo para encher a cara e isto sempre foi ótimo. O fígado tem sido uma esplêndida aduana e dele não me posso queixar. Além do mais, nunca fiz um inimigo por conta de meus uísques, vinhos ou conhaques. Nem cantei quem não devia, botando a conta no

pileque. Até hoje, das muitas bobagens que fiz, nenhuma delas posso, honestamente, debitar ao álcool, como o Dalmaso de Salcede.

Claro que não sou um bom copo sofisticado. Estou longe disso, eu que, desgraçado! Chequei a beber até conhaque de Alcatrão S. João da Barra. Por isso, outra vez o Brasileiro quis me homenagear abrindo um *Royal Salute*. Não aceitei, alegando não merecer tal distinção. O amigo irmão estranhou, pois sabe que modéstia não é o meu forte. Expliquei-lhe então que uísque de tal calibre é pra ser consumido por entendidos, puro, no máximo, acompanhado de goles de boa água da Irlanda, aquela com que se fabrica a Guinness. Quem consome seu scotch com quatro, cinco pedras de gelo, não merece tão refinado licor. Pode beber qualquer gororoba porque aquilo que sorve não é uísque nem aqui nem na Escócia. É refresco, garapa de uísque.

Sem falar noutro defeito de bebedor: a rapidez. Sempre bebi em casa como se fosse de graça. Sorvi meu uísque com a voracidade dos bicões que entram na festa alheia sem convite e, como temem ser enxotados, vão consumindo tudo o que podem o mais depressa possível. Já me embriaguei em Bagdad, quando lá estive a convite do Governo e as ampolas de *Old Parr* se esvaziavam e se enchiam com vertiginosa celeridade. Na Geórgia, onde os nativos me obrigaram a um brinde que perpetuei a contra gosto, já adiantado nos "trabalhos". No Palácio de Westminster em 1977, o Sarney estava lá e pôde testemunhar minha sede. No Kremlin, onde bebi todos os copinhos da vodca que os outros convidados parlamentares, um deles, o Célio Borja, enjeitavam e eu ia aproveitando. No *La Closerie* de Lilás, num porre de champã com ostras na companhia do Faria Lima. Em mil botecos e casas de pasto

de Lisboa. Na pérgola do *Copacabana Palace*, no Bistrô, no Le Chateau, naquele mimoso restaurante da Floresta da Tijuca. Na casa do falecido Hélio Rodrigues, na rua Senador Paula, em Sobral, tomei o primeiro porre. Cachaça pura. Por continentes, países, cidades, hei prestado meu caloroso preito a Baco, Deus de minha devoção que nunca pretendo abandonar.

Marcelo Linhares, uma vez, me ensinou que, numa festa, você pode consumir uma dose, a cada meia hora. Respondi-lhe que, em tal espaço de tempo, já encaçapei umas seis. É que não há termos de comparação entre nós dois. Ele é um *gentleman*, cuja família amanha a terra e cria bois nas ribeiras do Acaraú desde 1600. Nasceu filho de deputado, sobrinho de Presidente da República. Eu, homem do Beco da Piedade, já me dou muito feliz por haver conhecido meus avós. O velho Chico Bento, um deles, era matador de porco num morro acho que ali perto da Estação da RVC quando chegou à Fortaleza, depois da seca do 15. Já que, com raízes tão proletárias, progredi muito porque tenho horror a quem fica mexendo, com o dedo, o gelo do copo do uísque. Considero que foi alguma evolução, embora esteja longe, muito longe de amigo de raízes tão aristocráticas.

Quando fumava, também era fumante sem controle. Uma verdadeira chaminé. Logo três a quatro maços por dia. E como ainda sinto saudades do cigarro! Também em matéria de alimentação, meu prato é o cheio, como dizia aquele retirante nordestino. Não sou um gourmet. Sou um *gourmand*. Tanto assim que já enchi o bandulho no Kremlin, no Palácio de Westminster, no *La Tour d'Argent*, no *Maxim's*, no *Pavillon Montsouris*, no *Tavares*, no *Avis* e nem me lembro direito do que comi. Nunca vou esquecer, porém, o resto da sobremesa que o frade, que coman-

dava a xepa, no Seminário dos Franciscanos em Campina Grande, mandava pra gente, no dia do nosso aniversário. Ou uma macarronada com *Ketchup*, feita pelas freiras que cozinhavam pros seminaristas lá mesmo no Convento de Ipuarana. Uma galinha, comida na casa dum ex-prefeito de Santana do Acaraú, então aliado do Chagas Vasconcelos, na campanha senatorial de 1978. Um capote espartano preparado por Hélio Barros em sua fazenda Urubu, em Irauçuba, o município mais seco, mais inóspito do universo. Um ovo estrelado, comido no café em Pedra Azul, interior de Minas, aonde fui, a mando do jornal, acompanhando o presidente da ARENA, Francelino Pereira. Um arroz de mariscos encarado no *Solar de S. Pedro*, na praça do Mercado de Sintra.

## DE VOLTA A BACO

Passei quase um ano sem beber. Eu, que há muito sou diarista, fiquei, a princípio, apavorado, receando ficar vendo assombração de madrugada, lagartixas fazendo *footing* no teto do meu quarto, baratas passeando sobre meu peito. Nada disso. Sem saber para que, nem por quê, parei. E descobri que tudo isso é fantasia. Fui a muitas festas onde os presentes bebiam a rodo. Deu para resistir sem me sentir herói ou mártir. Dormi como sempre. Nem melhor nem muito pior. Sobrevivi à minha virtude.

Carlos Eduardo, ao ver o pai tão sóbrio, só me pediu não fosse à tevê falar no programa dos alcóolicos anônimos proclamar que nunca me sentira tão bem disposto depois que deixara de beber, não mais batia na mulher, não mais faltava ao trabalho, não mais tirara os filhos da escola. Por sua vez, Sara se rigozizou: "Pai, tu provaste que não és alcóolatra". Devo, porém confessar que não me movi por tal desejo. Não pretendi provar nada a ninguém, nem a mim mesmo. Apenas, depois da cirurgia cardiovascular quis dar férias ao fígado. Licença-prêmio à valente aduanã do organismo. É claro que em Paris o sacrifício era maior. Bem maior. Deu, porém, para passar o final da temporada olhando aqueles vinhos maravilhosos e, feito um basbaque, um americano, consumindo Coca-Cola. Não se pode ter tudo.

## EM NADA MELHOREI

Em verdade, em verdade vos digo: para ser franco, não experimentei nenhuma vantagem na abstinência. Ser sóbrio não me fez mais vigoroso nem virtuoso. Nem me fez escrever mais. Nem melhor. Nem passei a ter mais te-são. Em suma: com álcool ou sem álcool, sou o mesmo Lustosa cheio de defeitos e de amigos.

Porque afinal, a bebida, como tenho dito, nunca me fez brigar com quem não quisesse brigar sóbrio. Nem me levou a dizer desaforos a pessoas a quem amo. Nem agredir quem não agrediria abstêmio. Aqui pra nós, acho uma esperteza o cara se esconder, por detrás da garrafa, ao justificar, dia seguinte, as cafajestadas da noite passada.

Comigo se dá, exatamente, o contrário. Em tal tran-se, fico mais apaixonado pelos amigos, mais solto para lhes dizer o quanto gosto deles. Mais galante com as da-mas. Repito: meu receio é o oposto. Ficar muito meloso. Passar por bajulador. É verdade que como só bebo com gente de meu tope e de minha convivência, não me preo-cupo com os excessos de gentileza em que, às vezes, incido.

Claro que, passada a embriaguez, fica, às vezes, a ressaca moral, o encabulamento de meu rasgar sedas da véspera. Lembro-me de um coquetel em Paris, no aparta-mento do Embaixador Jerônimo Moscardo de Souza, em que puxei tanto o saco do ex-ministro da Educação, Eduardo Portela, que amanheci cheio de arrependimento, de cons-trangimento. Telefonei cedo para o jornalista Luís Recena, que vira meu papelão, e me perguntei por que rastejara tanto junto ao intelectual pernambucano. Por que tanto rapapé? Ele ainda é ministro? Não. Diretor da UNESCO? Não, não exerce qualquer função importante. Por que, então, fiquei, diante dele, reverente, submisso, a sacudir

diante dele, sem que me pedisse, meu turíbulo queimando incenso e mirra em sua homenagem? Sei lá. Se eu o ignorava, quanto mais o Recena, apenas testemunha do papelão. Todavia, estou pronto a proclamar que prefiro ser excessivo na ternura a ser lembrado por grossura.

## DA UTILIDADE DOS MARIDOS

Tenho amiga de baixo teor de resistência a cantadas. Até aí tudo bem. Não é a primeira nem será a última a padecer de tal fragilidade. Não haveria nada de mal se não fosse bem casada e tivesse, por conta do casamento, numerosa parentela. Não chego ao exagero de lhe aconselhar que manei, fuja das tentações. Afinal ela é jovem e está, portanto, na idade de ser tentada e de cair em tentação. Suspeito de que o marido, jovem, bem situado na vida, seja uma droga na cama, um burocrata do sexo a lhe aviar descoloridas noitadas, obrigando-a a procurar, na repartição, nas festas, o que lhe falta em casa: pimenta, emoção, imaginação, fogo. Ou será que atrai porque gosta do perigo, se sente bem com o proibido, em furar o muro dos interditos? Terá o coração grande demais para acolher um só amor? Não sei, e talvez jamais o descubra. Nunca vou entender o coração das mulheres. O que lhe recomendei, em nome da prudência, foi que, em tendo família tão grande, tomasse um pouco de simancol, não desse tanta bandeira, se resguardasse. Para não perder o emprego de esposa e a excelente situação social dele decorrente. É o que, aliás, digo sempre às casadas. Não caia na besteira de botar fora o marido, sem ter outro apalavrado.



Em verdade, em verdade vos digo. O marido possui muitas utilidades. É facilmente transportável. Dependendo do seu humor, pode ser levado a festas, batizados, velórios, terreiros de macumba, casa de cartomante. Serve para comprar o pão quentinho e leite, se acorda cedo. Sem falar em que é confortável entrar nos clubes e nas festas a bordo de um marido. No mínimo, diminui o número de cantadas que a casada recebe em comparação com as des-casadas, o que facilita o relacionamento com outras mulheres. A não ser, advirto, que o marido seja do time dos que se embriagam cedo e se descuidam da vigilância sobre o patrimônio.



Nos tempos dos tímidos ladrões de galinha, o marido possuía outra valia. A voz masculina afugentava os pequenos meliantes. Nos dias atuais, a cousa já não é bem assim.



Hão de dizer que marido é tão empolgante quanto emprego público. Tá certo. Pode, como o serviço público, não pagar regamente em matéria de emoções, concordo. É, porém, seguro, cômodo e dá pouco trabalho. É como digo, esta não é a época para perder marido nem emprego público, todos difíceis de repor nestes tempos neoliberais.



Hão de perguntar o porquê desse comercial. Já lhes explico. Está na moda falar mal dos maridos desaparecidos o que, no mínimo, constitui desconforto. Para as vítimas. Na cidade dos pés juntos, eles não têm como se defender, contra-atacar. Antigamente, as viúvas, principalmente sem grandes condições no mercado matrimonial, tendiam, com o correr do tempo de viuvez, a identificar, no falecido, virtudes que não haviam descoberto quando eles vivos. Hoje, não. A coisa mudou radicalmente. Uma delas, que corre à psicanálise, deixou o divã, revelando mágoa até então insuspeitada, nunca proclamada." Ele me castrava! Ele me castrava! "Descobriu tantos anos depois. Foi descoberta feita já na casa do sem jeito. O pior é que o acusado, coitado, nada pode fazer contra esta revolta póstuma.

Há mulheres que falam mal dos maridos enquanto vivos. Por pessimistas que são. Uma diz que marido só dá desgosto e roupa suja. Quando, porém, lhe indago porque não se divorcia, explica: "Mudar de marido é mudar de defeitos".

A uma outra que também se queixava, perguntei por que ainda mantinha a relação. Ela falou assim da pesquisa empreendida.

"Andei pela aí e achei os homens tão fracos que preferi ficar com a porcaria que tenho em casa". Confesso que se trata de maneira pouco romântica de manter o casamento.



É claro que há homens que não devem ser tomados para maridos. Um deles o que bate na mulher quando ela não o pede, não aprecia, não vê nisso qualquer estimulante.

## É FUNDAMENTAL MANTER O CASAMENTO

Não sei quem disse que, a certa altura da vida, não podendo dar maus exemplos, damos bons conselhos. Verifiquei que já cheguei a tal condição, um dia desses, quando conversava sobre o casamento com dois jovens diplomatas e lhes mostrava a necessidade de preservá-lo. Por uma razão muito simples, como logo verão os leitores. Há pessoas que tendem a repetir o mesmo modelo nos matrimônios sucessivos que cometem. Em suma, casam-se muitas vezes com pessoas praticamente iguais, o que constitui um desperdício e uma atrapalhão em suas vidas. Lembro-me dum velho amigo que se queixava amargamente da cafonice, do mau gosto de sua mulher, escolhida por ele num começo de vida áspero, penoso, difícil, e que lhe fora companheira leal e prestante. Tanto fez que arranjou outra e com ela se casou. Quando fui ver a nova mulher, deparei-me com a primeira na cafonice e no mau gosto, superior apenas na juventude. A cafonice não se encontrava, pois, nas parceiras, pude percebê-lo e, sim nele, que a ia procurar, que a perseguia. Disse, então, a esses jovens diplomatas da vantagem de manter o casamento inicial, aproveitando-se das franquias variadas que a profissão fornece a fim de evitar a monotonia. Cumpre manter a primeira união. O que é mais prático e mais módico. Nada,

portanto, de sair pelaí casando adoidado como quem muda de camisa. Há os filhos que se dispersam, há as pensões alimentícias que se acumulam, há, como se sabe, os muitos transtornos de contrair novo matrimônio que constitui contrato sistêmico. Quando você se casa, não se casa apenas com uma mulher e vai-se aninhar com ela e tentar ser feliz. O casamento é um contrato complexo que envolve novos parentes, novos aderentes, idiosincrasias do novo clã, suas amizades, suas inimizades, seus avalistas, seus protegidos e protetores. Inserir-se nesse novo contexto, tomar conhecimento dos compromissos que se devem assumir, conhecer novos hábitos da parceira à cama, à mesa, em sociedade, tudo é um mundo complicado cujo conhecimento e militância requerem tempo, estudo, aplicação. Isso pelo menos para as pessoas de posição e de responsabilidade. Para os pobres, pouco importa, razão por que se casam tanto. Ganham tão pouco que ninguém se interessa por lhes cobrar pensão de alimentos. E muito menos outras obrigações.

## PARA QUE GANHAR NA SENA

Jogo na loteria toda semana. Não é muito, mas faço minha fezinha. Se Deus quiser me premiar, tanto faz investir quatro, quarenta ou quatrocentos reais em cada aposta. Deus é Deus. Não lhe darei nunca a desculpa de me dizer quando eu for me queixar de que não me fez milionário porque não quis: "Também, você não comprou o bilhete...". Comprar, eu compro.

Cada dia, porém, sinto-me menos merecedor de ganhar. O que faria se abocanhasse os vinte milhões da super sena? Viraria investidor sobressaltado com a alta ou a baixa da Bolsa? Compraria imóveis para ter dor de cabeça com inquilinos? Ficaria com medo do cálculo dos herdeiros sobre o tempo da partida e o butim que lhes caberia? Comería dois filés, em vez de um, como o Bianchon de *O Pai Goriot*? Inventaria sonhos e planos e descubro que preciso de tão pouco para realizá-los. Como já revelei e o disse ao proprietário, compraria o apartamento abaixo do meu para lotar de livros. Do chão ao teto. De livros que li, livros que lerei, livros que nunca poderei ler. Lembrando a felicidade de Jorge Luís Borges, cego, ao receber de presente vinte e tantos volumes da Enciclopédia *Brokhaus*: "Ali estavam os vinte e tantos volumes com uma letra gótica que não posso ler, com mapas e gravuras que não pos-

so ver. E, no entanto, o livro estava ali. Eu sentia como que uma gravitação amistosa partindo do livro. Penso que o livro é uma das possibilidades de felicidade de que dispomos, nós, os homens." Penso num Opala de segunda mão porque a fábrica não mais os produz, saíram da linha. Quando você desce a tal nível de aspirações, exclui-se naturalmente do rol dos futuros beneficiários da sorte. Um cara, que tem sonhos que pode realizar com salários, não merece ser premiado na loteria. Em verdade, em verdade vos digo: faltam-me merecimentos para ser milionário. Se nasci pobre e continuo pobre não foi por culpa de ninguém, não foi castigo de Deus, que me tem dado mais do que mereço. Foi fruto de minha incompetência.

## O HÁBITO FAZ O MONGE

"Ao contrário de uma velha fórmula absurda, não é a letra que mata. A letra dá vida: o espírito é que é objeto de controvérsia, de dúvida, de interpretação e, conseguintemente, de luto e de morte" - Machado de Assis.

"Um homem que pode dominar a mesa em um jantar em Londres, pode dominar o mundo. O futuro pertence ao dândi. Serão os elegantes que governarão o mundo" - Oscar Wilde.

Quem foi que disse que o hábito não faz o monge? Faz, sim senhor. Tenho absoluta certeza de que a queda do Ibope da Santa Madre Igreja começou com o arquivamento da batina. Os padres passaram a andar de camisa aberta no peito, braços nus, sandálias havaianas, despedindo-se de qualquer mistério, qualquer distinção de nós, pobres pecadores. Bispo, pra mim, por exemplo, era dom José Tupinambá da Frota, que gostava de se assinar Bispo Conde de Sobral, com seu báculo de ouro, a pesada e preciosa cruz peitoral, os arminhos e rendas sobre a batina vermelho-vinho. Ou então, dom Manuel da Silva Gomes, arcebispo de Fortaleza, que não cheguei a conhecer e recebeu o apelido de "Bolo Confeitado", tal o amor que tinha à apresentação visual.

Um rei, de paletó e gravata, de calção na praia, não vai longe. Não mantém o emprego. O que sustenta a monarquia inglesa? É o cerimonial. A aparência que diferencia a Rainha do comum dos mortais, a solenidade de coroação, a coroa, a carruagem, os palácios e etiquetas.

Quem tem razão, como sempre, é o velho Eça:

"Um rei por não ir ao passeio com o seu cetro de ouro não se segue que vá com as suas chinelas de ouro; e por não receber as autoridades revestidas do seu uniforme não é honesto que as receba vestido apenas com a própria pele".

Um dia desses, estava esperando as crianças em frente à Mesbla quando diviso um rapazola, de calça jeans, Reebok, que me fitava. Concentrado como de hábito, olhando tanto pra dentro de mim, não o reconheci. Não o cumprimentei. Só depois percebi a extensão de meu crime. Era meu oftalmologista, o famoso Leopoldo Paccini. Outra vez, foi no elevador do prédio do jornal. Defrontei com um cidadão, com ares de quem ia pra fazenda (e nisso não me enganei) a quem olhei e não falei. De novo, outra mançada. Era outro respeitado médico de olhos, Mata Machado. Será que se trata de algum problema meu com a especialidade? Desse jeito, só me falta não reconhecer o Antônio Mont'Alverne Rangel, outro respeitado oftalmologista, amigo desde a infância em Sobral. O que, é claro, faz muito tempo.

É não. Conheço o cara, noutra cenário, com outra indumentária. Na solenidade de seu consultório, em meio à parafernália de sofisticados equipamentos, todo de branco como um noivo. Se o vejo noutra canto, em ambiente totalmente diferente, com cara de jovem, roupa de desportista ou de fazendeiro, a gafe é inexorável. Médico tem de andar vestido de médico.

Abro, aqui, um parênteses. Houve um tempo em que só andava de branco. Camisa branca, calça, cueca branca, meia, sapato branco. Vestido assim, feito bicheiro, fui ver Régis Jucá, na São Raimundo, pra meu gosto e proveito. Uma enfermeira me convocou, de repente, a atender um paciente que não passava bem. Fecho o parênteses.

Só viajo de paletó. Pelos mesmos motivos. Há uns vinte e tantos anos atrás, solteiro de segunda mão, embora em excelente estado de conservação, pensava que voltara a ser jovem. Subi ao avião de chinela de rabicho, feito o Ney Maranhão, bolsa de couro às costas, quase um *hippie*. Por azar, faltou lugar no avião e tive de descer em Salvador. Tomei outro. Um pinga-pinga danado que me fez até aterrisar em Nanuque. Pra que Nanuque, por que Nanuque? Não sei. No hotel, então, nem se fala. Olharam-me suspeitosamente. Era o tempo da ação direta. Da guerrilha urbana. Fui pro apartamento, me emperiquei todo, com o bem cortado terno do Domenico e descí. Quando deixei o elevador, o pessoal da portaria me dispensou outro tratamento. Tudo mudou. Como que diziam: "Ah, sim" Agora, sim!"

Na Pátria Velha, um deputado caiu na besteira de ir à sessão da Câmara de terno claro. Não sei qual dos Gilbertos o conta, se o Freyre ou o Amado. O certo é que foi advertido pelo presidente quanto ao decoro no vestir. Não trajava aquele fraque ou mesmo terno de pesada casimira inglesa da época.

Dom Pedro II curtiá muito concursos para provimento de cadeiras no colégio que tinha (tem) seu nome. Num deles, disputava o lugar o grande Capistrano de Abreu que, além de pobre, era desleixadíssimo no vestir. Quase não o deixaram entrar na sala do concurso, tão maltrapilho estava. Sua erudição, porém, estava anos-luz acima dos concorrentes, o que deixou basbaque o imperador.

Quando o ministro levou a Dom Pedro o ato de nomeação do novo professor, ele estranhou não fosse o sábio Capistrano. E arrenegou.

O ministro, porém, tinha suas razões:

"Majestade, pensei que ele não podia ser nomeado. Afinal, não tinha casaca própria nem alugada pra se apresentar".

O deselegante Capistrano foi nomeado professor do Pedro II. Quando, então, pôde comprar a casaca que quase o derrota e que, em pouco, muito pouco, iria melhorar sua aparência andrajosa.

Graciliano Ramos fala de um juiz empavonado, Dr. França, que não admitia jurados de roupa branca "pra não prejudicar a decência do veredicto". É como dizia aquele personagem de uma das peças de Oscar Wilde a um jovem promissor:

"Deveria aprender a dar um nó de gravata melhor. O sentimentalismo está muito bem para o buraco da lapela. Mas o essencial no nó de gravata é o estilo. Um nó de gravata bem dado é o primeiro passo sério na vida".

## MEDO E FÉ

Teve um cara que precisou se converter ao catolicismo para ser rei da França. Ao tomar sua decisão, assim a justificou: "Paris vale uma missa". Pensei em que Fortaleza vale meia missa ao pagar o bilhete de viagem, depois de algum tempo no exterior. Com duas passagens estaria cruzando o oceano e revendo o Sena que tanto amo. Vim rever a terrinha neste restinho de ano. (É fevereiro). A primeira coisa que fiz foi conhecer o novo restaurante do Ideal em que o Luiz Carlos Aguiar botou tanta fé, o que não foi em vão. Não se decepcionou. Não nos decepcionou. Ficou preservado o estilo do local que freqüento desde os primeiros dias de repórter político e onde vivi momentos tão prazerosos. E alguns sustos, também como naquela vez em que defrontei, à porta do toalete, com o valentão que, na tarde daquele dia, me ameaçava, da tribuna da Assembléia, com a ingestão das folhas do jornal em que escrevera algo que o molestara. Não precisei fazer feio para escapar do brutamontes.

Cumprimento amigos que se espalham por algumas mesas e posso quedar sozinho com minha circunstância, num canto do salão. Felizmente nenhum deles me pressiona para que os importune com minha presença não esperada, não programada. É chato, às vezes, quando convidam

você pra sentar, por amizade ou caridade e você aceita, sem muita vontade, para não passar por esnobe, metido a besta. As pessoas amigas se sentem na obrigação de convidar você a sentar com elas e insistem tanto que, às vezes, você se rende. Cede, constrangido, o que não é bom pra você nem pra eles. O agradável acontece quando sua presença é esperada e prevista na programação dos outros, seja no restaurante, seja na praia. No sábado, é de novo no Ideal que estou reencontrando gente querida. Paro à mesa do lado do terraço onde se sentam Lauro Torres de Melo, Thomaz Aragão, Ernani Napoleão Filho e sinto falta. Não está ali, como sempre, em tais dias, o Pimenta, o Zé Guilherme que sempre tinha o prazer de ver. Nunca mais o reencontrarei. Teve pressa em partir.



A caminhada na Beira-Mar me proporciona a companhia de Luciano Barreira, colega de Faculdade, e Belarmino Maia. Saímos os três na direção da Praia do Futuro. O ministro, não sei por quê, relembra a vinda do marxista Jacob Gorender ao Ceará quando éramos estudantes. E a recepção que lhe fez o engenheiro Aquiles Gadelha, então seu colega de idéias. Em cada mesa, uma carteira de cigarro americano, o que, àquela época, era raridade, e um litro de legítimo uísque. E, que burro! Eu não estava nessa prazerosa revolução, e tenho pena. Belarmino me recorda o nome do pai de Hanna Navratil, gerente do restaurante do ideal, por quem todos, durante algum tempo, fomos apaixonados e, como a lua, não foi de ninguém. Pelo menos de nenhum de nós. Chamava-se Karl Navratil, o autor de tão primorosa obra.



Quero ser (também nisso) como o Barão, o Guilherme Neto que teve mãe, dona Neuza (também nome de sua primeira mulher), até um dia desses, na boquinha de chegar a uma idade redonda, mais de uma década adiante de mim, tão pressuroso foi ele de chegar a este mundo de meu Deus. Claro que sei de sua dor. Prefiro pensar nele como um felizardo que desfrutou dessa riqueza por tanto tempo.

## MAIS AMIGOS QUE TEMPO

Graças a Deus, tenho mais amigos que horas disponíveis em Fortaleza. Nunca consigo ver a maioria deles, a não ser quando lanço livros ou na festa da "Serreia de Ouro". Devia-me tomar o café com uma amiga. Não pude. Pensei em lhe mandar uma orquídea. Desisti, pois ela tem tudo em grandes quantidades, inclusive bom gosto e um deslumbrante orquidário. Fiquei me devendo o prazer de visitá-la. Vou a um supermercado comprar determinada marca de uísque. Estou agastado de Baco. Meus amigos, não. Não tem, me diz o moço do estabelecimento, assim explicando a situação: "Tem, mas está faltando".

No Estoril, a grata surpresa da noite. Passeávamos eu e Dorian Sampaio quando damos de cara com Hélio e Maria Dulce Barros que voltam de temporada em La Paz e, agora, para esquecer o Titicaca, mergulham nas águas tépidas de Jericoacoara. Jantavam com Everardo Ferreira, da Pasteur. Ela me fala do excelente desempenho de sua nova colega Mariana, filha de Jerônimo Moscardo de Souza, que estagiou na Bolívia. Vou dar a notícia ao pai, quando Sônia Pinheiro se oferece para fazê-lo pessoalmente. Troca Momo cearense pelos encantos de Paris e será portadora de boa nova. Defiro-lhe tal privilégio. Falo do progresso do Ceará. Mês passado, não havia dois paus-d'arco ali na Rua

Perboyre e Silva. Hoje há árvores gigantescas. O Pedro garante que são seus cuidados e a técnica de nossos agrônomos. Outro assegura que isso são artes tucanas. Um terceiro que tudo é obra do Cambraia. Não sei se, no caso, o progresso é municipal ou estadual, se pessedebista ou pemedebista. Não ignoro que a imagem do Ceará se acha tão bem polida no mundo, que, todo santo dia, encaham nas nossas praias cetáceos querendo conhecer tais maravilhas. São baleias que viram aquele trocador de ônibus de S. Paulo falando, na tevê, do Éden em que nos convertem e querem conhecer do milagre. Everardo comenta: "Enquanto isso a Recife chegam, no máximo, tubarões!" Vejam a nossa superioridade, e ainda tem não queira acreditar no milagre cabeça-chata! Falo do senador Carlos Wilson, que tem mais medo de avião do que eu. Vi, no último vôo que fizemos juntos, céu de brigadeiro, total tranqüilidade, que suas mãos estavam alagadas, suaram mais que as minhas. Falamos de fé, que fica mais intensa ante o perigo. Da mesma maneira (e uma coisa nada tem a ver com a outra), nossa generosidade (aliás, melhor dizendo, nossas intenções generosas) fica mais larga na véspera do sorteio da loteria em que apostamos.

## RUA MILTON DIAS

Há anos, registrei, aqui, o sonho maior de Milton Dias. Era ser nome de rua. Ali, na Coronel Ferraz, Praça da Escola Normal onde morava, vizinho à mãe, portas e corações sempre acessíveis aos amigos que eram muitos. Quando morreu, escrevi contra o atendimento de sua vontade, em nome da tradição. Minha comadre Zuleide Menezes protestou, com veemência. Hoje, acrescento, com razão. A tradição que se exploda, direi como o ex-Presidente Figueiredo. Que me interessa o coronel Ferraz, o que fez, o que deixou de fazer quando foi presidente do Estado? Milton não. Era meu amigo. Bebia comigo, nos recebia, escreveu o prefácio de *Cartas do Beco*, adorou a crônica que fiz sobre ele "O Tocaiaador da Aurora", que leu e anotou, conforme se pôde ver em seus guardados. Possuímos poucas coisas de valor permanente na vida, e uma delas é a amizade. Milton gostava de minha companhia, era meu convidado, meu anfitrião, companheiro de festas e noitadas. Merece, senhor Alcaide Juraci Magalhães, senhor edil Chico Martins, ser nome de rua. Senão de avenida. Por que Avenida 31 de Março, data tão fatídica à democracia, desacato aos que foram derrotados pela força e não Avenida Milton Dias? Embora esteja a ouvi-lo baixinho, lá no Céu (se o Céu é um paraíso, conforme nos prometem, lá não pode faltar Milton Dias. São Pedro há de tê-lo recrutado para suas tertúlias), me dizendo: "Não muda. Quero é a coronel Ferraz. A Cel. Ferraz, Lustosa".

## COISAS QUE O TEMPO LEVOU

Com o engenheiro João Feijão, sobralense, filho de meu professor de Educação Física, no Educandário São José, em Sobral, Manuel Elísio Feijão, faço o que ele denomina périplo da saudade. Rodamos o quarteirão sucesso do centro da cidade e não vemos Marta, na Casa Parente. Dela me contam que, agora, trabalha por conta própria e é dona de mercadinhos no subúrbio. Revemos o Salim, no Foto Sales, que nos mostra recortes de reportagem da construção de Brasília. Aí, Feijão diz que a sessão nostalgia somente estará completa se tomarmos um caldo de cana e comermos um pastel em "A Leão do Sul". Pois sabem quem encontro lá? A professora Lireda Facó, da Universidade de Brasília, aparentemente ali tangida também por saudades gustativas. Vou ao Pedro. No Citó, me informo de que o Luís Maia foi transmigrado pra Recife. No Flórida Bar, troço abraço com Wilson Machado, o cearense cordial. Ali encontro, também, entre outros amigos, Girão, o alfaiate que, em seu cartão de visitas, se proclama "geômetra do corpo e poeta do pano". Visito o Palácio da Luz. Deixo abraço para o presidente da Academia Cearense de Letras, Cláudio Martins, que ali se abriga. Encontro, sobre sua mesa, caligrafia de outro cearense profissional, José Bonifácio Câmara. Fico feliz, não apenas com a reforma da Praça do

Ferreira como também com a que o Juraci faz na Praça dos Leões, há mais tempo abandonada. É quando o alcaide me telefona: em vez de reclamar da baixa avaliação do terreno que me confiscou, me limito a elogiar suas realizações. Que besta continuo a ser!

Bem poderia ter sido mesmo frade franciscano.

Entro no prédio da antiga Assembléia Legislativa do Estado. Piso o chão de seu plenário de cuja tribuna um deputado ameaçou fazer-me engolir exemplar do "Unitário", em que trabalhava (avaliem os leitores se fosse edição de domingo do "Estadão", onde, mais tarde, escrevi). Ah que saudades de mim mesmo!



Lembro a verticalidade de Adísia Sá, sempre leal ao companheiro quando o então deputado Wilson Gonçalves lhe perguntou, brincando, sobre um colega que então estreava na coluna social:

"Adísia, este Lúcio Brasileiro é sério?"

Ela, ríspida, altaneira, cortou o papo:

"Não estou entendendo, deputado".

## ÁLVARO

De tarde, vou ao novo endereço do Álvaro, com que faço camisas há 30 anos. Fico feliz em cumprimentá-lo no batente, na jovialidade dos seus 85 anos. Ele me pede: "Dê uma nota em sua coluna sobre a camisaria. Mas não é esculhambando, não". É que me queixei do preço de suas confecções na última referência que lhe fiz. Em "A Lagosta de Ouro", abraço o Batista e faço votos para que a casa mante-

nha bons cozinheiros, o que é o raro no Ceará. Queixo-me do preço de seu scotch. É que estou ficando pobre mesmo.

## IDEAL

No restaurante do Ideal onde ainda vou assinar o ponto, porque almoçarei noutra local, encontro Wagner Barreira e o Luís Carlos Aguiar. Este me coage, docemente, a tomar um *Old Parr* em sua companhia e conta haver gostado daquela estória do pai do Amorim, chefe de gabinete do presidente do Banco Central. O velho adorava ovo estrelado. gostava tanto que o deixava pro final. Certa vez, estava almoçando quando recebeu a visita de amigo querido. Convidou o compadre a se servir. Este recusou. Insistiu. Tanto fez que o outro supondo que desprezava os ovos, aquiesceu:

"Quero somente os ovos..."

## O ÚLTIMO UÍSQUE

Contei-lhe, então, o caso daquele cara que, noite alta, na cidade pequena, sentiu urgência de beber um uísque. Todos os bares estavam fechados. Deram-lhe a indicação de um frege que ainda funcionava. Ele seguiu, aos trancos e barrancos, pelos descampados da noite, até lá. Chegou. Encontrou escorado no balcão, em situação pior que a sua, um bêbado pobre. Pediu um uísque. Tocado pela generosidade, passou-o ao companheiro menos afortunado. Este sorveu-o dum gole e deu a clássica cusparada prum lado. Pediu nova dose. Aí o dono do bar decretou a sentença fatal: "Acabou!" É sempre assim, La Fontaine. A formiga guarda, guarda e aí vem a Zélia e o Collor e crau!

## FECHAM OS HOTÉIS DO CENTRO

Estão fechando os hotéis do centro de Fortaleza. Antes deles, foram-se as pensões familiares. Ao mesmo tempo que desapareceram as pensões alegres, derrotadas pelo amadorismo.

Dos hotéis do perímetro central, vim curtir o Excelsior, recentemente. Visitava-o como turista para apreciar sua barbearia, seus enormes apartamentos, seus amplos salões.

O Palace Hotel foi o primeiro do meu tempo a mudar de ramo. Ainda penetrei em seus salões e apartamentos, quando tinha tal função. Ele me lembrava cenários dos livros de Eça de Queiroz. Fiz ali minha primeira entrevista política para o *Unitário*, acompanhado do fotógrafo Geraldo Oliveira. Foi com o deputado federal Francisco de Almeida Monte, que acabava de eleger o genro, Parsifal Barroso, governador do Estado.

Beijei-lhe a mão orgulhoso do padrinho de crisma que escolhera e que era político sagaz e homem de reconhecida bravura pessoal.



Freqüentei, também, o restaurante e o bar do San Pedro Hotel. Certa noite de 1966, drincava, ali, despreocupadamente, com amigo quando chegaram o proprietário, Pedro Lazar, e o médico Francisco Pinheiro. Conhecedores da minha pobreza franciscana, tomaram a iniciativa de me assinar cheque, para ajudar na campanha eleitoral. Podia não ser soma elevada, era dada de coração e espontâneamente. Dizem alguns amigos que alguns desses cruzeiros, em vez de tocar o coração dos eleitores, ficaram ali mesmo no consumo do *scotch*.

Em festa realizada no seu roof, quando pensava haver voltado a ser jovem, porquanto revertido à condição de solteiro, dancei, noite inteira, com moça de madeixas negras e perfumadas que, na fria madrugada, fui deixar a casa. Gutinho que o diga. Ficamos só nisso.

Eugênio Carlos ainda não era o famoso internacionalmente entalhador Batista. Vendia quadros do pintor amazonense Raimundo Andrade. Encontrou, na adega do hotel, perdidas e empoeiradas, garrafas de precioso *Saint Emillion* que resgatou para nosso desfrute. Decidiu bebê-las, irrigando perdizes, em minha companhia e na de Lúcio Brasileiro. Não havia perdizes. Avoantes nos bastaram. À certa altura da madrugada, ele, que fora ator em Hollywood, desandou a declamar trechos de Shakespeare, atroando o silêncio da madrugada com o ribombar de seu sotaque californiano, falando de reis adúlteros, assassinos e derrotados.

Quando ainda não tinha carro ou me faltava tempo para ir ao Ideal, almoçava no restaurante do Savannah, lendo os jornais do Rio. Todas as noites, a esse tempo, ia lá tomar meu drink. Dali disparava telefonema para a amada, que era oásis no deserto afetivo em que, então, me consumia.

Em 1966, ocorreu-me a aventura eleitoral. Fui candidato a deputado federal. Uma loucura. Não tinha um tostão. Mauro Benevides ajudou-me a penetrar nos arrabaldes mais distantes da capital. Todas as noites ia pra sua casa, na Rua Felino Barroso, bairro de Fátima, e de lá saía, com ele, em sua caminhonete Rural-Willys para sítios ignotos. Aí não bebia uísque. Afinal, ele é abstêmio. Graças a essa companhia, poupei o fígado, durante algumas semanas. Quando muito, sorvia aquela gororoba com gosto de remédio, chamada Campari. A esse tempo, também por sua influência, passei a usar alfazema da Kanitz, que deixava a gente com cheiro de nenem e hoje é álcool puro.

Por conta de laços da família, logo desatados, era sócio de minúscula empresa de construção civil (até isso me aconteceu na vida. Não fui longe. Meu cérebro não foi programado para ganhar dinheiro). Quando me apresentava ao eleitorado do subúrbio, Mauro brincava comigo:

"Está aqui o doutor Lustosa da Costa, jornalista sério. Vai ser deputado federal sério. Não será como estes que vão pra lá fazer negócios, arranjar empreitadas para suas empresas de construção...".

Ao final, os pobres anfitriões nos ofereciam suspiros e refrigerantes. Quentes, naturalmente, porque ali não havia geladeira. Era meu encargo consumi-los, pois Mauro se excusava, apontando-me:

"Não estou bem, mas o doutor Lustosa é doido por Fanta".

Jamais bebi tanta Fanta quente na vida...

## **PEDRO PHILOMENO**

Pioneiro em muita coisa no Ceará, Pedro Philomeno Gomes ergueu o primeiro hotel à beira-mar. O Iracema Plaza era hotel e prédio de apartamentos. Construído sem o concurso de arquiteto, reservava-nos uma surpresa a cada canto.

## **TORRE**

Ali residiu Lúcio Brasileiro, de cujo caldeirão generoso comi muito tempo. Eu e Maurício Xerez, que descera a Serra da Ibiapaba, feito a personagem de José de Alencar, para tomar banho de mar na Praia de Iracema.

## **VIRGINDADE DEFENDIDA**

Depois, muito depois, construiu-se o Beira-Mar, que, durante muito tempo, teve como gerente fervoroso irmão leigo da Ordem de S. Francisco. Santo homem! Não deixava, em hipótese alguma, que moças subissem aos apartamentos dos hóspedes. Graças a ele, muita virgindade nativa continua intacta, não foi ceifada pela avidez dos forasteiros. Há quem diga encontrou sucessores, no ramo, em pleno ano da graça de 1992. Tendo gente assim no comando, o hotel pode até fechar. O mundo, porém, não está de todo perdido.

## OS MENINOS QUE NÓS FOMOS

"Mas, meia hora depois, quando me retirei do baile, às quatro da manhã, o que é que fui achar no fundo do carro Os meus cinqüenta anos. Lá estavam eles, os teimosos, não tolhidos de frio, nem reumáticos, mas cochilando a sua fadiga, um pouco cobiçosos de cama e de repouso".

(Machado, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*).

"Hoje já não faço anos.

Duro

Somam-se-me dia."

(Fernando Pessoa).

"Chegou um tempo em que a vida é uma ordem.

A vida apenas, sem mistificação.

(Carlos Drummond de Andrade).

Sonho viver e morrer na estrada. Nem pensar em aposentadoria. Tenho pavor à idéia de vestir pijama, passar o dia em casa arrastando chinelas ou mexendo nas panelas. Vivo reclamando porque um engenheiro do nível de Antônio Gouveia Neto, ex-diretor do DAER, com expe-

riência de administração, cultura humanista, freqüentador, quando estudante, da casa de Manuel Bandeira e Rachel de Queiroz, inventa de se aposentar quando ainda tem tanto a oferecer à sociedade, ao Estado. É o caso de Guilherme Neto, tão lúcido e válido. Como se pode entender já queira encostar as chuteiras

É outro menino.



Por falar em menino, um dos males do jornalismo contemporâneo reside na invasão de crianças. Tem redação que é verdadeiro jardim de infância: por isso, um revoltado, li um dia destes, o repórter chamar um cara de 55 anos de idoso. Idoso é a mãe de quem possui tal medida do tempo.



Devo reconhecer que os cinquentões sofrem outras humilhações e vexames. Não vou negar. Isso, porém, não é motivo para que nos recolhamos ao convento ou nos entreguemos à cadeira do papai, para ver a Xuxa.



Já narrei o que me aconteceu, anos atrás, quando descia a ladeira da Abolição, rumo ao centro. Divisei, na esquina do Náutico Atlético Cearense, duas suburbanas, esplendidamente despidas em seus biquínis, pedindo carona. Otimista, parei. Uma delas, enfiando a cabeça no interior do carro, perguntou: "Tio, deixa a gente no centro" Claro que, com tal apelativo, não deixei. Ela não soube nem mentir. Que lhe custava me dispensar tratamento mais compassivo



Um dia desses, meu barbeiro, o Dinarte, veio pra cima de mim com uma conversa mole sobre as técnicas que utiliza para enegrecer cabelos. Fiz que não era comigo.

"Afinal, a quem engano, se pintar os cabelos"

Ele me pintará o coração também



O pior foi o que disse o velho motorista de taxi, conhecido desde os tempos do Bairro da Piedade, o "Carioca", que trabalha à porta do Hotel Ibis e que me atende. Um dia desses, acho que lembrando o restô dos Aviadores, comentou, com tocante naturalidade.

"Era do tempo em que o senhor era rapaz".

Quase chorei com saudade de mim.



Estamos sujeitos a tais dissabores. O pior é que os comentários saem espontaneamente, sem o intuito de ofender. É quando doem mais. O Luiz Marques, por exemplo, é mais ou menos de minha idade. O êxito, na vida pública, lhe enbranqueceu os cabelos. Narrou-me que, um dia desses, foi parado, na rua, por patrulha policial, empenhada em apreender armas. Percebendo suas cãs, um dos policiais propôs ao outro liberá-lo da revista. Ouviu, então, com dor n'alma, o argumento:

"É um senhor idoso. É melhor deixá-lo ir sem revista".



Foi o que aconteceu com Rangel Cavalcante, outro que já tem os cabelos totalmente brancos. Com ele não houve, sequer, palavras. Só o gesto. A ação. Mudos. Quando entrou no ônibus executivo totalmente lotado, um recruta, imediatamente, se levantou. Respeitosamente, lhe cedeu o lugar.



Tem estória muito mais doída do Luiz Fernando Veríssimo a esse respeito que somente lamento não saber contar como ele. O coroa descolara gatinha em flor e estava abafando, no bar, humilhando amigos e conhecidos.

A moça estava gostando. Ele, também. Nem parecia que vinte e tantos anos os distanciavam. A certa altura da conversa, saiu de sua boca, porém, a palavra "Tio".

Ela parou no meio da palavra, acho que nem a proferiu, por inteiro. Nunca soube, exatamente, se ele ouviu ou não ouviu ou então fingiu que não. Só percebeu que a palavrinha ficou, ali, azedando o ar, como gargalhada em enterro, palavrão na missa e tudo, entre eles, foi-se ficando devagar até que a noite se foi e, com ela, a ilusão daquele romance que o calendário inapelavelmente condenava.

## A RESSACA QUE O CHATO TE DÁ

Não compro uísque de contrabando. É que amo o fígado como a mim mesmo. Certa vez, ia a uma festa, *chez* Tarcísio Tavares. Acho que era aniversário dele. Quando por acaso, ergui, diante da luz, a garrafa de uísque que comprara para lhe levar de presente, verifiquei, com horror, que o líquido estava sujo. Sujíssimo. O canalha do falsificador nem se dera ao trabalho de usar água (ou álcool) limpa. Derramei a gororoba na pia e nunca mais recorri aos muambeiros. Se não posso consumir o meu *Old Parr*, contento-me (mais preciso seria dizer conformo-me) com Bells. E não corro mais riscos. Quem vai à minha casa, sabe disso. Em compensação, como sou mal educado, não hesito em perguntar aos meus anfitriões sobre a procedência de seu *scotch*. Compro-o, nos supermercados, certo de que ali não há espaço para falsificação (ou há Aí equivale a você comprar dólar falso no banco. Se isso ocorrer, estamos perdidos).

É claro que, às vezes, você não tem essa intimidade e deve tomar precauções. Uma vez, havia reunião de jornalista em casa de autoridade aqui na Corte. Pois bem. Percebi que o uísque era grosseiramente falsificado. Dava pra notar desde o rótulo sujo até à maneira como a tampa fora pregada. Optei pelo vinho.

Certa noite, em Fortaleza fui à casa de um conhecido com a patota que freqüentava. Lá ele serviu *scotch* notoriamente fraudado. Não sei se foi o Cláudio Martins ou o Otacílio Colares que o advertira para o fato. Pois bem. Ele não entortou caminho. Foi em frente. A princípio, fez que não ouvira. Depois se limitou a negar a evidência. Bate-mos em retirada.

Outra vez, fomos conhecer a adega de um milionário - havia, ali, toda espécie de uísque importado. Pois bem, quando ele terminou de exhibir seu rico estoque, tentou servir-nos um *Mansion House*. Lúcio Brasileiro protestou no ato. O novo rico, meio encabulado, foi buscar a bebida de primeiro mundo que nos exhibira.

Outro rico nos convidou para um uísque em sua nova casa. Literalmente e não o percebemos logo. Quando lá chegou, estava ao telefone. Interrompeu a ligação para nos receber, apontar o bar e pedir que escolhêssemos o uísque de nossa preferência. Ficamos com o *Old Parr* que estava na garrafeira de cima, próxima ao teto. Ele veio, sorridente, e nos perguntou:

- "Qual uísque vocês escolheram"

- "Old Parr, esclarecemos.

Ele tirou o maravilhoso licor, destilado nas pradarias da Escócia, de seu esconderijo no alto, serviu-nos e o levou de volta.

Olhamos uns pros outros, dizendo-nos sem palavras: "Quer dizer que é um só mesmo!" Consumimos nossa dose, alegamos outro compromisso e fomos continuar os trabalhos no Ideal.

Gosto de copos baixos, amplos e pesados que tenham, como devem ser as mulheres, algo em que se segurar, se pegar. Tenho balde de gelo enorme que dá pra

atender a um batalhão. Paulo José Cunha, o Bozó, é que, vendo tudo isso, observou:

- "Isto é que é vontade de beber e dar de beber!"

Além da honestidade da bebida, o fundamental é a companhia. Um chato avinagra o melhor champã, arruína o uísque mais nobre, provoca, dia seguinte, a resaca mais desesperadora. Dize-me com quem bebes e dir-te-ei quem és.

Outra regra fundamental para o uísque descer redondinho, deixar a gente feliz, consiste em evitar dissensões, polêmicas, teimas. Na mesa que frequento, todos os crepúsculos, religiosamente, uma regra: não bater boca. Principalmente sobre política. Somente conversamos sobre o que nos aproxima, nos une, jamais sobre o que nos afasta, nos divide. Por isso, podemos varar feroz campanha presidencial, chegar à outra margem, sem uma baixa. A única perda sobre sofrida foi a do Tourinho, um príncipe, uma espécie de Guilherme Neto na elegância moral, que bateu asas e voou pro Espírito Santo, com saudade do mar. Aí não foi culpa nossa, e sim do Juscelino.

Amo o uísque, mas não sou um *connaisseur*. O cara que sorve o seu scotch com a minha sede, achando que a Escócia jamais vai destilar tão divino licor, como se ele fosse acabar e com tantas pedras de gelo, é bom copo.

Por isso, certa vez, visitando o Lúcio Brasileiro, ele, com carinho fraterno, quis abrir um *Royal Salute*, em minha homenagem. Recusei, alegando que não o merecia. Ele se espantou, porque sabe que humildade não é o meu forte, quis saber por quê. Expliquei-lhe exatamente isso, o *Royal Salute* é pra ser bebido de joelhos, com uma unção, puro, com um copo d'água ao lado. E nunca profanado com cinco ou seis pedras de gelo, como é meu hábito. Aí trata-se de refresco, garapa de uísque, confesso.

## NASCEU!

Saiu, afinal, meu romance. Lembro-me de que estava em Paris, em setembro, quando Lúcio Alcântara anunciou que ele estava saindo. Prum cara ansioso como eu, vocês imaginem o quanto foi duro agüentar tanta maçada, tanta protelação!

A sorte são os amigos. Cláudio Castelo, o psicanalista, começou a peregrinação. Levou meus pobres originais à Companhia das Letras. Lilian Schwarcz, mulher do dono, não sei se pra agradar ao amigo comum, disse que até gostou deles. Os outros leitores da editora o refugaram. Lúcio Alcântara, então, os levou para a Maltese. E, durante este tempo todo, empenhou o prestígio de que desfruta para que meu primeiro romance fosse publicado por editora com distribuição nacional. Sem ele, sem sua paciência, sem sua humildade, há muito teria mandado o pessoal da editora pra aquele lugar, porque sempre publiquei meus livros em um, dois meses, no máximo. Reconheço: seria um desabafo inútil - mais que inútil, prejudicial, e teria perdido a parada. Ele me poupou da peregrinação telefônica quase diária e da irritação com tanta demora. Enfim, o livro saiu.



Quero ver se todos os amigos e muitos leitores vão a seu lançamento no Ideal. Principalmente aquele pessoal que me escreve, aplaudindo a defesa que faço de funcionários, bancários e professores e que promete votar em mim. Dispensio os votos. Não quero eleitores. Agora, preciso de leitores. Queria que muita gente fosse à minha festa. Mesmo sem convite escrito. Se eu pudesse, escreveria a mão pessoalmente todos os envelopes, contendo os convites. Tanta gente merece. Não creio haja tempo. Nem informação. Um cara que mora há 22 anos longe da terrinha não tem como convidar muita gente de quem gosta e que o lê. Venham todos quando for hora. Queria que vocês lessem o livrinho e vibrassem com suas lorotas. E me prestigiassem. Tenho complexo de inferioridade. Queria levar mais gente à noite de autógrafos que o Blanchard Girão. Ele e a mulher são tão bons caracteres que são capazes até de contribuir para isso. O mundo possui gente assim e é o que o salva e nos encoraja a continuar vivendo.

## LANÇAMENTO NO IDEAL

No Ideal, à sombra amiga do Luiz Carlos Aguiar, lancei *Vida, Paixão e Morte de Etelvino Soares* em meio a uma multidão de amigos. "Parecia o réveillon comentou uma amiga. Uma festa para o meu coração. Agradei ao dono da casa a hospitalidade. Aos amigos Cláudio Castelo e Lúcio Alcântara que, por mim, fizeram a peregrinação das editoras paulistas. A Yolanda Queiroz que me liberou da rotina diária do jornal para concluir o livro. Expliquei por que não escrevera sobre Paris, onde passei um ano, ou sobre Brasília, onde trabalho há vinte e dois. Porque alguns amigos me pedem temas universais. No mínimo nacionais. Eles se enganam. Não sou universal, sou municipal. Não sou nacional, sou de Sobral. Quando passo a ponte sobre o Acaraú, sinto-me no estrangeiro. No Sabonete, sinto-me no exílio.

Um amigo para quem telefonei, e que não haja ciúmes porque está aposentado e já passou das oito décadas, me recomendou não perder tempo com ele que não vale mais nada. Está muito enganado. Para mim, vale muito. Não sou dos que somente querem a presença do Presidente, do Governador, do Prefeito atuais. Do rico daquele instante. Tudo isso é passageiro. Os amigos, não. Estes são minha maior e duradoura riqueza. São eternos como o amor e a esperança e saber disso é minha virtude. Dom de Deus.



Encontro amigo eminente que não foi à noite de autógrafos no Ideal. Quando o revejo, me pergunta com charme:

"Desculpa de porre vale"

Respondo:

"Claro", e o perdôo.

## **ATÉ AGORA**

Outro amigo me fala de haver encontrado Wagner Barreira passeando na Avenida Beira-Mar e respondendo a quem lhe perguntava sobre como ia: "Estou com 84 anos. Minha situação equivale à do cara que se atirou do último andar do edifício. Quando ia passando pelo oitavo lhe perguntaram como estava. Respondeu: Até aqui, tudo bem. Assim sou eu.

## **CASO COM A VACA**

Wagner Barreira Filho é que não sei se é merecedor de minha indulgência. Não só o convidei como o intimei, sob ameaça, a comparecer. "Se você não for, escrevo crônica sobre seu caso com uma vaca". Intrépido, ele não se perturbou: "Pode escrever porque é verdade. Mas não precisa disso, não". E não foi o danado que, depois de sólidos êxitos na advocacia, decidiu perder dinheiro na agropecuária O que me lembrou o Papa João XXIII, que dizia: "Há três maneiras de empobrecer seguramente. Com o jogo. Com as mulheres. E com a agricultura. Nós, os Roncalli, escolhemos a menos divertida..."

## ESTES ADORÁVEIS MENTIROÇOS

"Para mim, a arte do romance não era a da mentira (isso exigiria a turvação dos sentidos e a distorção da realidade social), mas sim a do fingimento. E expliquei que a arte de fingir representava uma lucidez e uma clarividência em duplo, o mais próximo possível da imitação crítica da verdade pela verossimilhança. Mas se não era um menteur, então como me considerava eu Um fingidor Um louco" (João de Melo, *Dicionário de Emoções*).

Tem uns dias em que você está doído para voltar à mesa de trabalho, ao computador e mandar seu recado aos leitores, se comunicar com eles. Isso não garante que você vai produzir boa crônica. Bela obra literária. Apenas lhe assegura escrever com prazer e rapidamente. Falo de crônicas porque sou talento fascicular. Não sou capaz de grandes e contínuas criações. Sou que nem o confeitiro que leva, ainda quentes, para a mesa dos fregueses, os bolos e confeitos que fabrica, só pela urgência de vê-los consumir o produto. De registrar o prazer que lhes proporciona e que, por isso mesmo, é também seu. É que me faltam, repito, talento e paciência para grandes obras. Sou capaz de realizações esparsas, para imediato regozijo, prazer e consumação do público e logo volto à faina, numa batalha incessante que se prolonga há quarenta anos. Eu

sempre plantando minhas couves, sem vôo nem dimensão de semear carvalhos. Taí uma frustração que me rala por dentro. Não sou romancista, embora haja escrito um romance. Que é muito mais uma colagem jornalística que ficção, livro de romancista. É um enjeitadinho que continua a viver penosa peregrinação pelas editoras paulistas. Temo por ele. Pelo vexame que me possa infligir. Por uma razão muito simples. Afinal, sou um jornalista que nada cria, um ser incapaz de inventar. Apenas copio a realidade ou a versão da realidade que me chega. Sou um parasita da documentação que pretende perenizar a realidade, resgatá-la ao olvido. É que não sei mentir. Não tenho, para tanto, gênio nem paciência. Desisto logo. Sofro da deformação profissional de todo homem de imprensa, escravo do fato. Ou da maneira como o fato lhe chegou aos sentidos. Quem me dera haver nascido com o gênio dum Balzac, que chamo plagiário de Deus pelos mundos que criou e povoou. Nem queria tanto. Bastavam-me as fantásticas artes desse genial mentiroso Jorge Amado, que, há cerca de seis décadas, mente em sessenta e tantas línguas, sobre meninos de rua, mulatas e seus amantes árabes, sempre com graça. Saber contar histórias como José Condé. Igual a Fernando Sabino.

O pior é que me baseio em acontecimento histórico para elaborar minha ficção. Aí converto-me em vítima do parasitismo documental. Seu escravo. Não sei como quebrar as amarras do modelo real. Borges diz que quando se escreve romance histórico, corre-se o risco de dizer que uma personagem fuma e quem o conheceu dizer e provar que abominava o fumo. Que era alto e falante e tudo lembrar aos outros que era baixinho e taciturno. Para ele, é preferível não se perder nesses atalhos.

Não são apenas essas as vicissitudes dum romancista estreante. Um dia desses, a editora anunciou que man-

daria os originais da obra, já compostos. Passei a viver os terrores da véspera. Tornei-me prisioneiro do prazo. Eu, que há dias, semanas, meses, aguardo o desenrolar da novela de minha novela, fiquei a sofrer a angústia da espera. E, depois, muito mais, a frustração da espera sem chegada, sem encontro. Muito mais que antes, quando não havia um marco, uma previsão delimitando minhas sofridas expectativas. Ah, que parto mais demorado, que parto de mula!

Se vocês encontrarem "*Gente feliz com lágrimas*", deste açoriano João Melo, comprem-no. E vão logo para casa, sem perder um minuto. Para conhecê-lo. Na hora. Não deixem para depois. O romance vale, como Paris, uma missa. Seu "*Dicionário de Emoções*" poderia chamá-lo livro de crônicas talvez - também me tocou. A ponto de copiar a mão, tal como fazia nos tempos de adolescente no Seminário, todo um capítulo edipiano sobre a mãe. Para ver se aprendo a escrever. Se melhoro minha escritura. Talvez não consiga - vocês não poderão, porém, dizer que nem tentei. Ontem à noite, lia e copiava "*Dicionário de Emoções*" e ouvia músicas de seresta na voz de Francisco Petrônio e Dilermando Reis e lembrava Guilherme Neto cantando na velha PRE -9, no programa "Um Seresteiro canta em surdina". Vivi um instante de prazer. Um momento feliz. Para ser completo, só me faltou mesmo o melhor amigo do homem, o cachorro engarrafado de que falava Vinícius, o *scotch*. Um dia ele volta. Aí, então, estarei a um passo do Paraíso.

## UM ANJO DA GUARDA RETARDATÁRIO

Lúcio Brasileiro não tem telefone porque não acredita que notícias lhe cheguem através de tal tecnologia. Está enganado. Há exceções. Não são muitas. Que as há, há. Eu que o diga.

A gente nem tem mais idade de pensar em anjo da guarda quando ele aparece de paletó e gravata, como se fosse um de nós. Já lhes conto. Há uns três anos, um amigo me abordou num restaurante dizendo que lia crônicas em que eu falava com saudades de Paris, e que estava disposto a me ajudar a rever a Cidade Luz. Não dei muita bola à promessa porque elas se fazem muitas vezes sem maior compromisso com a realidade. Quando se definiu minha ida à França, porém, me ligou para dizer que aquele papo era para valer. Disse-lhe que "sim", ainda sem fazer muita fé. Ele voltou à carga. Pela primeira vez, vi um cara insistir, de mesmo de verdade, para fazer favor. (Porque existe aquele que só insiste, teima. Esplende de generosidade). E mais tarde me apareceu no hotel com a quantia correspondente ao bilhete de viagem. Quando me ocorreu operar o coração ainda lá, insistiu numa simpática ajuda às despesas de recuperação. Agora diz que sabe das despesas de viagem, hotel, divulgação com o lançamento do livro em Lisboa e se propõe me aliviar a carga. Ainda há gente assim. E isso é que salva o mundo. Hão de dizer que tem tais atitudes porque ganha bom dinheiro. Em

parte é verdade. Mas se todos os amigos que tenho e que estão ricos, cada vez mais ricos, tivessem tais gestos, eu estaria viajando à Europa mais que comissário de vôo internacional.

### **UM CARA DE MAL COM A VIDA**

Um cara de mal com a vida, ao saber disso, murmurou: "Grande besteira! Se estivesse doente, com o aluguel atrasado, ainda vá lá! Para ter um vidão em Lisboa, não! Esse é o pensamento de gente mesquinha que nunca vai ter uma atitude generosa. Só te ajuda se estiveres com câncer em último grau ou se te encontrares despejado, morando debaixo da ponte. Bom, aí é caridade, misericórdia, piedade. É assim: quer te ver lá em baixo. É desculpa amarela para mesquinharia. Gosto de gente é que quer como sou, vivendo acima das posses, bebendo mais do que devo, comendo sempre melhor do que no dia anterior! São meus amigos tal como sou. No gosto de viver bem, na imprevidência e na imprudência.

### **SAUDADE**

No restaurante me ofereceram um *Bairrada São João*. Não posso recusá-lo. Afinal, quem me tornou familiar desse vinho foi meu saudoso amigo Manuel Dias Branco, que o tinha como preferido na garrafeira de sua casa solarenga em Aveiro. Sorvo o líquido, lembrando as nossas conversas dantanho, suas estórias do Ceará e da Fortaleza dos anos 30 e seu *sense of humour* que tanto apreciava.

### **SEM EXIGÊNCIAS MAIORES**

Quando, certa feita, Lúcio Brasileiro quis abrir garrafa de *Royal Salute* em minha homenagem, recusei, alegando não o merecer. Como ele sabe que modéstia não é meu forte, pretendeu saber as razões da recusa. Expliquei-

lhe que um cara como eu, que bebe seu *scotch* com cinco a seis pedras de gelo, não sorve uísque. Bebe garapa de uísque. Então não pode ficar com exigências de marca tal ou qual. Safra esta ou aquela.

## QUEM PENSA CONHECER

Aliás, esse negócio de conhecer uísque quase deu tiro no Ideal. Conhecido médico gabava-se de distinguir uísque nacional do escocês, no ato. Conhecia marcas e safras. Seus amigos, então, lhe prepararam uma peça. Colocaram um litro de *Mansbion House* num recipiente de *Ballantine's* e lho serviram. O connoisseur, encantado, sorvia o divino licor: "É escocês legítimo. Um *Balla* da melhor qualidade". Um dos amigos caiu na besteira de revelar que ele consumia uma bebida nacional. O que os outros confirmaram. Houve briga. Intriga mortal. Quase saiu tiro.



Jorge Amado conta molecagem idêntica que fez quando de uma visita do poeta Pablo Neruda ao Brasil, na década de quarenta. Acabara o vinho chileno do anfitrião. Que estava sem dinheiro para repor o estoque. Naquele tempo os importados eram caríssimos. Moleque como ele só, Jorge pegou as garrafas de vinho chileno e não teve dúvidas de enchê-las de vinho brasileiro, que o grande Pablo Neruda bebeu e elogiou largamente.

## BOM LIVRO

Aliás, tal episódio está relatado em *Navegação de Cabotagem*, seu livro de memórias. Excelente. Bom porque você pode ler a partir de qualquer altura do volume. Não entendo porque não obteve aqui a repercussão merecida. Parece haver alcançado mais sucesso no exterior.

## ARI, SETENTÃO

Quem chega a uma idade redonda, a mesma de Dorian Sampaio, é Ari Cunha, um dos fundadores do *Correio Braziliense*, que consegue conciliar o lado boêmio ( a frequência diária à roda de amigos de bar) com o zelo profissional, tanto que é um dos diretores do principal jornal de Brasília e o condômino dos "Diários Associados". Sua coluna, publicada desde o primeiro dia do jornal, é a cara de Brasília. Ari, que trabalhava nos "Diários Associados", em S. Paulo, começou a montar "O Jornal" em 1958, um dos melhores periódicos que tivemos em todos os tempos, de propriedade de Bonaparte Pinheiro Maia, novo rico que queria se eleger deputado, fazer o irmão Salomão deputado, o que acontecera ao outro, Vesúvio Valadão, vereador, no que se frustrou porque o eleitorado da capital não se rendeu aos seus encantos pecuniários. Certa vez, num papo ameno, leve discussão, no que viria a ser a redação do jornal, Ari chamou-o: "Bonaparte". O patrão, de repente, transtornou-se e repreendeu-o batendo no suntuoso anel de chuva de bacharel em ciências jurídicas que portava: "Doutor Bonaparte!" E ante o surpreso Ari, prosseguiu: "Aqui é doutor Bonaparte, doutor Salomão! Só não doutor Vesúvio, porque ele é contador!" Já refeito do susto, Ari Cunha, então, se despediu: "Então, adeus, dr. Bonaparte!" Juntou seus teréns e nunca mais voltou ao emprego.

Ah! A linguagem e a interpretação dos gestos!

O grande educador Paulo Freire, então exilado no Chile, andando por uma das ruas de Santiago em conversa com um amigo, passou a mão sobre seus ombros e ali a deixou ficar, o que tornou o interlocutor bastante incomodado. Notando seu desconforto, quis saber da razão. O outro lhe pediu tirasse o braço, e, como quem se desculpa, explicou que o gesto de envolver o parceiro pelo pescoço era interpretado no Chile como cousa de veado.

Não só no Chile. Lembro-me de que, no nosso tempo de repórter político junto à Assembléia Legislativa do Estado, havia um deputado, de origem militar, que, deixando o velho prédio em direção da Praça do Ferreira envolveu do mesmo modo o Frota Neto. Este, apesar de mortalmente tímido, pediu ao outro para tirar o braço de seus ombros: "Como o senhor é deputado e coronel, vão dizer que o veado sou eu..."

Em certos países árabes, no entanto, os homens passeiam, pelas ruas, de mãos dadas, com toda a tranqüilidade. Lá também os pais não castigam a prole, dando palmadas na bunda dos filhos pequenos, o que parece desrespeito intolerável. Esbofeteiam-lhes o rosto. Batem-lhes na cara.

Na Rússia, vigora o beijo na boca como saudação entre amigos, pessoas que se estimam. Fidel Castro, nos tempos em que dependia da então URSS quando chegava a Moscou, começava a soltar baforadas vorazes de seu havana para evitar a tradicional saudação. Tinha medo de que a CIA o fotografasse sendo beijado na boca por outro homem e passasse a espalhar para os cubanos que o grande líder virara "maricon".

## QUE CALOR

E dizer que o tempo passado era melhor. Era nada. Não havia geladeira. Não havia papel higiênico. Pílula an-

ticoncepcional. Não havia ar condicionado. Aliás, aqui para nós, um dia desses, Raquel me repreendeu porque não fui politicamente correto, ao dizer que seria muito mais feliz se no Brasil não fizesse tanto calor. Devia ter dito que minha ventura seria total quando não houvesse mais massacres da PM, morte violenta de índio, prostituição infantil, crianças sem escolas. Aliás, tudo isso era bom que desaparecesse e esta canícula também, não vou negar. Insisto em que o mundo seria muito melhor se tivesse, todo ele, ar condicionado. Principalmente aqui na América e na África. O deputado Alberto Silva, candidato a prefeito de Teresina, propôs colocar ar condicionado na capital piauiense e foi, por isso, injustamente ridicularizado. Devia ter proposto a ampliação de tal melhoramento ao continente e estaríamos todos com ele. Tempo bom é o de hoje.

## A QUEM O MENTIROSO ENGANA?

Um amigo, que cresceu pros lados além da conta e tem pressão arterial alta, recebeu instruções de seu cardiologista para dar boas caminhadas, todas as manhãs. Sensível às ordens do médico, mal amanhece o dia, se paramenta de desportista, põe um boné na cabeça e ruma pro Parque do Cocó. Lá tira a camisa e dá uma volta a pé. Uma só, interrompida por muitos papos, muita conversa fiada. Depois disso, dá a obrigação por cumprida e, de consciência tranqüila, retorna para casa, como se tivesse feito algum esforço, cumprido a recomendação do Esculápio.

É que nem aquele clássico exemplo do funcionário público de antigamente. Chegava à repartição, assinava o ponto e depositava o paletó sobre o espaldar da cadeira em frente ao birô para comprovar sua presença ao trabalho. Atendida tal exigência, saía para flautear, flandar pelaí, conversar fiado no café, no bar, no bilhar até o fim do expediente. Quando, então, retomava o paletó e, cansado do esforço despendido, voltava para casa. Pro merecido repouso.

Parecido com o cara que se matriculava, antigamente, nesses colégios "pp" (pagou, passou) pra conquistar o

diploma sem necessidade de aprender, sequer de comparecer às aulas. Para que serve este Cooper De que vale o expediente do "barnabé" Que utilidade real tem o curso assim porcammente feito

Isso me traz de volta a velha questão: a quem quer enganar o mentiroso Pra mim, mentiroso é um cara a quem a realidade não agrada. Como não aceita o mundo real, cria um irreal só para ele. Refugia-se na fantasia que engendra, nas fábulas que cria. E ali vive feliz. Muitos de nós pregamos tais mentiras, sem que saibamos, ao certo, se elas são proferidas para autoludibrio, para nos enganar a nós mesmo ou se pra enrolar a terceiros.

É o caso do sujeito que nega a idade, que a diminui, contra toda a evidência. Como ficam seus colegas de infância, de curso primário, dos que viveram, com ele, várias etapas da existência Também encurtam o número de seus anos, imitando a mentir, ou desmascaram o falso jovem

Tem ainda o que pinta o cabelo de negro para se dar e dar aos outros a ilusão do rejuvenescimento. A quem engana? Às mulheres? Aos contemporâneos? Aos velhos? Aos moços? Vai-se ver: a ninguém. Esses milagres da tinta não diminuem idade de ninguém. No entanto, muitos a eles recorrem e se sentem bem com a desapareição das cãs, com a subtração de décadas que lhes pareciam excessivas. A gente mente pra autocontentamento. (1997).

## QUEM TEM AMIGOS DE INFÂNCIA

Wilson Ibiapina fala de um conhecido que se gaba de haver reunido, em casa, cinqüenta amigos de infância. Taí uma fortuna de que não me posso vangloriar. Dou um balanço e chego à conclusão de que praticamente não os tenho. Devo de tê-los tido, mas o tempo e falta de objetivos comuns foram esgarçando, desfazendo a relação afetiva, ao longo dos anos. Tudo faz crer que as amizades se fazem muito mais quando definimos a carreira universitária que vamos cursar, a profissão que exerceremos - aí as afinidades são mais duradouras porque surgidas em tempos de maior amadurecimento. É quando firmamos relações que nos vão acompanhar (e até ajudar) no resto de nossas vidas.

Um dia desses recebi *mail* de uma colega do Educandário S. José, estabelecimento fundado por dona Honorina Passos em 1941, no qual estudei quando morei em Sobral. Por mais procurasse me lembrar não recordava a missivista. Embora tudo se possa explicar por minha timidez paralisante. Na infância e mesmo na juventude, não sabia me aproximar duma mulher. Estabelecer relações naturais com elas. Era um autêntico bicho do mato que somente virou um ente social com o prestígio que o exercício da profissão de jornalista lhe conferiu.

## MEU QUERIDO DIÁRIO

Tenho um caderno (um diário) de 1947 em cujas últimas páginas encontro esta eleição.

"Os meus bons colegas  
Sebastião Mariano Alves  
José Ribamar Medeiros  
Zilmar Guerreiros  
Terezinha Arruda"

Um tanto discriminados estão "Os outros  
Francisco de Assis Linhares e  
Para José Augusto Lopes

Rita Rocha. Sob o título de "Amigos colegas de colégio" anotei dois: Francisco Assis Vasconcelos (Pebinho) e José Eugênio. De todos eles o tempo, implacável, me afastou para nunca mais os encontrar. Amigos mesmos, e os tenho em boa qualidade, foram os que me advieram da Faculdade de Direito ou do exercício do jornalismo.

## CARTAS PELA INTERNET

Fiquei com a impressão - por alguns recados que me chegaram - de que tem gente que não se anima a escrever cartas mas pode navegar na Internet. Pegar o papel, a caneta e elaborar uma correspondência, temendo a crítica do destinatário, de alguém que possa ter acesso àquele papel que tem ainda de ser levado aos Correios, selado e postado, tudo isso pode ser problemático, dificultoso. Essas mesmas pessoas parecem que hoje, diante do computador, se desinibem um pouco, despedem-se de receios e temores e são capazes de mandar recados. Que chegam

logo à mão da gente. Pelo menos, por enquanto isso não mata a saudade da carta tradicional.

Claro que algo se perdeu com isso. Já não há o prazer de encontrar a carta na caixa de correspondências. Ou ser chamado pelo porteiro para recolhê-las para que ele saiba de que alguém, em algum lugar, esteve (está) pensando na gente. Nem a sensação tátil de afagar o envelope, abri-lo e ler seu conteúdo. Surgiu por conta da modernidade um novo jeito de receber correspondência e, claro, de respondê-la. Meu novo *e.mail* é [sobral@@essencial.com.br](mailto:sobral@@essencial.com.br).

## **NÃO PODEMOS PERDER VELHOS AMIGOS**

Um dia desses, um colega me telefonou de Fortaleza para almoçar com ele. Acorri pressuroso. Ele deve de ter ficado surpreso. Talvez sem entender a razão de minha alegria. É que há, entre nós, um passado comum, de vivências, de experiências que não existe na relação com outros colegas de profissão. Um patrimônio que não mais pode ser constituído hoje em dia e que cumpre preservar. É que, depois de certa idade, não há como fazer novos amigos. Os antigos devemos conservá-los, a qualquer custo. Sempre digo que não estou mais em idade de perder nenhum amigo.

(1997).

## COMEÇO A NAVEGAR NA INTERNET

Estou começando a navegar na Internet. Ainda não penetrei todos os mundos que ela me promete e ainda me estão vedados. Chego lá. Vai ser a melhor coisa da vida, principalmente quando não tiver ao alcance dos ouvidos outros velhotes para escutar minhas lorotas. Soltarei meus recados ao mundo. Sem falar nas companhias que encontrei. Foi fantástico receber recado do Frota Neto domingo a respeito de crônica publicada no mesmo dia no DN GENTE.

Melhor ainda foi deixar uma mensagem para o romancista moçambiquinho Mia Couto, de quem, tanto aqui tenho falado, e daqui a pouco ler sua resposta, vinda da beira do Oceano Índico, transpondo a Ásia, o Oceano Atlântico para chegar à mesa de meu escritório no Planalto Central brasileiro. É algo inimaginável para minha geração. Por falar em Mia Couto, Blanchard Girão foi apresentado a ele pela Reitora da Universidade do Cariri, Violeta Arraes, e adorou, como eu, "*Estórias Abensonbadas*" e ameaça citar, por edital, o poeta Barros Pinho para lhe devolver o exemplar do livro de contos de que se apropriou.

## TUDO PARA SER CONHECIDO

Não é fácil se tornar uma pessoa conhecida. Geralmente custa muito tempo, trabalho e esforço ficar famoso. Isto não acontece de graça. O cara rala, dá duro, faz o diabo para alcançar as manchetes, e quando chega lá tenta se esconder. Proclama renegar a fama, a notoriedade, a glória. Feito o Sílvio Santos, que se homiziou em Miami para ser um qualquer, poder andar livre, leve e solto pelas ruas sem ser parado por fãs, por pedidos de autógrafos, fotografias a seu lado. Não é engraçado

## QUERIA SER ANÔNIMO

Lembro-me de quando o senador José Sarney, então presidente do partido majoritário, o partido do governo, PDS, decidiu, sem avisar à imprensa, assistir às festividades da Semana Santa no Porto. Foi um deus nos acuda! Uma tremenda crise! Milhares de conjeturas, de especulações, de boatos foram engendrados em torno da viagem misteriosa. Lembro-me dele voltando, antes do tempo, para sufocar a boataria e se queixando: "Não tenho direito?" Claro que não. Disse-lhe que não tinha. Pela importância dos postos públicos que ocupava naquele tempo, não lhe assistia o direito de agir como qualquer do povo. Como um qualquer. Devia satisfações à opinião pública do País.

## AR-CONDICIONADO

Devia haver ar condicionado em toda a América Latina. No Brasil. No mínimo precisamos de ar condicionado

no carro. Não é só conforto. Para diminuir o calor. (Vão dizer que estou na menopausa por me queixar tanto na aspereza do clima. Do que antigamente se chamava canícula). Nem apenas certa defesa contra assaltos. É também uma maneira de fugir à panfletagem comercial. Você, pela rua, é obrigado a receber dezenas de folhetos de propaganda. A cada parada lá vem a mocinha sorridente te entregar um pedaço de papel de publicidade. Findo o dia, o carro está lotado de papelada inútil.

## **PREPARADO PARA O QUE É BOM**

Estou sempre esperando o melhor, até o ótimo, segundo Guilherme Neto. Para ele, não existem duas pessoas mais crédulas de que eu e o Lúcio Brasileiro. Se nos disserem que está chovendo ouro na Praça do Ferreira, acreditaremos piamente e lá levaremos chapéu para recolher o precioso metal. Ele prevê que Brasileiro, orgulhoso, ou temeroso dum trote, não vá pessoalmente, mande um secretário. Já o Lustosa, de acordo com ele, vai. Pois é, estou sempre esperando que vá ser premiado na Mega sena. Mal faço o jogo, começo a investir. Ou então como agora, na Lotterie alemã, de Hamburgo, em que também ando apostando. Sabem para quê Para quando chegar o Juízo Final e eu me queixar a Deus de que não me fez milionário Ele não poder, em resposta, alegar: "Também, você nem jogou na Loteria...". Por isso, jogo. Sim, jogo pouco, mas jogo toda a semana. Tenho impressão de que passei da idade de ficar rico. O que faria com tanto dinheiro Um dia desses, minhas aspirações de consumo se limitavam a mandar fazer camisas em Lisboa, comprar um Opala de luxo usado e um apartamento com gabinete e dois quar-

tos de empregada para encher de livros. Os que li, os que lerei e os que nunca hei de ler, mas quero ter perto de mim, acessíveis a mim.

Guilherme Neto tem razão. Às vezes, em meu delírio, espero ganhar o Nobel de Literatura. Só não espero é coisa ruim. Pode até chegar. Estou sempre à espera, disponível para a fortuna, a ventura, a glória.

### CRÉDULO SOU MESMO

Uma vez, hospedei-me no hotel dum amigo a quem pedi reservar um apartamento. Só. Quando vi na portaria minha ficha com o nome do proprietário recomendando-me, decerto, apressei-me logo em dizer ao Pádua Lopes: "Vê como o Fulano é gentil. Colocou meu nome como seu convidado". Só me despedi de tal ilusão ao encarar a conta da hospedagem. Integral. Sem, sequer, esses abatimentos que se concedem, quase automaticamente, em todos os hotéis. Outro, me encontrando num restaurante com Dorian Sampaio, indagou sobre o hotel onde me alojava. Quando respondi, lamentou que eu não prestigiasse o de sua propriedade. Agradei, e quando ele saiu comentei com o amigo a gentileza do outro. Dorian, macaco velho, desfez minha ilusão: "Ele não te ofereceu nada, não. Apenas pediu para que desses preferência ao estabelecimento dele. Pagando, naturalmente." Por isso, elegi o IBIS. É perto da casa em que dona Dolores morou até um dia desses e do Ideal Clube, onde encontro sempre fisionomias amigas. Não pertence a nenhum amigo. Pago suas módicas diárias e sou muito bem acolhido ali.

## ESTOU-ME TRATANTO

A única coisa boa dessa globalização foi a rebaixa dos preços do vinho francês de que me abasteço em proporções industriais. Quando entro na Casa do Vinho, tenho a sensação de que penetro numa farmácia. Ali adquiero muitas ampolas de remédio para que jamais me falte. É da saúde que estou cuidando. E até que o remédio não é mal. Muito melhor do que o Calcigenol de nossa infância. (Porque o atual preparo é muito diverso). Ou então do que aquele horrível Óleo de Fígado de Bacalhau.

## NA DÉCADA DE CINQUENTA

Quando cheguei a Fortaleza, no comecinho de 1956, calcinha feminina ainda era peça íntima. De sorte que, nós adolescentes, ficávamos em frente ao Cine Diogo, na Rua Barão do Rio Branco, de olho nas travessuras da brisa, desfolhando as várias anáguas das moças. Ali, por sinal, só se entrava de paletó e gravata.

Um contemporâneo ficou célebre pela argumentação com que tentou levar a namorada a tomar mate gelado, em "A Cabana", sorveteria que ficava na esquina com a Guilherme rocha, onde funcionou a Rádio Iracema e onde fui saber do mestre Heribaldo Costa quais as possibilidades de ser aprovado em sua disciplina "Introdução à Ciência do Direito": "Vamos ao mate. É muito diurético".

Àquele tempo, comeu, tinha que casar. Se a família de classe média possuía poder de fogo para cobrar o resarcimento do hímen, através do casamento, a "vítima" era discretamente exportada para o Rio, onde as moças do Norte, virgens ou não, tinham a melhor aceitação no mercado matrimonial. Principalmente, entre nordestinos, nostálgicos das conterrâneas. Falo da classe média porque ricos e pobres encaravam o problema com menor complicação.

A moçada de hoje, que nasceu com o conforto dos motéis e sob a proteção da pílula, nem imagina o quanto o amor era arriscado naquela época. Não havia motéis. Existiam arranjos: senhoras cediam quartos (geralmente sujos) a casais. Não se tinha discrição nem higiene. É claro que ninguém deixou de fornicar por causa disso. Sempre se deu jeito. Outras vestiam profissionais com farda da Escola Normal, a fim de valorizá-las ante clientes ricos e velhos.

Os motéis ambulantes eram os carros de praça, os automóveis dos postos Mazini, Nove, Pará, Vitória. Ali, na Praça do Ferreira, com o argumento de gorjeta razoável, alguns de seus motoristas nos levavam à Praia do Futuro, então sem asfalto e sem risco de assalto. Ficavam sentados numa pedra, num monte de areia - olhando as estrelas enquanto o banco traseiro do automóvel servia de quarto de casal.

Era incômodo. Ninguém, porém, deixou de namorar por isso.

Havia acidentes, sim, frutos da paixão ou da imprevidência. Ainda não havia pílula. E os homens se encabulavam de comprar camisinha nas farmácias. Em tais tranSES, batia-se às portas dos fazedores de anjos, tão úteis nas angústias do então e tão hipocritamente condenados pelos jornais.

Mulher de saia, muito justa, não trafegava impunemente na Praça do Ferreira. Levava, no mínimo, uma vaia. Lembro-me bem de uma delas, que assustada, temerosa da bolinagem do público masculino excitado, refugiou-se na Casa Parente. Ficou, assim, sob proteção do Inácio Parente. Que tal E foi, ali, na calçada do tradicional magazine, que um desembargador aposentado não contou duas vezes. Fez justiça com as próprias mãos, conferindo, em públi-

co, o encanto de uma bundinha empinada e provocante que se escondia ( ou se oferecia) dentro de calça apertadíssima. Na década de 1960, mal atado pelo Código Civil, infeliz de fazer dó, amei. Quanto amei! Amava que dava para sentir o coração acelerado e feliz, quando a porta do apartamento do Jalcy Avenida, de onde escorraçava, sôfrego, o Prata, o inquilino, se abria para dar passagem à bem amada a quem recebia, num abraço que fundia nossas almas numa só. Minha pobreza era grande. Por isso, nunca fui tão feliz na adversidade. Essa antípoda era mais moça. Gostava era de J. G. de Araújo Jorge e curtia de Altemar Dutra. Nada de Bandeira, de Neruda, de Rainer Maria Rilke, com quem eu andava às voltas.

Nem tudo, porém, é perfeito. Minha amada tinha um noivo. Menina reta e simples, não gostava de complicar a vida. Ele era a segurança, a rotina, a expectativa do casamento. Eu, mais velho, a aventura, o pecado vespertino, o amor do proibido, a expectativa do escândalo. Para simplificar as coisas, elegeu, para mim e para o noivo, o fox "Rosas Vermelhas Para Uma dama Triste", que sempre pedia ao pianista, nos locais onde os dois casais se encontravam.

O noivo, porém, estava longe de tolerância e logo sabereis por quê. Certa noite, foi atrás de um caminhão, de um piano, de um violão, de um violonista, de um cantor e se tocou para a casa de nossa amada, a fim de executar torpe vingança. E, a noite toda, a pobre moça teve de ouvir, à janela de seu quarto, a voz langorosa do seresteiro, acusando-a de trair o nono mandamento, o nono da vossa lei. E, por fim, morrendo de dor de corno, a súplica brega de "consolação para um, felicidade para dois".

(16/04/95).

## A VELHA GAZETA

Dos mais desvaliosos quantos passaram pela "academia" da Gazeta, nosso nome não foi lembrado para participar da edição de aniversário recente. Como quem entra numa festa sem convite do anfitrião, eis-nos, aqui, rendendo a homenagem merecida, refeita de saudade, ao matutino independente do Ceará. Aquela mansarda escura, abrigada num sótão velho da Senador Pompeu, aonde fomos dar um dia, galgando a íngreme e perigosa escada, pelas mãos de Luís Campos. O bisonho rapaz do interior de escrever empolado e pouco jornalístico recebeu a incumbência de "traduzir" telegramas internacionais, da agência INS, captados em espanhol. Certa feita, chamado à sala do diretor, ligada à redação por uma ponte medieval, foi convocado a redigir notícia sobre a agressão de um comerciante por fiscal da COFAP. A ordem vinha de José Afonso Sancho, sob a aquiescência do diretor Olavo Araújo. Daí adveio o convite de Olavo para redigir os subeditoriais, logo abaixo do sisudo e erudito artigo de fundo de F. S. Nobre. Dia de júbilo para o neófito, que se desincumbiu, como pôde, da tarefa. Péssimo exemplo lhe vinha de Luís Campos. No alto da terceira página, das barbaças de "considerações" pontificava, rijamente, sobre os costumes sociais, econômicos e políticos. Nenhuma

consideração de poderio, valentia ou riqueza detinha o lutador. As setas de sua aljava, pontudas, ásperas, às vezes tocadas de curare, eram todas distendidas, em cada pugna. Em baixo, esguíamos pelo mesmo trilho, numa violência iconoclástica contra os homens do poder. As opiniões mais desencontradas, sem sintonia com os interesses da empresa, eram acolhidas pelo matutino de Olavo Araújo. G. S. Nobre, com sua cultura, substituía os dicionários para todos nós, ignaros, precisamente para o "foca" que não o poupava de seus interrogatórios e curiosidades. Adisia Sá escrevia crônicas amenas, sob o pseudônimo de Moema que logo trocava pelo seu nome - ela que escreve, reto e vigorosamente, jamais poderia permanecer, oculta pelo manto de nome outro. Arabá Matos funcionava com Wildo Celestino, na seção esportiva. Lá em baixo, havia Francisco Oliveira, João Coelho Cordeiro, na gerência. Na parte gráfica, o gordo, bom e inesquecível Mestre Campos Picolmar, mais Plácido e Feijão. Um dia, o jornal passou a outros donos. Ficou o noviço abastémio do jornalismo, à força. Adísia Sá, um ano depois, lhe acolhia as colaborações. Tópicos, depois, alguns artigos assinados, campanhas pela criação do Instituto de Meteorologia, pela Escola Industrial de Juazeiro e pelo curso noturno da Faculdade de Direito. Novos donos vieram, os atuais. Dorian Sampaio nos convocava para elaborar planos de renovação. Já os "associados" nos haviam abrigado, através de Eduardo Campos, compreensivo e cordial para com o confrade humilde que lhe solicitara apoio para a criação do curso noturno da Faculdade de Direito. Afinal hoje, duas seções guardam títulos, escolhidos por nós, marcas que a saudade sempre torna vivas. Gazeta prossegue, em sua marcha, acolhendo os novos, procurando jornalistas para outros jornais, para a política, para os negócios, escola amiga, amena e franca onde

muitas noites inesquecíveis foram consumidas e não o foram em vão. Há um mundo de coisas, empoeiradas, recobertas de mofo e bolor, nos desvãos da memória, que o sentimento escova, limpa, põe ao sol, numa hora como esta, de recordação e de lembrança.

(11.07.1973)

## VI DISCO VOADOR EM 1966

No meio do caminho, havia um *ovni*. Ou melhor, era noite nos céus cearenses quando a gente voltava de Uruburetama para Fortaleza, em campanha eleitoral. Pedimos ao motorista da Alvorada, o Ferro, que parasse, a fim de que pudéssemos ver, com calma, a máquina iluminada que, a altura próxima, passava rápido, deixando-nos pasmados e assustados. Mal entramos de novo no carro, Dorian Sampaio me advertiu: "Jornalista, não vá falar pra ninguém disso. Quem é que vota em candidato que anda vendo disco voador"



Ao finalzinho da campanha, exaustos financeiramente, ouvimos de nosso principal apoio em Aracati, o enfermeiro Mário della Rovere, médico da pobreza, que se intitulava descendente direto de um Papa, que queria porque queria um aparelho de tevê. Senão não votava em nós. Votou.

Para lhe facilitar a assistência aos menores desfavorecidos, levávamos-lhe centenas, milhares de amostras grátis de remédio, que os médicos Deusdedith Vasconcelos, tio de Milton Dias, ambos hoje com Deus, e o Othon Nogueira reuniam para nos ajudar.



Numa das passeatas em bairros populares de Aracati, mulheres do povo me tomavam a mão para beijar, mão que tirava, rápido, constrangido e encabulado, com tanta humildade. Dorian me advertiu: "Não faça isso não, jornalista, é desconsideração. Elas estão dando mostra de respeito e de estima." Dei minha mão a beijar, como os padres e os bispos de antigamente. Era o jeito.



Pior do que ter a mão beijada, babada pela reverência do eleitorado, é alguém te carregar no pescoço. Que sensação terrível de que você vai desabar lá de cima, de que te podem machucar.



Era candidato a deputado federal e um amigo rico de Lúcio Brasileiro lhe perguntou porque eu não começava como vereador. O colega replicou no ato: "Por que teu irmão começou como deputado? A superioridade do outro residia no dinheiro para comprar votos.

Candidato pobre não se elege no nordeste. Eu era tão liso, tão franciscano que fui a um de meus "colégios eleitorais", Senador Pompeu, onde pontificava Luciano Diógenes, colega, compadre e candidato a uma cadeira na Assembléia Legislativa - de trem. Para chegar a Mombaça, pegamos carona numa camioneta. Candidato a deputado federal, viajei na carroceria, na caçamba. Não podia me eleger. Bem antes, Tenório Cavalcante subia as favelas do Rio montado em deslumbrante "rabo de peixe" (assim se chamavam automóveis americanos de luxo) e ainda assim

recebeu esplêndida votação dos pobres. Ele sabia disso e dizia: "Os pobres querem votar em alguém de melhor situação que eles".

Uma das recordações da campanha: O Simca Chambord, do radialista Paulo Limaverde, todo pichado (por ele) de dizeres de propaganda de minha candidatura.

Fui, graças à solidariedade dos colegas de imprensa, o candidato a deputado federal mais votado do MDB logo depois de VT, ex-governador, com cem anos de tradição política. Pouco curti esse triunfo. Havia uma greve de jornalistas. Não saiu noticiário. Ninguém que difundisse o supremo favor do povo. Quando os veículos de comunicação voltaram a funcionar, já minha superioridade diminuía, engolfada pelos resultados eleitorais vindos dos currais do interior.

Na apuração, me descuidei. De repente, nunca soube por quê embora desse para supor, perdi a segunda suplência por doze votos, uma dúzia de sufrágios, para um figurão da política, de família importante e detentor de mandato de deputado. Milagre da apuração. Negativo, mas milagre.



Dei o que ia arrecadando para um pilantra, que supunha meu amigo, guardar. Uma vez cheguei a seu armazém e ali estavam chefetes eleitorais do interior, mais precisamente de S. Luís do Curu, em conversa com ele. Que me informou iria dar-lhes umas motobombas. Agradei-lhe, supondo se tratasse de contribuição dele para minha campanha. Quando fui olhar o saldo, não havia. Ele não me ajudara coisa nenhuma. Subtraía mais da metade do que me haviam dado para gastar, empurrando-me máqui-

nas de segunda mão, imprestáveis, que me cobrou caro. Deus castigou minha boa fé. Mas vivi tantos bons momentos naquele tempo que nem devia ter contado essa perfídia do guabiru que já foi se explicar com Deus.

Em compensação, Jonas Carlos da Silva, o homem da Loteria, que era também candidato a deputado federal, deu-me, sem que esperasse, pedisse, espontaneamente, a maior contribuição que recebi. Tive o julgamento favorável dos meus pares e fui ajudado por eles. Mereci o favor do povo de minha terra e a Deus agradeço por isso. Só do que é bom quero lembrar. Na minha bagagem, só vai recordação alegre, ensolarada. O resto vou deixando pelos caminhos.

## **EPÍSTOLA AOS SUPLENTES**

Cumpre-me, antes de me dirigir ao eleitorado cearense, fazê-lo aos meus colegas suplentes, Armando Falcão, Wilson Roriz, Francisco Adeodato, Osires Pontes, enfim essa plêiade tão conspícua a quem as urnas falharam. E o faço tentando dissuadi-los das tentações, dos pensamentos pecaminosos, hóspedes inevitáveis da mente do suplente. Principalmente agora, que todos nós, suplentes, agarramos a última, derradeira e vã esperança do inquerito da corrupção eleitoral. Sinto-me no dever de esfriar-lhes a cabeça e lembrar a frase tão brasileira do santo Padre Cícero quando perdoava a heterogênea turba multa dos fanáticos: "Quem roubou, não roube mais, quem matou, não mate mais". É o que hemos nós todos de pedir ao TRE do Ceará, ao Superior Tribunal Eleitoral, à instância máxima, o Presidente Castelo Branco, a expedição da sentença, tão nossa, tão do nosso temperamento: "Quem comprou votos, não compre mais. Quem vendeu votos, não venda mais". Curioso como

nunca se tenha produzido um tratado da psicologia do suplente. Material tão rico escapou a Freud, Adler, Youn, Mira y Lopes, Vandick Ponte, Aluísio Pinheiro. Em verdade, em verdade vos digo, o cérebro do suplente é organismo vulnerável às elucubrações mais tenebrosas. Não adoce ele logo, de todo. Ao contrário, a moléstia se lhe inocula, aos poucos, como enfermou o cérebro antes tão lúcido de Quincas Borba. Princípiã por lhe desvendar sempre novas esperanças. Converte o suplente no jogador que espera ganhar todos os bilhetes, mesmo aqueles que não comprou. Sonha com a recontagem de votos. Perde o sono com a matemática benevolente dos amigos. Quando essa esgota seu repertório de consolo, passa a esperar pela farmacopéia de nossa legislação eleitoral, inibidora do poder econômico. Por fim, sonha em que a nova Carta, no que proíbe a ascensão do suplente a titular, não tenha vez. Essa fase cansa e também termina. Passa então a apelar definitivamente para o imponderável. A contar com o destino. Não chega, geralmente, a armar o braço homicida que tirará a vida ao titular e a si dará a vaga... Tresnoita-se, porém, com o noticiário dos desastres de avião. (E há deles que para assumir, precisariam da queda de um Caravelle repleto de correligionários). Vislumbra, no semblante dos eleitos, transfiguração indicativas de moléstias incuráveis. Acha nos velhos a expectativa da visita da Parca, esquecido de que estes são, para nós, suplentes tão inisistentes em viver como sogro rico. Em verdade, em verdade eu vos digo, criminalista algum esboçou, jamais, a constelação de delitos que perpassam, nascem, viscejam e morrem no cérebro do suplente.

*(O autor foi o candidato a deputado federal do MDB mais votado em Fortaleza, ainda no tempo do Caravelle, sem conseguir, porém, se eleger).*

## PRAÇA DOS VOLUNTÁRIOS

Sempre que posso, engraxo os sapatos na Praça dos Voluntários. Ali me quedo menos por amor ao brilho dos calçados que aos encantos do local. Usufruo a brisa que anda zangada, se encrespa, fica violenta, ameaça virar vendaval. No ensombrado ameno da praça, fico de costas para a erna solitária do Presidente Getúlio Vargas. Para o casarão elegante que foi sede do Clube Iracema e abrigou até bem pouco a Prefeitura. Divirto-me com as galhofas dos engraxates, dirigindo galanteios pesados às empregadas domésticas que por ali passam. Quando dali saio pela Rua do Rosário, detenho-me ante uma lojinha de pássaros ouvindo o canto engaiolado das graúnas, dos sabiás, dos canários. Penso antes que esse é o último reduto da cidade amada onde se podem lustrar os borzeguins. Assis Chateaubriand queixou-se, em artigo famoso, não haver encontrado engraxates em Londres. Creio que a falta de botas luzidias está na raiz da decadência da pérfida Albion. Acredito até que sapatos sem brilho, sapatos rotos, não encontrem jamais o caminho dos céus. Sem falar em que o engraxate é o último dos submissos nesses tempos de contestação. Ele e o caixeiro de sapataria, objeto de cogitações poéticas de Vinícius de Moraes. Em verdade, em verdade vos digo: nessa época

de queda das hierarquias, o engraxate, curvado a nossos pés, é o derradeiro humilde. Bem aventurados, pois, os engraxates da Praça dos Voluntários que fazem a poesia das mãos em pés alheios. Bem aventurados os que ora se encontram curvados diante de nossos pés, vivem, padecem e morrem na esperança de que deles um dia será o monopólio das máquinas de lustrar.

(1970).

## O MAIOR LATIFUNDIÁRIO DO MUNDO

As biografias estão na moda. Também quero escrever uma. Só falta quem patrocine. Pretendo levantar a vida de José Júlio de Andrade, cearense de Uruburetama, o maior latifundiário do mundo, porquanto o primeiro proprietário dos quase três milhões de hectares do Projeto Jari, deputado e senador estadual do Pará, *globetrotter*, colecionador de antigüidades, jogador, raparigueiro, padrinho da atriz Florinda Bulcão. Desejo entrevistar suas antigas namoradas, seus empregados, seus parentes, seus contemporâneos, lá perto do Amapá, pronde se mudou com a família depois da seca de 1877 e onde lançou as bases de seu império econômico.

Político, dono dos votos de Almeirim até 1930, nunca se intimidou com as bravatas do interventor do Estado, o general Magalhães Barata, vitorioso na Revolução daquele ano, que chegou a mantê-lo preso no hospital onde se encontrava para tratamento de saúde e que terminou por expulsá-lo do Pará, no final da vida, em 1948. Certa vez, o manda-chuva determinou a um fiscal fosse ao feudo Arumanduba multá-lo em dez mil contos. Zéjudio não estrilou. Pagou o dinheiro e acrescentou mais dez mil, dizendo:

"Estes de mil são para o Barata acender o charuto".

Deus o poupou do sentimento do medo. Dormia a sesta em sua casa de Arumanduba quando sobreveio uma daquelas chuvas amazônicas que parecem vão repetir o dilúvio. Em meio ao aguaceiro e aos trovões, caiu um raio que rachou a parede do quarto, de cima a baixo. José Júlio apenas abriu os olhos para testemunhar o estrago e voltou a dormir a sono solto.

Outra vez, estava chegando no porto de Gurupá quando o "gaiola" em que viajava começou a afundar, o que, de fato, ocorreu, inclusive com a morte de seu comandante. Zéjullio não se preocupou em salvar nada de material, a não ser a vida. Teve a precisão de saltar do barco, a tempo, no lugar certo e escapar a nado, pelado tal qual viera ao mundo, tendo, apenas, no dedo, o anel de brilhantes do qual nunca mais se separou.

Em 1928, houve rebelião em seu feudo contra o cunhado Duca Neno, que o governava com mão de ferro. Apesar da exaltação dos amotinados, não hesitou um instante em subir ao barco onde se acotovelavam setecentos deles para mostrar seus dotes de negociador. Foi logo gritando:

"Sei que aqui tem muito cearense, mas não tem nenhum ladrão".

Propôs aos rebeldes emprestar-lhes navio maior para o transporte até Belém, onde iriam denunciar às autoridades paraenses as brutais condições de trabalho em que viviam. Reduziu em nove vezes o montante de dinheiro que eles queriam. Bem como de mercadorias. Só não conseguiu a libertação de Duca Neno, que foi levado preso até a capital paraense.

José Júlio de Andrade não era natural de Sobral, como suas duas irmãs mais velhas, o que lamentava. Tanto assim

que batizou dois navios de sua frota de treze embarcações com o nome de "Sobral" e "Sobralense".

Amava as mulheres, a bebida, o jogo e as viagens. No bairro de Santa Teresa, no rio, morava com a mulher, com quem não se dava, num casarão de três andares. Na Gávea, residia em casa muito mais luxuosa, a Casa Militar, dona Zizinha. Além disso, tinha sempre a seu lado, dez rapariguinhas que lhe embalavam a rede, na hora de dormir. A cada noite, escolhia a que iria merecer sua preferência:

"Hoje é a Fulana que vai balançar a rede".

Já octogenário, gostava de lembrar o vinho de taperebá (cajá) que tomava com Chiquinha Rodrigues, uma de suas primeiras namoradas, nos tempos de vendedor ambulante, regatão, na boca do igarapé Angelim.

Em todas as suas casas, de Belém, do Rio, de Petrópolis tinha sempre salão de jogo. Frequentava também cassinos, no Brasil e no exterior.

Uma vez, perdeu duzentos contos de réis na roleta do Quitandinha, num fim de semana. Fez o gerente do banco abrir o estabelecimento para descontar um cheque. Voltou a jogar, com a namorada, tirou o prejuízo e ganhou mais trezentos contos.

Gostava de ser visto como desbravador do Jari, como introdutor do búfalo na região, fabricante de manteiga, colecionador de antigüidades preciosas, tanto descobertas na Ilha de Marajó quanto compradas em suas viagens à Europa, à Ásia e à África. Quase não ia à sua Arumanduba, que, na década de vinte, possuía quatrocentas casas, luz elétrica, telégrafo, telefone, cinema, água encanada, estaleiro, o diabo a quatro. Ainda assim chegou a ter perto de trinta mil cabeças de gado, trezentas casas entre Belém e rio de janeiro, treze navios, a maioria construída na Euro-

pa, fortuna adquirida ainda com a castanha, a borracha, a exploração do ouro. O negócio era tocado, com impiedade, pelo cunhado duca Neno, como era a regra naqueles confins. Ferreira de Castro que o diga. Ele só aparecia para mostrar a face magnânima, benemerente: dar ajuda à família de um empregado que morresse, mandar suas filhas para colégios em Santarém e Monte Alegre, jogar caixas e caixas de bombons para crianças.

O que ele gostava mesmo era de viajar. Em 1919, foi a vez de conhecer o Rio, ele que já fora duas vezes à Europa, para onde viajava todos os anos. Gabava-se de se haver banhado, quatro vezes, no Rio Jordão. Deixou-se fotografar diante da pirâmide de Quéops, trepado num camelo. Até morrer solitário e doente, em 1952, vivia em transatlânticos, aviões de carreira ou hidroaviões, quando se tratava de rever seu império. Quando Raimundo Moraes, em *Eleito das Graças*, sua biografia, disse que ele era poliglota, brincou:

"Nas viagens, uso dicionário de bolso, não sou poliglota".

E como o interlocutor quisesse vê-lo, mostrou a carteira de cédulas com a ajuda da qual se comunicava quando no estrangeiro.

Surpreende como um forasteiro, dono apenas de educação primária, se torna empresário e político tão poderoso, além de notório *bom vivant*.

José Júlio de Andrade era um rei. No seu reino, não entrava ninguém sem a sua autorização. Dali não saía ninguém, sem que ele quisesse. Houve até quem escrevesse que, em seu delírio de grandeza e de poder, acorrentara o rio Jari. Fechara seu tráfego com uma corrente de ferro que simbolizava sua força e sua prepotência, o que nunca se confirmou. Era talvez uma metáfora. Muito expressiva.

# Cartas do Beco



## Kiko:

Daqui deste décimo andar, onde me lembro de ti, o céu azul está mais perto de mim e vejo a cidade pequenina, lá em baixo, que se agita, ama, trabalha, trai, se cansa, transpira. Tenho-te lembrado tanto que sonho contigo várias vezes por semana. Um dia desses, me reapareceste à noite e eras um projetinho de gente e era ainda na casa de Antônio Sales, onde balbuciaste as primeiras palavras e fizeste a lenta descoberta do mundo. Estás nos teus sete anos. É teu latifúndio o futuro. De esperança tens a porção exata e necessária. Sei que estás mais magro, que vais à escola-parque, aprendes jiu-jitsu, enfim te adestras, te preparas para o mundo agreste que tens de enfrentar sozinho. Tenho esperanças, meu filho, em que será um mundo ensolarado, mais livre, mais puro aquele que te aguarda, nas esquinas da história, e no qual hás de marcar tua presença, teu caminho. Promissor brasileiro de sete anos, o maior e mais importante dos compatriotas, aqui fico curtindo (como se diz agora) tua ausência e tuas saudades. Contando os dias em que vou te rever, Clélia também, com sua reserva de carinho, carinho que em nós tua ausência agrava e multiplica. Assim é este teu pai, arquiteto do trivial, lutador algo desencantado, firme e duro no batente, apesar das aparências, e este sentimental, fraqueza total que tu aumentas. Um piegas à antiga que não pode falar em ti sem aquele pigarro besta, o inexorável embaraço na voz, por ti, artilheiro do futuro, cidadão do amanhã, cujos olhos escuros e pensativos abrigam toda a curiosidade do mundo. Adeus, Kiko, até breve, se Deus quiser.

(14.12.1971)

*Carta ao filho, Francisco José.*

## Emílio Burlamaqui:

Era sábado. Fui-me reabastecer de otimismo com Jane e Elano de Paula. É preciso contar com estes mananciais para os momentos de fossa. Os dias terríveis em que você teme ferir o amigo melhor. Receber as contas do Eduardo Campos(\*), perder uma pessoa a quem quer bem, deixar insatisfeita a mulher, bela e saudável. Por isso pude começar a semana alegre como um estudante no primeiro dia de férias. Acordo com o trinado dos pássaros e a chuva. Não crio passarinhos pois o solteiro não deve criar nada, nem juízo. Os pássaros estão na mangueira do vizinho donde caem sobre meu quarto folhas secas e trinados. Ademais, o jardim estava úmido. O dia surgia pesado, povoado de nuvens grávidas e todos nós, paus-de-arara, com o complexo de seca, somos almas pluviais. O coração amanhecera endomingado com a chuva. Emílio, preciso te contar. Eu ia mudar de carro. Para tal me pressionam o estado geral de meu fusca, meu irmão Fred e Anastácio de Sousa. Assim, fui primeiro ao Lacerda, "amigo na praça" a carta de financiamento. Ao Diosito e ao Schneider para entrar na fila. É feita de paciência e pistolão a compra de um fusca. Quero um substituto da marca e cor do atual: cheio desta fidelidade a meu coração. Mas veio o incêndio da fábrica, sua paralisação. Adeus, carro novo! Aliás, sabes por que reluto nesta compra. Comprar automóvel de marca diversa é tão complicado quanto casar de novo. Em si, conseguir a mulher não constitui o maior problema. São quase todas doce refrigerio, instantes de paz em provisão de energia. O problema se complica é na família. Todo aquele cerimonial provinciano de conhecer sogro, sogra, cunhado, concunhado, tios afins, amigos, malquerências,

idiossincrasias, dívidas e avalistas. Quando alguém desposa uma mulher no Ceará, casa com uma empresa e empresa centenária, adere a um clã, entra num partido. Por isso o retardo, ao contrário do que pedem Elísio Pinheiro e Antônio Rangel. No mais, irmão, a cidade te espera. Cumpre chegares para a ceia dos solteiros. Para a nossa convivência. Quem será tua madrinha A mulher impossível Esta não a poderás tirar dos prosaicos compromissos domésticos. Convidei Lana Porto para minha acompanhante. Excuse, como diria o lord, mas a madrinha "excede". Lúcio achou demais. Não queria tanto. Por isso, temeroso, fez logo um apelo: "Por favor, vê se não a pedes em casamento logo na noite da ceia. Vê se espera pelo menos uma quinzena". Os amigos assim se dividem. Lembro-lhe, porém, que Carlinhos Oliveira casou três vezes, aos trinta e cinco anos, e entre um matrimônio e outro, escreve coisas lindas. Vinícius de Moraes incidiu sete vezes e na sétima mulher, Gessi, continua a ser o vigário-geral da poesia nas Américas. Não há, pois, motivo para temores. Afinal já não sou um estreante. Aqui te esperamos: calor no coração e o melhor uísque na adega. Se não temos o novilho gordo do Evangelho é que as casas modernas não comportam estábulo. Mas há bom patê na geladeira.

*(\*) Manuel Eduardo Pinheiro Campos, Superintendente dos Diários Associados, dos quais o autor era Editor-Chefe.*

## Emílio Burlamaqui:

Dizias tu, com sons e cores do Apocalipse: estranhas e terríveis cousas estão por acontecer! E acontecem, irmão. A cada casamento acabado, eu, bicho do asfalto fortalezense e de nenhum solo estrangeiro, animal sedentário e comodista, me arranco. Vou a Sintra, vou a Basiléia. E sabes agora o que vai me acontecer Vou ver Teresina. Como o Simeão do Evangelho, ver o Piauí e depois morrer. Tempos houve, irmão mais velho, em que mais ligado estive ao Piauí. Fui, na antiga PRE-9, vítima de um trote armado contra minha vaidade e pioneiro, na imaginação, do primeiro telefonema com Esperantina, onde morava então a bem-amada de quinze para dezessete anos. Ela casou, eu também. Sendo que ela preservou, pôs filho no mundo e nunca mais nos vimos. Continuei homem de mil endereços. Um destino em busca de personagem, nem feliz nem infeliz. Todavia vivo. Apto para a aventura diária de viver. A tragédia de minha vida atual é a propensão para engordar e com isso o risco de perder camisas recentes encomendadas no Álvaro. Por isso, na sauna, enfrento valentemente o suadouro. No Iate, bani a cerveja. E almoço enquanto vejo "as pernas das que vivem pelas praias coloridas pelo sol". As lolitas são um precipício. A mulher, que é uma simples expectativa, desabrocha nelas de repente com uma força de Brasil grande. Ninguém segura essas meninas. Súbitos não são mais crianças, têm cigarro na mão, sex-appeal no corpo todo. Só saio dali para o consultório da Glaura Férrer ou do Luís Carlos Fontenele que velam por meu coração trintão. São esses, irmão, e tu também o sabes, os riscos de uma manhã de sol, perigos que rondam um homem solteiro nesta pátria, descoberta por Cabral.

Adeus.

(1970).

## Emílio:

Guilherme Neto cortou numa de minhas últimas Cartas (a esse tempo, ainda escrevia cartas) a expressão santo moderno a ele referida. Que, aliás, já empreguei para Silvio Leal. Vejam vocês a quantas anda a liberdade de expressão nesta casa: editor censura editor. Ó filisteus, os tempos mudaram. Para a religião católica, a virtude maior hoje em dia é a da caridade. Maior, muito maior que a castidade. Estamos hoje muito mais para Maria Madalena que, a julgar pelo que contam os evangelistas, era senhora muito dadivosa. E também as Bodas de Caná. Bela vinhaça aquela, Senhor! Os velhos estereótipos dos santos lutando contra lindas pecadoras, contra o banho, o bom uísque, estão mortos. Decrépitos, há muito tempo.

Eis, irmãos, em verdade, em verdade vos digo. O santo moderno é um pecador de pequeno bordo, na concepção dantanho. Dono de vícios menores, adora as mulheres. Não repudia o álcool nem desdenha o cigarro. Para ser santo, é preciso, porém, caráter, muito caráter. E a mercadoria é escassa na praça. Não tem muito espírito prático. Ah! Não é um "sabido". Incapaz de odiar mais de um minuto, incompetente para a vingança, inadaptado para a maledicência e para o ressentimento. O santo moderno queda satisfeito se lhe deixam seu sossego canto, até no BECO. Não quer atropelar nem pisar ninguém, só quer mostrar que ser bom caráter dá resultado também.

Mas vocês pensam que a vida de um editor é peregrinar constante do Valmir Sá Magalhães para o Evandro Moura Não, há momentos em que também pedimos financiamento à CODECIF. Pausas outras na atormentada exis-

tência de um editor. Por exemplo. Francis Boris queria ouvir a *Marselbesa*. Antigo *maquis*, condecorado herói da resistência, precisava companhia à altura para uma libação muito digna começada com *Beaujolais*, um *Muscadet*, seu patês, seus queijos, para terminar na madrugada com algumas champãs *lanson* que, segundo Lúcio Brasileiro, são fora de série. Não dá pra ter ressentimento, nem queixa da vida, nem inveja dos outros. Para falar a verdade, não dá nem para ter ressaca.

(19.02.1971).

*A esse tempo, Guilherme Neto era Editor de Unitário e o autor do Correio do Ceará, ambos extintos.*

## Hélio amigo:

Arre, mais um fim de semana longo assim caso de novo. De fato, diz Dorian Sampaio, não há amigos suficientes para todos os dias da semana. Esgotam-se as casas a visitar e as marcas de uísque a tomar e eis a fossa funda. Vejo, com vibrações de pai coruja, meu filho, escorado na bóia, saindo do regaço azul da piscina de Cláudio Martins. Alegro meu coração vê-lo retirar-se, cabelo escorrido, o moreno do corpo brilhando ao sol e penso que saudável resultado é ele de um equívoco fundamental. Vejo Edson Queiroz, que está pensando em fundar uma universidade particular. No dia seguinte, é Elísio Pinheiro que convoca Tarcísio e Marcília, Luís Carlos e Maria Célia, mais a brigada de solteiros, eu, Lúcio Brasileiro, Emílio Burlamaqui e Milton Dias. O *Buchanas* nos estimula, a piscina nos chama e estamos em mãos hospitaleiras e amigas. Na casa de Fran Martins, é o grupo Clã que se reúne e se rende a uma tentação nostálgica. Todos falam em filmes de 1941 a 1942 em sessões-colosso do Politeama, estórias de que apenas ouvi falar. No mais, me lembro de que senso de humor é a capacidade de rir de si mesmo. Isso vamos adquirindo, principalmente, com o correr dos anos. A moça pede: "Não me telefone mais. Sou muito dependente. Temo me apaixonar por você". A outra está cheia de desculpas: "Não queria lhe incomodar. Tive vontade de falar com você neste Natal". Isso me faz pensar que não há mais mulheres chatas neste hemisfério. Papai Noel mandou sua cesta. Vêm as mulheres erradas. O bom velho viveu demais. Por isso a vista está gasta, a lucidez descaí. Eu queria ouvir o palpitante do coração debaixo do

seio moreno, Cíntia, defraudado, anseio frustrado. Cíntia não vejo. Sua ausência era enorme e eu solitário, cercado da multidão. Por aqui, me quedo, irmão, para refazer o fígado, que aí vem o *réveillon* e mais um enorme, descomunal fim de semana. Adieu.

(29.12.1970).

## Hélio Barros:

A caneta desliza voluptuosa por sobre o papel. De repente estaca, pára, seca, perra, chocha e não há jeito de sair. A inspiração não vem. Todas as mulheres já foram devidamente lembradas. As dores de cotovelo exaustivamente contadas. Lembranças recolhidas, escovadas, postas a rebrilhar ao sol da publicidade. Peremptos todos os sonhos de glória que já não mais sonhamos. Até um certo ver cínico do mundo, do amor, das filosofias em voga. A pena estaca, como burro acuado. A fantasia, ressequida como a caatinga depois da seca. O poeta reclama do Destino. Não há sequer uma desventura nova a encher-lhe o peito, uma aflição inédita. Conhece a inquietação e a angústia. Dele chegou a dizer uma amiga que andou pelo vale das lágrimas. Supôs algumas vezes ter um triunfo na mão. Depois o dissabor. Nem era uma cousa nem outra. Foi alegre muito, embora de ordinário melancólico. Teve mais do que mereceu, menos que pretendeu. Aliás pediu Raquel, lhe deram Lia. E agora não quer mais Lia nem Raquel! Só a liberdade. Reencontrou-a e não sabe o que fazer dela. O poeta, de fato, é um fingidor. Finge tão fingidamente a dor que deveras sente, como queria Fernando Pessoa.

(1970)

## Hélio Barros:

Guilherme Neto sempre me indaga: "Tens muito medo de morrer" Ante minha surpresa, explica: "Porque tens fome de viver. Tudo, para ti, tem de ser feito ontem. E às pressas". Foi do que me lembrei quando um escasso leitor me perguntou se, mal chegado aos trinta anos, já estava fazendo memórias. Será Menino solitário, aluno de seminário, tímido irrecorrível, aos vinte anos descobri a vida, através do jornalismo. Pelo menos um de seus aspectos mais fascinantes. O poder. Ou melhor, a periferia do poder. Depois disso, vivi intensamente. Quando se fala assim, logo alguém toca o refrão: vinho, mulheres e música. Não que desgoste a seresta e a boêmia. E que o sono é inimigo que ataca cedo. O uísque por que não E as mulheres, principalmente as bonitas. A política, porém, como a poesia do interesse, em contraste com o *business* que é sua prosa seca e árida. O jornalismo que os espelha e estimula. Ele me prende tanto que tempo houve em que escrevia na PRE-9, em *Unitário*, no *Correio* e na *TV*. Isso além da luta brava pelo *scotch* de cada noite que, muitas vezes, santo Deus, foi nacional. Já é muita cousa para contar. Dois grandes equívocos matrimoniais, tudo muito lamentável, estoque valioso de amigos, uma campanha eleitoral, alguns dates que formam esquadrão de memórias queridas (todas grandes amigas), fígado bom e imensa disponibilidade para o amor. Lata e temerária. Boa fé enorme. Incapacidade para querer mal. Ninguém vale nesta vida meia hora de ódio. Ao contrário, existe sempre alguém que, por menos importante seja, comporta um arrebatamento, uma paixão. Vivendo imprudentemente, pensam uns, um patrimônio (de memórias) se acumula. A vida me

envolve todo e me enlaça e faz de mim o que quer, pois sou de flancos e janelas escancarados. Não me arrependo do que fiz. Só lamento o que não fiz, hesitei, tardei em fazer. Em me tendo a Vida feito assim, lá vou navegando. Porque como diz Caetano Veloso, navegar é preciso. Viver não é preciso.

(1970)

## Hélio querido:

Dizia Antônio Maria que o domingo é de uma imensa burrice. Domingo à tarde, segundo Lúcio Brasileiro, é o momento próprio para os suicídios. Não chego a tanto. Mas um feriado, que nos colhe desprevenido, é imensa frustração. Algo como chegar enfim a mulher desejada e estarmos saciados; a riqueza surgir na velhice, algo rico e lindo que não estamos mais em condições de usufruir. Nesta cilada, cai quarta-feira. À falta do que fazer, fui ao jornal. Encontro ali um eterno deslumbrado com a vida, com o mundo: é Tarcísio Tavares. Quer saber por que fui sábado à casa de Inês Fiúza. Não vi os quadros de Aldenir Martins. Não, irmão, não tenho o dom da ubiqüidade. Àquelas horas encontrava-me na casa de Jório Escóssia plantada sobre as ondas, em Majorlândia. Frequentava sua amizade e sua tentadora adega filosofando vagamente de amigos, mulheres e do futuro. Eis porque não revi Inês, o que sempre vai bem ao meu coração. Deixei de ouvir Milton Dias, o protonotário do Clube da Fossa, prazer de que desfruto sempre que posso. Não estive com o pintor. Estava escrito que quarta seria dia de explicações. Ele e Guilherme querem saber de Conceição. Aos dois move curiosidade que me intriga. Vêm-na como nájade morena, saindo das águas, ainda úmida e bela. Onde veio, o que faz, por que sendo tão bonita e minha amiga ainda não inseriu em minha movimentada biografia sentimental. Conceição não existe, digo-lhes e provo. É tão real como as três moças do sabonete Araxá. É uma expectativa inútil, estado de espírito. De quando em vez aparece, de onde, não sei, para onde vai, ignoro. Só sei que minha cartomante recomendou: mulher definitiva só aos trinta e cinco anos.

Aí então aquele conviver eterno, fundado na acomodação e no tédio. Por enquanto minha mãe, baseada em tais augúrios, também me sugere continuar avulso no amor. Perguntam-me por moças, como me indagariam sobre Helena de Tróia, Cleópatra, Josefina. Isso enfim explicado, vou ao Ideal. Porém, me raspo, fujo de quatro chatos pegajosos e vorazes. Descubro, mais uma vez, que o lar é o único refúgio digno de um anspençada batavo. E nele me quedo, me fixo, relendo *Os Maias*, consumindo, sem pressa, um licor amigo destilado um dia nas pradarias da Escócia. Nele me enfio até que a noite me envolva em negro sudário para me entregar à rotina cinzenta do dia seguinte.

(1970)

## Hélio Barros:

Que farás de teu Natal solitário nas brumas de Wisconsin? Terás de certo, com tua organização, distribuído a amigos e conhecidos os teus cartões. Eu nem isso, tal a lassidão que se apossa de mim neste calorento dezembro. As pessoas, a quem quero bem, sabem que me lembro delas. Nesta ocasião e noutras. Portanto, saio da regra. Este é um Natal alegre. Vou à casa de alguns amigos, não todos, telefonarei a outros e depois à ceia dos solteiros, Lúcio Brasileiro nos convoca e a festa é em casa de Paul Mattei. Domenico me recorta o smoking, o fígado é a grande esperança e há decerto muito bom humor em tudo. Este é um Natal alegre. Sem fossa. Já houve deles triste. Não te lembras, estavas em Canoa Quebrada, em mais um exílio voluntário destes de que és freguês amar Foi choro, foi saudade, estava distante dos amigos, da família e o que me salvou foi o champanhe do Dirceu Figueiredo Neto que então estava no Rio. Mas passam tristezas, passam alegrias e ficamos nós, limpos, e banhados da ablução de lágrimas de alegrias e melancolias. Sobrevivemos, irmão, e isso nos conforta. Esta certeza, mal grado covardias bissexto e fugas idem, é que nos garante. A gente diz consigo mesmo: você é forte, você verga mas não quebra, você prossegue, você se alteia de novo. Retoma o humor, o ver irônico dos homens e do mundo. Seus instintos são leais, seus apetites idem, seu orgulho o levanta, sua vaidade o sustenta. Assim sou eu. Escrevo-te numa tarde calorenta (sabes quanto sofro neste clima) em que as ruas estão relativamente cheias e as mulheres andam devagar, puxando crianças. Vai haver menino pobre vendo Papai Noel quadrado. Eles têm a mania de acreditar em Natal e terminam

no xadrez. Penso melancolicamente nesta primeira fraude da vida, o primeiro *blefe* que sofrem. Não será o último. Estamos aliás, até adultos acreditando nos múltiplos velhinhos, de ar bonachão, barba longa, o ventre abaulado dos gordos e dos bons e às vezes, eles escondem no sacos granadas e porções razoáveis de napalm. Mas o que é isto O figurino manda rir e eu ainda não estou às gargalhadas. Desculpe, irmão, este traço de *spleen* numa carta natalina. Teu irmão está mais magro e procura vender redes. Mercado há; o que não existe é capital de giro. Velo e torço pelos teus doze por cento. Que baixe sobre eles o espírito de Natal. Amém.

(1970)

## Hélio amigo:

Penso no Ernando Uchôa, suplente do senador Wilson Gonçalves. O que é um suplente É o homem que se descobre, de repente, homicida em potencial. Só pode prosperar na desgraça alheia e a desgraça definitiva. Ou então, na glória maior, essa mais rara. Eu também fui suplente. Também acalentei minhas fantasias homicidas. Sonhei com mortes, nomeações por que negar Cassações. Elas vieram, mas não colhi o fruto do meu desejo. O suplente não mais assumia quando se deu o acontecido. Vejamos, novamente, o caso de Ernando. Houve tempo em que um cidadão, nas condições dele, limpo, falante, inteligente, podia sonhar com uma molestiazinha que garantisse a licença do titular e estava o Ernando, pai da pátria. Agora, porém, é preciso ser drástico. Trata-se de rezar para que desapareça o titular. Outra para que entre na vaga de um Alfredo Buzaid, então Ministro da Justiça. Ou que o César lhe deixe o posto de herança. Mesmo bom caráter, abominando despachos, maus olhados, envenenamentos, seqüestros, todo suplente teme que a sorte lhe seja tão ingrata quanta a do general Góis de Campos Barros, suplente do Onofre Muniz Gomes de Lima ou do Gentil Barreiras, suplente de Menezes Pimentel, que este continua vivo, desafiando os Omar Cardoso do facilitário. Dificilmente, pois, o Ernando deixará de elaborar sonhos facinorosos, bom advogado penal que é. Ademais, o Senado é o Senado. Uma grande pedida. Chegaria lá, ainda jovem, vigoroso, não gagá; com a Morte espreitando de cada corrimão de escada. Pai da pátria é grande coisa, muito embora o Incitatus também tenha sido. Pode-se escolher uma secretária. É verdade que o moralismo reinante tem feito uma devastação, frota de

belas funcionárias. Mas sempre se salvou alguma nomeada precocemente. Há mais. Como antegoza o Paes de Andrade, o senador pode falar sentado. Imagina tu, soltando verdades que abalam o país, fazem um sulco na história, sem arredar as partes carnudas onde o senhor Jânio Quadros achava que se levava palmadas da fofa e impune poltrona! Não, Ernando, com uma possibilidade destas não há bom caráter neste mundo que não se sinta um pouco César Bórgia.

(1970)

## Hélio Barros:

Estou sem assunto. Há moscas demais na cidade e não sou Sartre para escrever sobre elas meu ensaio. Penso em voltar a um estilo e a um tema que me agradaram e aos leitores. Tento, mas é em vão. Nem o que se escreve nem o que se vive um dia brilhantemente, pode ser repetido. Dessa ilusão morremos todos. Continuo sem assunto. Penso em escrever sobre o Natal que se aproxima. As agências de publicidade trabalham. Os vitrinistas batalham. Os sinos bimbam. Porque Jesus Cristo veio ao mundo para aumentar o comércio em dezembro. Desisto. Penso no último Natal, em que um jipe abalroou com violência meu fusca e o fez descrever ângulo reto, deixando intacto seu dono, pronto a tomar a última taça de champanhe com Danilo Marques no Ideal. Ou naquele outro, de lágrimas como ao meio-dia, um choro bom, saudável como de criança e à noite champanhe no apartamento do Dirceu Figueiredo, em Copacabana. Já não se fazem Natais como antigamente. Ou como queria o bruxo de Cosme Velho: "Mudei eu ou mudou o Natal?" Mudamos principalmente nós. Nem para melhor nem para pior. Sequer somos experientes. No máximo, provados. De fato, a vida nos provou. Mas a experiência, o conhecer para não repetir o erro, essa não. Essa é mutiladora da aventura existencial. Quando a vida pega em nós e faz de nós o que quer pensamos sempre: "Mas por que comigo? Logo comigo?" Não há quem não tenha essa interjeição diante do Alto. Nada o previa. Nossa maneira de conduzir as coisas, nosso temperamento, a cartomante, o horóscopo. O que mais parece surpreender e doer é justamente a surpresa. Somos, de fato, os escolhidos para as experiências de Alguém bem maior que

nós. O que importa, no caso presente, é que sobrevivemos. E estamos aqui a nos queixar das moscas, a lembrar antigos vinhos espumantes e o João - galamarte da brincadeira de viver. Dispostos a continuar, irmão, o que é importante. A não fugir dos desafios. Persistir não constitui soberba vitória?

(1970)

## Hélio Barros:

Irmão, você aí nos States, como antropólogo, pode fazer suas aprofundadas pesquisas com as mulheres. Principalmente como celibatário vocacional, avulso do amor. Por isso, mando daqui algumas cogitações sobre o tema. Será a conquista de uma mulher o tûmulo do próprio amor? Para Oscar Wilde, pior que não conseguir algo é consegui-lo. O erotismo, uma vez satisfeito, deixa-se esporear pela imaginação. Uma vez vitorioso, lá vai o homem tentar sua capacidade predatória. Seu borboletear incessante. Direis que essa fome insaciável de novas pressas seja fundada em grava insegurança. Talvez até num componente fortemente homossexual da personalidade, como admitem outros. Não vou tão longe. Pois creio no amor eterno. Esse existe. Até as fidelidades totais, incorrigíveis. Assim é que admito acreditar na humana criatura. Mas isso são acertos lotéricos. Quando não insatisfatórias acomodações, arranjos externos. Isso me ocorre quando lembrei uma fase boa do Rio, em que o amor se anunciava em cada telefonema. Mais me interessavam novas emoções que as conhecidas, familiares. O amor eterno talvez resida, assim, numa alquimia diária. No transformar em ouro da quinquilharia mais ordinária, da emoção mais vulgar. Mas árdua maravilha eis que para se concretizar, exige o concurso de dois. O amor é também uma ausência de egoísmo, porque não se sentem remunerados, recompensados à altura da afeição que despedem. Admirar a outrem causa-lhes inevitável cansaço. O amor nasce do amor em si mesmo, projetado no parceiro devidamente mitificado, glamourizado. Ah, mas não sabemos amar. Urge criar a Universidade do Amor. Não achas, irmão?

(1970)

## Hélio Barros:

Lúcio Brasileiro me pediu um inventário de cousas chatas. Já as nomeei e as explico. O mundo, por sinal, é bom. Amena a convivência humana. Há, porém, os que procuram azedá-los. A esses, combateremos à sombra. Ide dizer a Temópilas que não sobrar um chato, sequer, a cem metros de distância. O pior dos chatos é, sem dúvida, o sectário. O que nos quer impor suas opiniões. O que sabe tudo. O faccioso, incapaz de aceitar um argumento. O que persegue a teimosia como esporte de salão. Livre-se dele, meu amigo, meu inimigo, como da mulher chata. Boazinha, chatinha, açúcaradazinha, e marido que chama a mulher de minha senhõra, com acento circunflexo. São tarados, assassinos, monstros da sociedade estes cidadãos. Acautelai-vos deles ao do marido D. Juan (não falo dos apaixonados, os românticos que, pobres deles, acalentam mais ilusões que pecado) que vive a se gabar de suas conquistas. A detalhá-las para todos. São os maratoneiros do sexo, campeões de cama. Há ainda o que nos pega a gravata, acaricia os botões da camisa, do paletó. Ah! Psicanalistas do mundo inteiro, uni-vos para descobrir o que isso significa. Ou as mãos. Mãos mais paulificantes que as de Eurídice, não largam as nossas. Que essas, coitadas, transpirem, suam, angustiam-se naquele *shakehand* que ameaça terminar do Juízo Final. Corram todos vocês ainda dos que têm receitas para ganhar dinheiro. Ah! É odioso o homem que nos quer fazer ricos à força. Quer-nos ensinar a viver. Apóstolos carnegianos, querem difundir, espalhar por toda a parte sua ciência. Em verdade, em verdade vos digo, quando o mundo inteiro estiver povoado desses espécimes, melhor será a vida monástica. Seremos como João

Batista, bebendo nosso uísque solitário e tirando gosto com gafanhotos do deserto. Recolhidos em penitência, a cabeça coberta de cinza, só tendo ouvidos para um disco antigo, para o telefone em cuja caixa negra, às vezes, se oculta a voz da mulher amada e para o leve ruído do gelo dissolvendo-se devagar no copo onde o amigo fiel se embala e dissolve em saudades da Escócia.

(1970)

## Hélio Barros:

No azul da tarde, há um bocejo infinito. Como se o tédio quisesse engolir o mundo. Felizmente, encontro Milton Dias. Fala-me da festa cigana. Havia, segundo ele, zingaras em profusão, todas convocadas por Klinger Mota. "Excuse my ausency, Lord". É que esperava da negra caixa de surpresas uma chamada que não tilintou. Permaneci, em casa, como um monástico celibatário. Em compensação, ela veio outro dia. Só de forra, continuei a ouvir minha novela. E mais tarde, apenas lhe quis conhecer os dotes culinários, prendas domésticas. Detive-me em vê-la lavar os copos esguios, góticos. A espalhar patê sobre as bolachas do Ivens, síntese dinamarquesa-luso-cearense em que moldo meu tiragosto. Saboreei fina vingança. Mas há mais. Há mais. Outro amigo se queixa. A namorada vai viajar. Ele protesta. Pior, vai ver o marido. Maior a irritação. Razão tem Renato Adler quando afirma que o maior enganado hoje em dia é o amante. De fato, irmãos, não há mais Otelos verdadeiros neste *mondo cane*. Quem sofre infinitas dores de cotovelos é Iago. No supermercado, entre repolhos e tomates, encontro a amiga. E vejo nela as cores do mar. Sol e praia cearenses lhe têm dourados a cútis, donde meus olhos andam por último tão distantes. É esporte, explica-me. O tênis do Ideal garante a esbelteza e o tônus tropical entre couves-flores (como é mesmo o plural de couve-flor, meu Martin de Aguiar?), alfaces e abacaxis. No calendário, há agora uma data sagrada, meio-dia de quarta, onde vou vê-la nas trivialidades do supermercado. São esses os afazeres deste teu irmão, no melancólico mês de novembro.

(1970)

## Hélio amigo:

Já imagino teu riso de celibatário vocacional. Talvez rias. Decerto rirás. É que arranjei um novo amor. E te digo, em verdade, em verdade te digo. É uma coisa esta moça. Um mocotó. Um barato. Sabe de tudo. Então, em matéria de Capemi, Aplub e outros e outros saques contra o futuro é o máximo. De artes plásticas, também. É universitária, porém já leu tudo. Não puxa fumo mas compreende quem o faz. É contra o casamento. Admite-o entre pessoas do mesmo sexo. Muito sábia minha namoradilha. Vai já destruir o capitalismo. Contesta as estruturas. Busca um mundo melhor. E tudo isso depende dela. Nem sei como, ocupada com tantas coisas transcendentais, de vez em quando me concede sentar a seu lado, nos bares vadios da cidade, onde, bicho vulgar e desatento, alimento o vício e cultivo a cirrose. Fala do Vietnã. Fala, me empolga tanto que, aos poucos, de leve, lhe vou desfolhando a pele fina, morena, feita só de plumas, pétalas e penas. Aqui d'EL-Rei!, brada ela. E o general Giap lá do Vietnã do Norte? Me arreda as mãos profanas, as mãos de quem nada sabe desse longínquo general. Por isso, acende mais um cigarro e se defende com fumaça e chama. Prossegue, falando, enquanto minha boca persegue sua nuca. E ali, apesar de tudo, remanescem ressaibos de *Rocha* e de *Channel*. Me interrompe de novo, me afasta, não me deixa continuar. Quer saber se li *Quarup*. Não li, e quanto a *Ulisses*, de Joyce, só vi a capa. Penso comigo mesmo o quanto é sábia e profunda essa moça, cujo corpo moreno me envolve em pensamento, me convoca à ação. Eis o biotipo para homens de minha idade. É macia e quente como a napa, em seus cabelos há frescor e perfume. Minha guerrilheira de

salão nem sabe, sabendo tanto, o quão sábios são os instintos. Ela por enquanto só tem compromissos com o futuro e eu, mamífero, feito à imagem e semelhança de um Deus mais simples e vulgar, sou um pingente do momento, freguês do efêmero. Por isso, o que peço é tão pouco, mas ela voa, voa até territórios tão altos que, eu, bicho do chão, de cabeça baixa para a terra, dela me perco, dela para sempre me extravio.

(28.10.1970)

## Hélio:

Domingo é enorme. Foi então interminável ontem porque chovia e, assim, não pude ir à praia. Felizmente, no *Top's* revejo, *mignon*, escondida em azul-ferrete a mulher amada, à distância, entrevista antes e agora quase diante de mim, mas já de partida. No mais, faço a barba, primeira fase de rotina matinal. Pra começar a semana, jogo o tédio a um canto do banheiro. Deixo o "pé atrás", a desconfiança estéril debaixo da cama como o chinelo antigo e entrego-me desprevenido ao mundo. Olho-me ao espelho. Penso no homem que sou agora e no que hei de ser. Que vai engordar e desfigurar a silhueta, torna-se lasso, pesado, inútil. Uma amiga consola-me: as mulheres, que amei, também envelhecerão. A celulite delas tomará conta. A solidão lhes sobrevirá com gosto de vinagre e cola ressequida. Uma mulher me espera e nem sei quem é. Talvez a conheça, possivelmente nunca nossos olhos se cruzaram. Fumo mais um cigarro, pensando no enfisema, no câncer do pulmão. Ah, o carcinoma que tem nome de fortificante, de tecido vermelho, mas rói, rói, rói implacável por dentro. O conhaque alemão tenta-me de novo. Por conta dele, prevejo a cirrose. Ainda vou durar muito, porém. Amarei outras mulheres, fora esta que está por vir, uma delas virá forrada de mil ternuras e terá pasmos, estupefações e surpresas (possivelmente falsas) de adolescente. Depois se irá e há de sobrar um saara, um vazio sem contemplação. Mas será por pouco. Por enquanto, percebo que estou vivo. Apalpo-me, logo existo. A lâmina desce no queixo e uma flor de sangue entreabre-se rubra, palpitante, nascida do descuido. Ruim não é morrer, pior é envelhecer sozinho. Quando os amigos estiverem como o

velho Machado a estudar a geologia dos cemitérios, quero estar com eles. Só pretendo ser contemporâneo, não me interessa ser sobrevivente. Não, não, em absoluto não me convém ser apenas sobrevivente.

(10.11.1970)

## Hélio amigo:

Sexta-feira, Guilherme Neto estava feliz. Admirei-me ante o riso insólito, pois o seresteiro, sem ser profissional do pessimismo, vive na fossa. No fim de semana, o simples existir parecia-lhe dádiva suprema. Tudo se explicava. À noite nos estava convocando para uma "curtição" em casa dos Tarcísio Tavares. Honrado uísque e eterna alegria de viver. Lá, *chez* Tavares, José Rangel me envolve num abraço fraterno, amigo, e denuncia a gordura incipiente que começa a me desarrumar a silhueta. De fato, urge severa restrição de cerveja, massas, gorduras, eis que o gordo é mal amado. Mais tarde, me rende aquela necessidade de sair, urgente como se uma obrigação maior me compelisse, coisas que não explico. O fusca velho, cansado, não quer partir logo; para me pilhar à francesa, urge carro novo, partida pronta, arranco presto. Sábado à noite, encontro-me nos braços de uma amiga de quatro anos atrás, do primeiro beijo trocado na euforia da apuração eleitoral. Com ela me lanço no turbilhão do *Le Coq* e registro que seu rosto, um lustro depois, continua macio e quente como napa, o reencontro nos reúne docemente ternos. Volto ao lar deserto. A empregada viajou. Eis o que é a democracia. As domésticas viajam. É uma festa cívica, um piquenique eleitoral e voltamos à dependência das cozinhas comerciais, dos garçons e *maitres*. À noite, na quietação do luar, o telefone toca. Há umas moças que entristecem tanto domingo à tarde, à noite, que os olhos lhes marejam e ficam inchados de chorar. Lá vou eu, bom samaritano, pensar-lhes as feridas, devolvendo-as à circulação, saudáveis, lépidas e fagueiras. Como correto escoteiro, fiz minha boa ação. E de ação em ação deste teor, vou crescendo no mercado de capitais do céu. Deus assim me conserve.

(01.11.1970)

## Hélio amigo:

Tenho uma namorada. Minha namorada chama-se Justina. Os cabelos de minha amada são brancos, muito brancos. Às vezes parecem lilás. É muito vaidosa minha namorada. No escandaloso azul da tarde ela se põe à calçada. Cadeiras na calçada são o fraco de justina. Quando me vê, olhos brilham de alegria e ela fica tão jovem. É perfumado, sabe a banho recente, a fino sabonete, o beijo de Justina. Quando ela se senta à calçada, a rua se transfigura. Põe "boas-noites" "eu e tu", manjeronas e alecrins imaginários na Rua Sena Madureira. A cabeça branca fita o longe e ela olha o infinito, bêbada de ternura, de sonho, de fantasia. Tem uma alma jovem, tecida da melhor alegria da primavera esta namorada que a tarde me desvenda e é sua prenda mais rica. São muitos os janeiros que viveu, mas ela só lembra os bons. Uma mulher de muito amor parece-me esta Justina.

(1970)

## Hélio Barros:

Votei. Tu não votaste extraviado nas brumas de teu Wisconsin. Votei e perdi a praia. A democracia requer sacrifícios. Minha cozinheira também votou e fiquei sem almoço. Afinal, na democracia, o voto de um editor (faminto) vale tanto quanto o de sua doméstica. O footing eleitoral é sedutor. Havia lindas moças sufragando, cabalando, alindando as seções eleitorais. Por essas e outras sólidas razões, deviam ser mais freqüentes as eleições. Brotos em que há muito não punha os olhos, moças mais sazoadas mas ainda por demais apetitosas, algumas mesmo senhoras de alguns invernos, oferecendo encantos em liquidação. E que liquidação! Melhor que as moças votantes, só as professoras. Já te contei o meu primeiro amor. Foi a primeira professora merecedora de uma afeição desesperada. Alguns anos depois decidi revê-la. Encontrei-a desdentada, pálida, desgrenhada. Quão feio ficou meu ídolo, despojado das emoções do momento. Feliz mesmo é meu filho, aluno do Colégio Christus. Hoje, a pedagogia reclama mestras lindas. O saber entra mais fácil na cabeça dos nossos rebentos, se ele provém de uma boca super desejável, alteando-se num corpo salubérrimo. Tenho amigos, com filhos noutros estabelecimentos, que não perdem a hora de recolher a prole... e ver as professoras. Outros chegaram a assistir às aulas de educação física, mas foram, de logo, contidos pelas mulheres. Era muito amor, amor demais à pedagogia. Por isso, irmão, ser pai tem suas remunerações e seus encantos. São lindas as pedagogas de hoje em dia, estas operárias divinas. Que bem eduquem nossos filhos, muito embora nós careçamos de alguma instrução que nos faltou no passado.

(1970)

## Hélio Barros:

Ainda ontem vi Cíntia. Passou no seu fusca gelo e avaramente me estendeu os dedos em festa num cumprimento. Penso em segui-la. Meu fusquinha, com bronquite e asma, não conseguiu acompanhar-lhe a caminhada. 1971 é ano de Cíntia. A mulher, há tanto procurada, afinal achada. É preciso fechar o corpo, é preciso fazer figa, tomar bênção aos capuchinhos, mil estratégias, ciladas às centenas se requerem para ter Cíntia. Mas ela merece, ela merece, o que impressiona em Cíntia são os olhos. Também o cabelo, idem. Tudo, enfim. Mas os olhos são de um castanho impreciso, tento inutilmente definir-lhe a cor. Os cabelos eram ontem castanhos. Impunemente castanhos ao sol morno de 4 horas. Encontramo-nos às vezes no supermercado. Escolho repolhos, elejo tomates e, de perto, olho Cíntia. Por algum tempo poderíamos juntos fazer estas prosaicas compras! Ide, ide dizer a todos os povos que conheço Cíntia. E agora que a conheço, não a deixo mais. Cíntia é copo de cerveja gelada depois da praia, é prêmio da loteria esportiva, é esperança imprevista, é delírio educado, é pouca vida mas uma lata, uma densa dolorosa experiência, Cíntia existe, Cíntia excede, eu sei. É minha meta, meu destino, minha BR-3. Cíntia ainda não se inseriu em meu contexto, ainda não, pôs um grilo em minha cuca, por isso penso no gato preto que pousou no meu jardim. Lembro que, quando criança, não tive carneiro. Se tive, foi por pouco. Nem criei passarinhos. Afora meu cão imaginário, não gosto de animais. Havendo tanta criatura humana por aí carecendo amor, por que vou eu distribuir afeição entre irracionais Não, não. Não me livro, porém, dos gatos. Eles se multiplicam no silêncio de meu jardim. Há um

gato preto no meu jardim. Este logo agora se abre em flores e esperanças e, entre suas surpresas, esconde Cíntia. Meus amigos, meus inimigos, ajudai-me a afugentar o gato preto. Por enquanto ainda posso, ainda o escorraço sozinho, sozinho o faço correr. Mas na calçada, ele estaca. Levanta o rabo num remoque. O gato preto tem olhar impassível. Oriental, quase eu disse irônico. Não tenho amor a dar a gatos vadios, decadentes aristocratas do reino animal. Eu gosto mesmo é do bicho-gente.

(1970)

## Hélio Barros:

Domingo foi um dia sem caráter. Para começar, choveu pela manhã. Acorri ao jardim para ver o espetáculo da chuva caindo. Lembrei Maria Helena, a quem chamava alma pluvial. A sensação primeira, depois da visão da chuva, é de saudade. Dos tempos das bicas de boca de jacaré em Sobral, do sobradão onde morei e é hoje o Palácio do Bispo. Ah, os banhos da infância a água despencando-se lá do bem alto, sobre a cabeça infantil onde já se abrigavam sonhos altos e teimosas caspas. Depois o aborrecimento. Lamentei a praia perdida. Tempo de bronzear entre sargaços e algas da Praia de Iracema. O domingo teve, porém, caráter vário, como já disse. Ora embora o céu em nuvens escuras e pesadas, ora deixa o sol acender lá em cima. Por isso, como diziam os latinos, *in dubio pro mare*. Ponho o calção e vou ao oceano. Na areia, ela me espera. Ivone e eu ficamos vagamente a dissertar sobre o mundo e as dores de cotovelo em que se rala. É mais uma linda moça que está na fossa. Tenho de dizer o meu "Shazan!", dispor de minhas reservas de solidariedade humana e reanimá-la. Afora algumas polegadas excedentes, é dona de um corpo moreno, quente, merecedor de toda a solidariedade do mundo. Ela faz regime, eu também. O que não nos impede de ir às ostras, à cerveja e ao licor. De novo, mais dormentes, os nossos sentidos para caminhos mais claros onde iremos nos beijar com súbita emoção. No alto, o sol começa a bater em retirada. Em baixo, o mar se aplaca. Rapazes jogam futebol e lançam areia sobre nós. Enquanto afago seus cabelos, permutamos um beijo longo e há, neste gesto, saudade e gosto de areia, de praia, de sal e de Cointreau. Não foi em vão criado o domingo quando Jeová descansou. Enquanto ele descansava, eu carregava minhas pedrinhas para o gelo do uísque.

(11.12.1970)

## Hélio amigo:

Ah! Tenho dito e repetido, com insistência. É preciso saudar o dia com um sorriso. É fundamental despertar sorrindo. Meizinha segura e certa para um dia festivo. Não leve a ninguém sua fossa, a não ser por puro charme, sem rancor ou amargor. Se não estiver na fossa, prossiga rindo por gosto, não apenas por sociabilidade. Que neste caso, irmão, é dever. Sorrir é importante. Ide e disse a todos os povos, guardai-vos do homem cinzento que não tem humor, não carrega nos ouvidos o trinado dos pássaros, o ritmo de um disco moderno. É condenado a conduzir na alma a tristeza de todos os crepúsculos, o fel de todos os amargores e é alma empenumbante. Mas fugi também do falso feliz cujo riso semelha o do débil mental, que vive a distribuir receitas carnegianas: no fundo é um tolo e um triste que se disfarça e quer fregueses para uma mercadoria que não tem. Por isso, nem me queixo quando uma amiga reclama que levo a vida numa blague. Que maior piada do Criador Para ela, a ironia é fuga, eis que vem com sua porção de coragem intacta, recém-adquirida no gabinete do analista. Faz terapia de grupo. Têm sido intermináveis estes fins de semana. Consume-se mais uísque, que é grato ao coração de Deus.

O pior mesmo é a cerveja que também se bebe neste clima. Por isso gentis moças registram: "Como você está forte!". As camisas apertam, o colarinho asfixia, triste do homem que engorda, engolfado nesse líquido de origem alemã. Minha mãe me lembra que só vou casar definitivamente aos trinta e cinco anos. Quem o diz e dá fé é a cartomante. Três anos pela frente me aguardam com o bojo

repleto de aventuras inconseqüentes e experiências transitórias. Haverá algo mais definitivo que isso O coração é mesmo latifúndio cearense em tempo de verão, as dez e disponibilidade. E Cíntia tarda em chegar. Ainda ontem a avistei. O olhar azul-cinza-bem-de-leve era profundo, mil indagações cabem nele, mas cheio de segurança. A companheira, bem mais velha, com ar de tia, flagrou nosso encontro visual com assentimento protetor. Cíntia, é tempo de gerânios, vem.

(1970)

## Hélio amigo:

Fred, irmão caçula e comensal, insiste para que me desfaça do velho fusca - tu, que foste proprietário do Rocinante em terras da Europa, sente o drama. Honrada condução de classe média caindo os pedaços, é tão grande, tão grande que abriga minha solidão. Amigo velho maltratado, camelo rodante, desdenha a água. É ainda o palco transeunte em que Hamlet sem Ofélia nem Dinamarca comigo dialogo e me embrenho no latifúndio da fantasia. Por isso, nunca dou caronas. Vou só eu e minha circunstância. Além disso, sou um homem fiel. O carro é da mesma cor e da mesma marca do primeiro que tive. Era um valente produto teuto-brasileiro que, só para me estar, comigo capotou no primeiro mês de convivência, ali na D. Manuel. Foi desvirado pelo Zé Queiroz e pelo Luís Gonzaga de Paula. O fusca atual abrigou, por instantes, todas as mulheres que por mim passaram. Até feias, que mesmo o esteta mais exigente claudica e se trumbica. Maria Helena era jovem e tinha a boca em flor e uma paixão proibida nos reunia e nos aquecia, Regina era rainha de nome, de corpo, de alma e ainda hoje nos amamos, Maria era bela, dava a impressão de ter sempre saído do banho há pouco e um riso tão lindo, tinha vontade de fazê-la sempre feliz! Valente caminhador, testemunha discreta, vadeador de rios de hortênsias e margaridas em Petrópolis e Teresópolis, alpinista da Vista Chinesa, do Hotel das Paineiras, abrigando, então, em seu espaço humilde e honesto, senhoras mais que respeitáveis! Em vão inutilmente, há de me pedir, te substitua, fusca velho, amigo, confidente, senhor de míseros segredos porém meus, depositário de lembranças

tão boas. Eu que não gosto de mudar, serei fiel a ti por muito tempo, guerrilheiro desarmado do asfalto, dócil julgamento teuto, beduíno europeu, tão bem-vindo à caatingas e aos nossos saaras.

(1970)

## Caro Hélio:

Foi noite de conhecer a casa de Fran Martins. E ali acoerremos para ver seus quadros, o azul da piscina, o verde milharal incipiente, plantado unicamente para estimular *boutades* de Otacílio Colares. Entre as senhoras, presentes, queixo-me da ausência da empregada. Agora faltou porque lhe morreu a mãe. Já notei o seu hábito de perder parentes com muita freqüência. Recomendaram-me porém ficar com ela. Hoje é mais fácil encontrar uma mulher para casar que uma boa artista de forno e fogão. Outro define os clubes de serviço com mordacidade: "É o lugar onde o intelectual se sente rico, e o comerciante se sente intelectual". Milton Dias diz não querer em seu enterro nem choro nem flores, nem vela nem coroas. Quem o quiser prantear que o faça por antecedência. Em vida. De preferência, convertendo em uísque decente as homenagens fúnebres. No dia seguinte estávamos reunidos quatro cidadãos, eleitores, vacinados, tributados criteriosamente pelo fisco, na calmaria da tarde quente. Girão Barroso anunciava sua despedida da poesia. Não quer nunca mias ser chamado de poeta. Renuncia às musas definitivamente. É que o poeta ia publicar um livro. Andava com os bolsos cheios de veros: e os perdeu num ônibus, tão vasqueira anda a lira nestes dias materialistas. Éramos ainda Tarcísio Tavares e Guilherme Neto. De repente, sentimos todos a urgência irresistível de recordar uma poesia de Jairo Martins Bastos (ou do Luiz Peixoto) E batemos à porta da memória de Lúcio Brasileiro pelo telefone, anotei os versos com os equívocos inevitáveis: "Eu queria me chamar Joaquim/ e criar patos/ eu queria ter o gosto das cousas simples"/ Gosto de sabonete sobre a pele/ A última notícia

no rádio pequeno/ Eu queria amar a Deus/ Mas as minhas  
mãos não acariciam se/ não com volúpia/ E as palavras de  
minha boca são cheias de segundas intenções/ Mas se to-  
das as mulheres que amei com amores devassos/ Unissem  
suas mãos/ E formassem um só corpo de luz/ Essas mu-  
lheres seriam Joanas/ E me dariam filhos/ Que se chamari-  
am Ismael/ Lúcia e Margarida"/. Newton atendia ao apelo  
da lembrança. Voltamos ao trabalho. Eu fui dar aulas e ver  
na incerteza da noite uma Joana, friorenta do vento Aracati  
que nos açoita no bar litorâneo, onde as lamparinas assis-  
tem fumacentas ao morrer de nossa sede.

(03.12.1970)

## Hélio amigo:

Razão não falta a Vinícius. Para ele, não é o coração o órgão mais importante a cuidar. A vigiar e orar. E sim o fígado. Tem razão o vigário-geral da poesia deste País tropical. Vejam vocês a quantos testes esta sobrecarregada alfândega do organismo é submetida. De sexta para cá, a vida tem sido combate que os fracos abate. Sem dúvida alguma. A tertúlia do Iate ao domingo ante beldades ensolaradas na piscina. Na segunda-feira, é Eduardo Campos que chega à esquina dos 48. E lá estamos numa festa amiga, muito feita de cordialidade. Terça-feira, Chico Martins recebe, pois Bemvinda aniversaria. Anastácio Souza abre afinal os salões, pois o herdeiro é a folhinha. Mas 71 tem outras provações. Talvez comprovações. Exuberante mostra da ardência da mulher do Norte. Deus abençoe a peregrina que passou um instante pelo meu caminho, fez sinal de stop e lhe dei meu uísque mais refinado e meu amor idem. Aqueceu minha noite e incendiou (também) minha imaginação. Por falar nisso, Hélio, não é gabolice. O mar está pra peixe. De repente, descubro, não era sem tempo, as vantagens de ser solteiro. Uma delas é poder sair facilmente das festas à francesa quando o sono me colhe ou o cansaço se antecipa. Eu já te disse, 71 chegou em dezembro. De lá para cá, há pelo menos esperanças à porta, em matéria de finanças que saíram trôpegas e cambaleantes neste fim de ano. As moças, não. Elas têm adoçado meus caminhos. Para garantir o uísque de cada dia, não sabes a que sacrifícios somos levados. Recorro à publicidade. Estou loteando meu sorriso. Mal remunerada classe dos escribas, trabalhadores braçais da inteligência. Só nos resta um vago quinhão de arrogância. Somos tão im-

portantes, fizemos a carreira do Virgílio, elegemos o Carlos Jereissati, derrubamos Getúlio Vargas, decidimos a entrada do país na Segunda Grande Guerra. São estes falazes consolos que nos remuneram. Fora daí temos de recorrer aos Evandro Moura, aos Valmir Magalhães, aos Deusdedit Costa Sousa da vida. Ah! Já não posso com essa obsessão de gerentes de bancos, de papagaios. O que me salva da fossa total é a retina povoada de lolitas em flor, tostadas de sol dourado, mostrando, até onde podem, seus até então insuspeitos encantos. Ninguém segura a juventude do Brasil.

(14.01.1971)

## Leonardo Mota Neto:

Assim como diria Nelson Rodrigues, o foca dorme em mim enterrado como sapo de macumba. Vibro cada vez que descubro, perdido na multidão, um leitor das *Cartas do Beco*. Tu bem te lembras do primeiro artigo meu escrito na *Tribuna da Imprensa* e publicado graças ao empenho do nosso italiano Wilson Rianelli. No lugar onde Carlos Lacerda escrevia, no jornal que ele fundara e eu lera nos idos de 1954 com tanta gana, lá estava minha brasa. Vivía no Rio, há quatro meses, bebendo o uísque e comendo o caviar de Airton Rocha. Por dentro, porém, "a fossa funda" de Taiguara roía como a verruma. Longe dos amigos, da família, do bar do Ideal, de minha cidade, nada me amenizava o *spleen*. Certa manhã de sol vou saindo de casa para o escritório que era próximo, paro a fim de comprar a *Tribuna da Imprensa*. Atônito, estarecido, nervoso, vibrando como uma noiva de primeira viagem, lá encontro na primeira página artigo meu, "Crise na Universidade". Viro o jornal, encostado à parede da banca, e descubro meu nome. Compro mais uma *Tribuna*. Noutra banca outra, temendo talvez que o primeiro jornal fosse um só, feito para meu júbilo, como se dizia que para o primeiro Rockefeller se imprimia o um jornal, forjado só de felicidade, de boas notícias. No escritório Mary, Maria, Amélia, dona Mercedes, o coronel Franco, Rianelli, este autor do milagre, todos co-autores e condôminos de minha alegria me recebiam com palmas. À hora do almoço, para tirar dúvidas definitivamente, comprei, noutra banca, exemplares da *Tribuna*. Em todos eles, estava meu artigo na primeira página, minha assinatura. E eu foca, perdidamente feliz, recolhia quase dez números do jornal que eram, en-

tão, minha maior fortuna. Uma botija, um tesouro de piratas. Uma descoberta de menino a quem Papai Noel chegara, regiamente, com sua prenda, antes do Natal. Eis porque digo que o foca jaz em mim enterrado como sapo de macumba.

(1970)

## Leonardo Mota Neto:

Tenho três amigos cujo único defeito é o desamor ao uísque. Nem Hélio Barros, nem Elano de Paulo, nem Antenor Barros Leal ajudam as destilarias da Escócia. Pelo menos diretamente. Muito embora possam matar a sede dos amigos, o que não chega a ser a solidariedade direta, etílica. Por outro lado, já possuí um amigo que bebia. Era pau d'água nato, bebia e se embriagava ao odor do primeiro uísque. Portanto, não podia continuar meu amigo. Ademais, como se não bastasse, pronunciava *pussilânime*. Acrescentava um "esse" a mais à palavra que usava com tanta freqüência a dezarrazoadamente. Isto me lembrei ao ouvir a moça na TV. Ela diz *embrema*. Angustia-me. Repete e continua a trocar o *l* pelo *r*. Assim é o outro no vídeo. Me crispa os nervos. Fica tão tenso que a tensão se comunica a nós. Cansamos todos da expectativa que felizmente não se concretiza de que ele se embarace de todo, se atropele e saia correndo do fiasco que teme. E não vem. Outro amigo ofereceu uma carona. Lá pelas tantas, a moça orientou: "Agora, você *droba* aqui." O *droba* era feio como palavrão na linda boca excessivamente maquiada. O amigo desistiu. Também tive uma namorada assim. Era gordinha, morava pras bandas de Granja e tinha noivo fixo. De lá me mandou uma carteira (de plástico) e uma carta. Nesta, mil e um erros de português. Há muitos anos não nos vemos. Nem nos correspondemos, evidentemente. Creio, porém, que nem emagreceu, nem fez as pazes com o vernáculo. Tanto pior para mim. Agora esta flor do Lácio inculta e bela tem seus enguiços. Por exemplo, na areia da praia, o oceano bramindo de inveja

e os instintos iluminados, ou sob copadas mangueiras, ou ainda na proteção das trevas de uma boite, eu sempre digo: "lhe amo". Dane-se a regência mas salve-se a comunicação. Apesar disso, as moças acreditam. Só quando começam a enfasiar-nos, é que voltamos à regência certa. Mas aí tanto se nos dá.

(1970)

## Leonardo Mota Neto:

Uma das razões pelas quais sinto que amo o jornalismo reside em me entusiasmar cada vez que descubro um leitor. É mais um ente, criado à imagem e semelhança de Deus, que se comunica comigo. Necessidade que vem da infância, da adolescência angustiada, sei lá de quê. Lembro-me dos meus quinze para dezesseis anos em Mecejana, sítio onde morava meu avô, escrevendo de quatro a cinco artigos por dia. Debaixo das mangueiras, a lápis, ali surgia minha produção em massa. Os primeiros artigos publicados na revista do Seminário dos Franciscanos em Ipuarana, Campina Grande. Depois a vergonha de meu pai e minha Estávamos de férias no sítio, às margens do açude Cachoeira, em Sobral quando ele chega, na charrete que trazia da cidade e me joga um *Correio do Ceará*. "Veja a vergonha que você me faz passar!" O jornal trazia as galhofas naturais com que da capital se olha o adolescente do interior. Uma tremenda e merecida gozação de Jairo Martins Bastos a uma carta que eu lhe escrevera propondo-me a colaborar no jornal Unitário. A superar os medalhões da época, garantia eu. E que era o mais cômico, a cobrar pela publicação dos artigos. Anos depois, trabalhava eu já no Náutico em Fortaleza, escrevia sueltos e artigos para a Gazeta de Notícias quando tive de fazer o vestibular. E uma campanha para a criação do curso noturno da Faculdade de Direito para aqueles, como eu, que trabalhavam dois expedientes. E ainda escrevia para jornal. Fui a Eduardo Campos às 11 horas e este imediatamente aquiesceu, pedindo-me escrevesse eu mesmo os artigos. Almocei, às pressas, no restaurante da Loja de Variedades, na Barão do Rio Branco. Apenas engoli a comida, tomei de volta o ôni-

bus, rumei para o escritório do Náutico. Onde com a pressa de sempre, escrevi logo três artigos. Mal chegava Eduardo Campos ao jornal, já lhe entregava a produção. No dia seguinte ele a publicava. Quando fui agradecer-lhe, convidou-me para escrever a "Crônica do Ceará", na PRE-9. Estarrecido, atônito, menino recém-chegado do interior, mal havia atingido 18 anos, ia substituir Blanchard Girão! No dia seguinte, 22 de fevereiro de 1958, ouvia João Ramos ler minha crônica leitores que fraudavam na venda do leite. E a música de minha própria palavra, na voz que as enriquecia e enchia de densidade, ficou bailando para sempre, até hoje, até o nunca mais, nos meus ouvidos. Não havia, no mundo, naquelas doze horas de 22 de fevereiro de 1958, nenhum homem mais feliz que eu.

(1970)

## Leonardo Mota Neto:

Tudo passa. *Sic transit gloria mundi*, dizia-se antigamente. Tudo passa, repete Nelson Ned, filósofo contemporâneo e canoro. Passou até a minha gripe, à força de dias eucalipto e brutais doses de produtos farmacológicos. Edilmar Norões aniversaria. No espelho do quarto ele não vê a idade. A cada dia remoça. Enquanto eu, com estes óculos, roupas escuras e a marca do meu seminário, comecei aos 17 anos a trabalhar no Náutico. Metido num sombrio paletó preto, comprado no crediário da Casa das Máquinas, fui logo interrogado por uma funcionária. "O senhor tem uns 27 anos" Agravava-me duplamente. "O senhor", que me infligia ainda na menoridade, e pela década que me acrescentava. A esse tempo era um rapaz de futuro. O futuro chegou. E cadê? Um filho, uns casamentos, um livro, amigos constantes e alguns "papagaios" empinados na rede bancária. Podia ser pior. Vi um Prefect ontem quando fui com Geraldo Fontenele e Dorian Sampaio à Ceará Motor. Segundo o motor filósofo da Visconde de Sabóia, ele que já pilotou tal jerico rodante, são animais imbatíveis. Recusam-se a parar. Há, alguns resistindo tanto que se transformaram em cataventos. No Médio Jaguaribe. Sonhei muito e em vão com um Hilmann. Quando pude, parti para um fusca e desde então tenho sido fiel a este camelo teuto-brasileiro, jumento alemão tão bem aclimatado a nossos saaras. O primeiro que comprei ainda não estava nem pago, foi todo riscado a prego ali no restaurante do Ideal. O ressentimento se vingava em inscrições agressivas. Típica faceta cearense. Tivemos a moda das garapeiras, farmácias, casas de disco, boates. Agora é a dos hotéis. Para o sr. Lúcio Brasileiro, quando for a era da droga, vai

ser um campeonato. Somente o gosto de imitar. É dele a parábola: Deus chegou e disse a um cearense: "Vou sortear um bilhete da loteria. Duzentos milhões serão seus. Agora 50 você dá ao vizinho. É condição *sine qua non*". Pulou o cearense que não tinha onde cair vivo: "Por que 50 milhões para ele Prefiro então, não ganhar nada. Ou tudo ou nada". Dessa matéria somos feitos. Imperfeitas criaturas, moldadas pelo subdesenvolvimento ambiente. Como a pobreza marca! É por isso que creio tanto e luto pelo desenvolvimento econômico. Necessário se faz democratizar o caviar. Como insisto a respeito: *o sense of humour* foi virtude da Inglaterra imperial. Só se pode ter senso de humor quando se tem certeza de jantar. Ninguém dispõe de fair-play quando está ruim de vida ou quando teme voltar a estar. Pois é, Leo, são estas notas de filosofia barata, esta verborrágica filosofia de mesa de botequim, cenário onde salvamos a pátria e quiçá o mundo. Sabes que na última guerra os estrategistas da Praça do Ferreira anteviram, previram vitórias do Eixo e suas derrotas Iluminados rapazes. Talvez até estivessem certos. Sabe-se bem mais quando não se convive com os fatos. Às vezes admito que a inciência, a inexperiência é uma senhora muito sábia. Por hoje fico aqui. É muita prosopopéia para um sábado só. Adeus.

(11.01.1972)

## Paulo:

A grande vantagem da cidade pequena e seu maior defeito é justamente que nos vemos com freqüência. Como não podemos separar as pessoas agradáveis na rua, eis o risco ilimitado que corremos. Podemos enfrentar os chatos e perder as boas praças. Ontem, porém, foi de sorte. Escapei de um bêbado vespertino e me enfiei rumo ao banco. Pelo caminho encontrei Milton Dias, Fran Martins e Hermes Pereira. O último, de pai, filhos a tiracolo vindos do fotógrafo. Foram tirar carteiras de estudante. Os primeiros faziam, despreocupados e leves, o *footing* vespertino. Vale a pena, pois a ventania amainou e deixou na praça moças lindas. E enquanto cuidamos da paisagem, falam eles da festa do Ideal que durou até as três da madrugada. Milton aproveita a deixa para recorrer a seu fabulário interiorano e conta de um morador de Camocim, freguês da cachaça e milionário da fantasia que, na embriaguez da madrugada, reclamava de sua cidade não ter atrações boêmias: "Bom é Paris, com mulheres, vinho e música". De mulheres, mal tinha a sua, um "estupor", segundo o cronista. Vinho e música consumiu-os os de suas cidade, donde nunca saiu. Rico é pois o poder da fantasia. Aos seus proprietários está reservado o reino da terra que paga à vista, na boa moeda da realidade e dos sonhos correntes. Assim, irmão, que cada vez mais te internacionalizas. É tua cidade e tua gente. Somos nós enfim. Mas era filosofia demais para uma tarde ensolarada de setembro. Cada um tomou de si e foi ao prosaico da rotina diária. Parti e aqui estou a te mandar esta mensagem. Até amanhã.

(1970)

## Paulo Elpídio:

Chegou aos trinta e três anos o nosso Lúcio Brasileiro. Para mim, ele parece sempre o príncipe do 202 dos Champs Elysées, memorável personagem de "A Cidade e as Serras", de cujo caldeirão generoso, tal qual o Zé Fernandes, muito me nutri. Chega mais lúcido, escrevendo e conversando cada vez melhor. E mais pobre. Depois do jantar em casa do Deusimar Lins Cavalcante, ele se mandou à Praia. Almoçamos lá e, antes, demos o balanço da existência. Ainda me afligem as despesas do uísque e dos jantares fora, com os amigos ou as mulheres que me favorecem. E lembramo-nos dos velhos tempos em que íamos os dois ao Pontes, no Banco União, levantar dinheiro a fim de pagar a conta do Curi no Ideal. Cada um com o seu jornal, debaixo do braço, a fim de fortalecer a moral, e enfrentar os juros que eram então implacáveis. E, nas pequenas folhas vadias que circulam, na paróquia, as notas saíam assim: "O colunista político bebe na conta do colunista social e o colunista social manda botar na conta do deputado". O tempo passou, as contas avultaram e continuamos pobres com dantes, felizmente, sem perder o *sense of humour* e incapazes do ressentimento. Haverá melhor bênção de Deus

Ainda anteontem almoçou lá em casa Ivens Dias Branco. Tu sabes que nem o conhecia aqui do Ceará, e foi em Portugal que dele me aproximei e do pai, a quem Aduino Bezerra quer dar o título de Cidadão Cearense. Quando digo que além de Messejana estou no auxílio, depois de Antônio Bezerra sinto-me expatriado, é porque sou como Anteu. Preciso deste chão. Fora daqui renasce o menino do BECO, apagado, encabulado, cerceado de guias, cornacas e intérpretes para o mundo. Assim dou quan-

do descí no aeroporto de Lisboa, me lembrando de tua emoção, de tua palidez ao chegar à pátria de Ramalho, Eça e Fernando Pessoa, ia perdido, descoroçoado, até que uma voz amiga gritou na gare meu nome. E de repente, vi os rostos amigos em festa, que me reconheceram e me acolheram e neste mesmo dia, mataram a fome, num inacabável almoço português, em restaurante, ensombrado por caramanchões, sob cuja sombra fui-me afeiçoar ao paladar luso. Saímos pela cidade a ver a estátua de Eça, a que, numa noite de esbórnia e álcoois, seu \*Chiquinho se abraçara, e mais tarde, no Teatro do Lutécia, ver *A Relíquia*, em forma dramática. Aí já eu enfrentava a irresistível coerção, sono, pois enfrentara o medo das nove horas de avião, lendo *O chefão* e fugindo, bravamente, do papo de um casal de velhos italianos. Foi tempo de recordar tudo isso e anunciar que, em breve, estarei de novo em Aveiro, a Veneza lusa espreguiçando-se sensualmente entre rios e canais, revendo Sintra e Colares, almoçando no Ramalhão e ouvindo a cachopa perguntar se quero "salmis". O que é salmis? Responde ela: "pru". Como indago eu. "Pru", até que alguém me diga que salmis é o nosso aburguesado peru. Ah, Paulo, estou sempre rendendo-me às recordações. Envelhecerei antes do tempo. Espero que o corpo rejuvenesça, pois diz Wilde que alma nasce velha, depois rejuvenesce, o corpo nasce jovem, mais tarde envelhece. Conto eu em que, apesar do uísque, do cigarro, do leque de atividades em que me divido, os dentes continuem fortes, o fígado rijo combatente e todo eu, muito lépido e eficiente, em bem atender às mulheres que me procurem. Não quero muito mais que isto. Adieu, Paulo.

(11.04.1972)

*\*Francisco Carvalho Martins*

## Paulo Elpídio:

Falas em tuas cartas de que Martinha se habitua às limitações do apartamento e aqui venho a saber de que habitas um tremendo *flat* deitado sobre o Bois de Boulogne! Que calhordice! Temes que pretenda me arrancar à tua sombra e dividir os magros brioches que cabem a toda a tribo Subiu a conta de luz. Pago também a iluminação da testada da casa. A luz da rua é minha conta. E a luz da lua Terão tarifado o luar ou continuará de graça E os passarinhos O vizinho tem pássaros. Quanto irá querer a Prefeitura pelo chilrear Sossega, graúna travessa, negra assanhada que o Fisco atento se encontra ao teu descante! Teu *long play* natural, tua voz vaidosa, crioula, vai enriquecer o erário. Pago o imposto de renda, eu que não tenho renda. E, sim, salário. Pago, se casado. Descasado, sou glosado por solteiro. Por mulher fixa, gozo (!) de desconto. Pelas avulsas, que também são caras, nada. Não, irmão. Urge, com rapidez e eficiência, rever a legislação fiscal. Por menos disto, já houve a Inconfidência Mineira. Iremos às armas contra o imposto sobre o luar que nestes dias, ou melhor, nestas noites, se fez lindo. Então, começa a contagem regressiva de seus oitonos. Aparece-me Cláudio Castelo, que hoje tem casa e consultório em São Paulo. É psicanalista. Revejo o amigo querido e aproveito para sessão de graça. Mas estes analistas nada resolvem; são semeadores de dúvidas. Agravam as cotas da inquietação universal. Muito melhor a velha solução, um purgante que "seu" Costa recomendava como alternativa aos nossos Sigmund Freud. Ao óleo de rícino, pois, que foi santo remédio. Procuramos vida sem problemas. Fugimos da concorrência agitada, deixando que os gananciosos se entredovorem. Tudo

parece ir, tendendo a uma existência sossegada, sem troços nem procelas. Mas há algo em nós, um tempero exótico do viver, o lado de jogador que nos leva a procurar o que tende destruir todo este esforço laborioso de pacificação interior. Somos então duramente derrubados por vagalhões. É como se fosse o fim, não mais tornássemos à praia, a fossa então eterna e sempre. Cego engano dos que pensam que o oceano nos tragou. Estamos sempre voltando. Dentro em pouco, postas as roupas ao sol, matada a sede, pensadas as feridas, já nos apresentamos de novo para o ofício de viver. É a hora em que se repõe na boca o melhor sorriso e o João-galamarte da vida recomença. O que é preciso mesmo é dar baixa em sonhos malucos. Arranjar mulher para sempre, o pijama azul, a cadeira de balanço do papai, o ancinho no jardim, caderneta na mercearia, sogro, sogra, cunhados, tias, parentes, aderentes, avalistas, todo aquele enorme e cacetíssimo esquema no qual vamos ficar inseridos. O matrimônio é uma empresa onerosa. Um contrato de adesão global. Um dia vou lá. Cheguei, voltei para ficar. Chove, chuva, sem parar. E eu quero sair. Não tenho relógio nem guarda-chuva. Nunca tive nem hei-de-ter. Já estamos sobrecarregados demais. Os objetos nos possuem. Melhor é tê-los em pouca quantidade. Pois é, Paulo, eis diante de ti, nestas lonjuras gaulesas, um brasileiro entre os demais perplexo. Complexa figura que se chamou F.J.L.C. e um dia será esquecido epitáfio por onde a lua e o vento passarão indiferentes. Que ficará de mim Um filho que fiz. Um livro que publiquei e algumas saudades nos amigos e nas mulheres que tive. É pouco? É muito? Quem sabe? De qualquer maneira, foi o que pude fazer. Meu quinhão. Loteei meu sorriso e sequer recebi o pagamento das prestações. Já pensei em plantar obras fundamentais, há um ficcionista frustrado dormindo em mim. O jornalismo compatibiliza-se melhor

com meus defeitos e qualidades. Por isso, optei pelo efêmero. Planta tu pelaí o carvalho da ciência política, enquanto colho, enquanto posso, todos os dias a couve de minha crônica diária. Não me interessa em absoluto a vida apagada e miserável do vate maior, à espera de que a posteridade o descubra e lance flores sobre seu mármore e memória quando em vida lhe tirou o respeito e o pão. A vida é hoje. E hoje que hemos de receber nossas contas. Eu escolhi e, como a moça do evangelho, naquele bródio das bodas de Caná, nem sei se foi a melhor parte. Aliás, não sei de nada. Só os jovens e os tolos têm fundas convicções. Adieu.

(01.03.72)

## Regina amiga:

Na terra, Dorian Sampaio é o cassado de maior charme. A odontologia garante melhor o papo que a política. Está pensando em ser provador de vinhos. Milton Dias é leitor das *Cartas do Beco* e já arranjou mais outro freguês, o nosso Emílio Burlamaqui promovido à revelia, pois, para nós, continua major por algum tempo. Burlamaqui passa semana de férias conosco. E logo, segunda foi dia de quebrar o regime em casa de Lúcio Brasileiro, com Milton Dias, ele e Josué de Castro. Dia seguinte o mesmo grupo em casa de Josué e por aí imaginas como será a semana toda. Não tem chegado para quem quer. Milton acha que o *causeur* deve ganhar cachê. O palestrador será contratado a tanto por hora como o pianista. Há uma moça linda na cidade. Canta rouco e quente. Estamos todos perdidos por ela. Ainda: Dulcina Palhano existe. Meninos, eu vi. Os desquites estão a 1 por 72 horas, o que é pouco, havendo tanto advogado sem causa por aí afora. Só tenho pena dos juizes de varas de família, tão sobrecarregados andam. Não estou apaixonado no momento. Juro que me corrijo logo. Em compensação, dei jantar para Zuleide e Paulo Elpídio Menezes Neto e lamento não estar casado. Os pratos não tinham aquele *décor* das receitas da Helena Sangirardi. Só o matrimônio dá o máximo à sua mesa. Todavia, ando pensando seriamente em comprar um cachorro. Cão imaginário, bem vêes, que o solteiro não deve criar nada, nem passarinho, manda Rubem Braga. Ao lado disso há Lúcio Brasileiro, e está cada vez melhor. Comprou um Ciclobel. Todos os dias, ao meio-dia quando acorda, convoca o criado para fazer exercícios. Emagrece por procuração.

(1970)

## Regina amiga:

Quando te escrevo, faz tarde seca e pardacenta. O céu esconde ciladas mis. Talvez, por trás das nuvens sujas, se oculte um toró. Ou quem sabe? Pode ser um trote se São Pedro desvenda o azul limpinho do céu e o sol empapando-nos de suor. Almocei em casa amiga com um casal, bem sucedido nas letras e nos negócios, aspirando pela vida dos *hippies*. Ela crê em que haverá um mundo sem concorrência. Um tempo em que o homem não será o lobo do homem. O darwinismo social terá cessado. Não existirá alguém querendo ser maior do que o outro. Pela pujança de seu poder. Pela exibição de seu ouro. Pelo prestígio de sua arte. Por mim descreio. A criatura humana não é boa nem má. Só se agita, cresce, porém, se afirma em detrimento da outra. É dura, cruel, realidade que os hippies procuram esquecer. O mundo não se constrói, porém, como estes álares boêmios nem com votos de pobreza. Paro em meio a tantas cogitações. Olho a natureza. Que bom é vê-la sem nada que fazer. Fora da ociosidade, é uma maçada. O colarinho escraviza o pescoço. A gravata, grilhão em seda pura. E ainda por cima o paletó. Tudo tão antiecológico. Assim não há veia poética que resista. Somos prosaicos homens de cinzento, com a cabeça voltada para o chão - bons animais. Ou então pés firmemente assentados no asfalto com a única preocupação transcendental de transeuntes em fugir dos chatos e dos atropelamentos. Mormente dos chatos que se emboscam nas esquinas mais respeitáveis, nos tocaiam em portais de lojas e farmácias e se de longe nos pilham, avançam, marcham e nos assaltam implacáveis, sinistros. Foi o que ter-

minou por me ocorrer. Decididamente, não era meu dia de ir à rua. O céu sujo, dum sujo sem regeneração. O clima pegajoso e o surto incontrolável de chatos soltos na rua sem polícia correcional, sem qualquer defesa para nós transeuntes. Antes ficasse em casa com a digestão e os temas do almoço.

(1970)

## Regina amiga:

Se eu me chamasse Raimundo, nem seria rir nem solução. Se fosse mulher, é que daria palavrão. Às vezes me pergunto porque não sou o "Mundico", com casa e bodega numa esquina de subúrbio, uma mulher gorda, cheia de varizes que não amo nem odeio. Se eu fosse Raimundo, atenderia os bêbados e teria uma tranca detrás da porta para minha defesa. Subornaria com uma "cana" reforçada policiais do bairro e teria um candidato a vereador em quem acreditaria tanto quanto o Papa em Cristo. Decerto, faria filhos para os quais pleitearia vagas em colégios públicos. Se não quisessem estudar não teria importância. Pensaria em colocá-los na Marinha e se não fosse possível não insistiria. Meu vizinho e compadre me falaria de comprar a casa onde moro e funciona a mercearia. À noite, um pouco sem jeito, consultaria a mulher. Para que comprar Pensaria comigo, enquanto engolem a fumaça de um cigarro ordinário. Iria ao quintal, onde o ruído de galinhas talvez anunciasse amigos do alheio, personagem de "A Cidade e a Lei". Ficaria, de longe, vendo rodagigante jogada contra o céu e teria uma vontade maluca de passear ali, num revanche da infância que não tive. Depois riria encabulado comigo mesmo. Ah! Eu precisava me chamar Raimundo ou Joaquim, ter mercearia, pagar com raiva o INPS, embriagar-me sistematicamente aos domingos, segunda-feira, voltar a ser soturno bodegueiro, respeitoso de Deus e do governo. Bodegueiro simples, honrado talvez, sem ler Huxley ou Charles Morgan, sem fazer análise, sem angústia existencial, sem fossa, feliz ou simplesmente banal como um paralelepípedo, como este pedaço de rua esquecido, no areal, onde um homem com o meu nome, com a minha existência vive a vida que podia ser minha. E eu não sou este homem.

(1970)

## Regina:

Se tu não chegas a tempo, nos desencontramos nas férias, período em que confrontamos nossa experiência. Vemos o quanto temos sido provados pela vida. E principalmente que estamos vivos. Por isso, vem. É um reinício o que antevejo, e não apenas me intimida como me põe incerteza n'alma. Principalmente o cansaço. Mais uma vez o conhecimento ritual. Tão meu freguês. O final será como todos. Poderei cantar como Chico Buarque que já conheço os passos desta estrada, já sei onde vão dar. Por isso, mais que urgente se faz tua presença aqui. Saudável por dentro e por fora. A mesma vaidade, o mesmo orgulho fátuo e, decerto, a beleza imperecível. E a amizade que faz a convivência em nós tão fácil. Este ano gostaria de ir contigo a um parque de diversões e chupar picolé na rua. Assistir aos jogos numa quermesse do Mucuripe. Longe já pelo coqueirinho passearíamos medroso na roda-gigante, aquele círculo iluminado, lançado à face escura do céu. Depois passaríamos pelo Pombo Cheio, pediríamos inutilmente uma eletrola com disco de curtição, de dor de cotovelo. Quem sabe Tomaríamos sorvete na Antônio Bezerra, veríamos televisão naquela praça da igreja, onde em tempos idos falei às massas. Iremos, sem sentido nem objetivo, dar em Caucaia. Ou, na rota de Mecejana, pararíamos naquele bar da praça e todos te olhariam, ele é tão cafona e tu tão linda, de todos desejada, e haverá, como dantes, aquele ar de pecado de pessoas que se escondem, de proibição que tu preservas e tornam nossos encontros sempre acontecimentos acima e além da atividade. Iremos até Pacajus, lembraremos aquela pane de meu carro, a ida vã a uma churrascaria que não mais encontrei. Em Pacajus,

te comprarei chapéu de palha e bolsa idem e acharei que estás em ponto de bala para um *footing* em praias da Europa. Precisas acabar tua preguiça e a minha e assim na praia correremos à noite, meninos vadios. Antes de parar lá no Cristino para consumir mais uma cerveja contra todas as dietas, à luz das lamparinas. Haverá sempre um casal clandestino chegando que não nos quer ver e então se esconde e nós também e isso por nada só para valorizar o momento. Para dourar o amor de algo mais, esta miragem, este que reside no mistério, que se acha no pecado que mora no proibido e embora estejamos em tempos permissivos, levaremos conosco essa ilusão. Vem, criança, precisamos chupar picolé, comer pipoca, comprar "chegadinhos" e passear na roda-gigante. O menino, que mora em mim, está fluindo como um regato. Vem.

(02.12.1970)



**COLEÇÃO ALAGADIÇO NOVO**



1. IRACEMA – José de Alencar – Edição fac-similada; UFC – 1983.
2. FORTALEZA E A CRÔNICA HISTÓRICA – Raimundo Girão – UFC – 1983.
3. TEMPOS HERÓICOS – Esperidião de Queiroz Lima – Reedição da 2ª parte do livro ANTI-GA FAMÍLIA DO SERTÃO – UFC – 1984.
4. AS VISÕES DO CORPO – Francisco Carvalho – UFC – 1984.
5. CONTOS ESCOLHIDOS – Moreira Campos – 4ª Edição – UFC, 1984.
6. DEZ ENSAIOS DE LITERATURA CEARENSE – Sânzio de Azevedo – UFC – 1985.
7. O NORTE CANTA – Martins d'Alvarez – 2ª Edição – UFC – 1985.
8. TIBÚRCIO – O GRANDE SOLDADO E PENSADOR – Eusébio de Sousa – Edição Especial – UFC – 1985.
9. O CRATO DE MEU TEMPO – Paulo Elpidio de Menezes – 2ª Edição – UFC – 1985.
10. BUMBA-MEU-BOI E OUTROS TEMAS – Lauro Ruiz de Andrade – UFC – 1985.
11. CANTO DE AMOR AO CEARÁ – Artur Eduardo Benevides – UFC – 1985.
12. MUNDO PERDIDO – Fran Martins – 2ª Edição – UFC – 1985.
13. ILDEFONSO ALBANO E OUTROS ENSAIOS – F. Alves de Andrade – UFC – 1985.
14. POEMAS ESCOLHIDOS – Cruz Filho – UFC – 1986.
15. REFLEXÕES SOBRE AUGUSTO DOS ANJOS – Antônio Martins Filho – UFC – 1987.
16. GUSTAVO BARROSO – SOL, MAR E SERTÃO – Eduardo Campos – UFC – 1988.
17. EXERCÍCIOS DE LITERATURA – Francisco Carvalho – UFC – 1989.
18. POESIAS – 2ª Edição – Filgueiras Lima – UFC – 1989.
19. A RECEPÇÃO DOS ROMANCES INDIANISTAS DE JOSÉ DE ALENCAR – Ingrid Schwaborn – UFC – 1990.
20. LITERATURA SEM FRONTEIRAS – Coordenadores: Helmut Feldmann e Teoberto Landim – UFC – 1990.
21. UFC & BNB – Educação para o Desenvolvimento – Antônio Martins Filho – UFC – 1990.
22. IMPÉRIO DO BACAMARTE – Joaryvar Macedo – 2ª Edição – UFC – 1990/1992.
23. O MUNDO DE FLORA – Angela Gutiérrez – UFC – 1990.
24. CRÔNICAS DA PROVÍNCIA DO CEARÁ – Manuel Albano Amora – UFC – 1990.
25. APOLOGIA DE AUGUSTO DOS ANJOS E OUTROS ESTUDOS – F.S. Nascimento – UFC – 1990.
26. ESPELHO DE CRISTAL – Wilson Fernandes – UFC – 1990.
27. MEDICINA MEU AMOR – CONTOS E CRÔNICAS – José Murilo Martins – UFC – 1991.
28. O TERRITÓRIO DA PALAVRA – MEMÓRIA & LITERATURA – Carlos d'Alge – UFC – 1991.
29. METAFÍSICA DAS PARTES – Carlos Gildemar Pontes – UFC – 1991.
30. REINCIDÊNCIA – Cláudio Martins – UFC – 1991.
31. CONCEITOS & CONFRONTOS – Heládio Feitosa e Castro – UFC – 1991.
32. DESCRIÇÃO DA CIDADE DE FORTALEZA – Antônio Bezerra de Menezes – Introdução e Notas de Raimundo Girão – UFC – 1992.
33. NOTURNOS DE MUCURIPE E POEMAS DE ÊXTASE E ABISMO – Artur Eduardo Benevides – UFC – 1992.
34. NOVOS ENSAIOS DE LITERATURA CEARENSE – Sânzio de Azevedo – UFC – 1992.
35. SECA, A ESTAÇÃO DO INFERNO – Teoberto Landim – UFC – 1992.
36. FORTALEZA DESCALÇA – Otacílio de Azevedo – UFC – 1992.
37. CRÔNICA DAS RAÍZES – Francisco Carvalho – UFC – 1992.
38. A COLONIZAÇÃO PORTUGUESA DO CEARÁ – O POVOAMENTO – Vinícius Barros Leal – UFC – 1993.
39. FORMAS E SISTEMAS DE GOVERNO – ITINERÁRIOS E QUESTIONAMENTO – André Haguette (Organizador) – UFC – 1993.

40. HISTÓRIA ABREVIADA DE FORTALEZA E CRÔNICAS SOBRE A CIDADE AMADA – Mozart Soriano Aderaldo – UFC – 1993.
41. ANDANÇAS E MARINHAGENS – Linhares Filho – UFC – 1993.
42. TEMPOS E HOMENS QUE PASSARAM À HISTÓRIA – Tácito Theophilo – UFC – 1993.
43. POESIAS INCOMPLETAS – Antônio Girão Barroso – UFC – 1994.
44. FICÇÃO REUNIDA – Durval Aires, Dimas Macedo (Organizador). – UFC – 1994.
45. O CÉU É MUITO ALTO – Lembranças – Blanchard Girão – UFC – 1994.
46. SONATA DOS PUNHAIS – Francisco Carvalho – UFC – 1994.
47. MAR OCEANO – Fran Martins – 2ª edição – UFC – 1994.
48. SEARA – Luciano Maia – UFC – 1994.
49. MEUS EUS – Pedro Henrique Saraiva Leão – UFC – 1994.
50. A PADARIA ESPIRITUAL – Leonardo Mota – 2ª edição – Introdução e Notas de Sânzio de Azevedo – UFC – 1994
51. CANTIGAS DO CORAÇÃO – Heládio Feitosa e Castro – UFC – 1995.
52. PROSA DISPERSA – Newton Gonçalves – UFC – 1995.
53. O OUTRO NORDESTE – Djacir Menezes – UFC – 1995.
54. LEITURA E CONJUNTURA – Dimas Macedo – UFC – 1995.
55. LOUVAÇÃO DE FORTALEZA – Lustosa da Costa – UFC – 1995.
56. TEXTOS E CONTEXTOS – Francisco Carvalho – UFC – 1995.
57. NOVOS RETRATOS E LEMBRANÇAS – Antônio Sales – UFC – 1995.
58. MARÉ ALTA – Yolanda Gadelha Theophilo – Imprensa Universitária – 1995.
59. TEORIA DA VERSIFICAÇÃO MODERNA – F.S. Nascimento – UFC – 1995.
60. ELOGIO AOS DOUTORES E OUTRAS MENSAGENS – Antônio Martins Filho – UFC – 1995.
61. COISAS IMPERFEITAS. (Escritos de Filosofia da Ciência) - José Anchieta Esmeraldo e Rui Verlaine Oliveira Moreira – UFC – 1996.
62. SITUAÇÕES E INTERPRETAÇÕES LITERÁRIAS – Pedro Paulo Montenegro – UFC – 1996.
63. MEMÓRIAS DE UM CAÇADOR DE ESTRELAS – Rubens de Azevedo – UFC – 1996.
64. OS CAMINHOS DA UNIDADE GERMÂNICA – Paulo Elpidio de Menezes Neto – UFC – 1996.
65. NO MUNDO DOS TREBELHOS – Ronald Câmara – UFC – 1996.
66. NADA DE NOVO SOB O SOL – Lúcia Fernandes Martins – UFC – 1996.
67. DIMENSÕES ESPIRITUAIS DA ESPANHA & OUTROS TEMAS – José Newton Alves de Sousa – UFC – 1996.
68. POESIA COMPLETA – Aluizio Medeiros – UFC – 1996.
69. ÁGUAS PASSADAS – Olga Stela Wouters – UFC – 1996.
70. CONCEITOS DE FILOSOFIA – Willis Santiago Guerra Filho – UFC – 1996.
71. RESGATE DE IDÉIAS – Estudos e Expressões Estéticas – Vianney Mesquita – UFC – 1996.
72. A RUA E O MUNDO – Fran Martins – UFC – 1996.
73. MEU MUNDO É UMA FARMÁCIA – José de Figueiredo Filho – UFC – 1996.
74. A PADARIA ESPIRITUAL E O SIMBOLISMO NO CEARÁ – Sânzio de Azevedo – UFC – 1996.
75. HISTÓRIA ABREVIADA DA UFC – Antônio Martins Filho – UFC – 1996.
76. O ESPANTALHO – Pedro Rodrigues Salgueiro – UFC – 1996
77. A GRAMÁTICA DO PALADAR - *Antepasto de velhas receitas* – Eduardo Campos – UFC.
78. RAÍZES DA VOZ – Francisco Carvalho – UFC – 1996.
79. MISCELÂNEA – de garoto sertanejo a médico cardiologista – Heládio Feitosa e Castro – UFC – 1996.

80. REPASSE CRÍTICO DA GRAMÁTICA PORTUGUESA – Martinz de Aguiar – UFC – 1996.
81. FÚRIAS DO ORÁCULO: uma antologia crítica da obra de José Alcides Pinto – UFC – 1996.
82. TRÊS DIMENSÕES DA POÉTICA DE FRANCISCO CARVALHO – Ana Vládio Aires Mourão – UFC – 1996.
83. NO MUNDO DA LUA – Martins D’Alvarez – UFC – 1996.
84. NOVELO DE ESTÓRIAS – Hilda Gouveia de Oliveira – UFC – 1996.
85. AS QUATRO SERGIPANAS – Padre F. Montenegro – UFC – 1996.
86. POEMAS DA MEIA-LUZ – Hamilton Monteiro – UFC – 1996.
87. REBUSCAS E REENCONTROS – Linhares Filho – UFC – 1996.
88. ALENCAR, O PADRE REBELDE – J.C. Alencar Araripe – UFC – 1996.
89. RITMOS E LEGENDAS – Martins D’Alvarez – UFC – 1996.
90. O RETRATO DE JANO – Paulo Elpídio de Menezes Neto – UFC – 1996.
91. ROSTRO HERMOSO – Luciano Maia – UFC – 1996.
92. REFLEXÕES MONÍSTICAS SOBRE GEOGRAFIA E OUTROS TEMAS – Caio Lóssio Botelho – UFC – 1996.
93. ATRAVÉS DA LITERATURA CEARENSE – Crítica – Florival Seraine – UFC – 1996.
94. VIRGÍLIO TÁVORA: SUA ÉPOCA – Marcelo Linhares – UFC – 1996.
95. O INQUILINO DO PASSADO – Eduardo Campos – UFC – 1996.
96. POESIA REUNIDA – Otacílio Colares – UFC – 1996.
97. PALIMPSESTO & OUTROS SONETOS – Virgílio Maia – UFC – 1996.
98. MISSISSIPI – Gustavo Barroso – UFC – 1996.
99. PORTUGAL E OUTRAS PÁTRIAS – Osmundo Pontes – UFC – 1996.
100. AS TRÊS MARIAS – Rachel de Queiroz – UFC – 1996.
101. DONA GUIDINHA DO POÇO – Oliveira Paiva – UFC – 1997.
102. ESCADARIAS NA AURORA – Artur Eduardo Benevides – UFC – 1997.
103. QUIXADÁ & SERRA DO ESTÊVÃO – José Bonifácio de Sousa – UFC – 1997.
104. CANÇÃO DA MENINA – Angela Gutiérrez – UFC – 1997.
105. O SAL DA ESCRITA – Carlos d’Alge – UFC – 1997.
106. MATHIAS BECK E A CIA DAS ÍNDIAS OCIDENTAIS: o domínio holandês no Ceará colonial – Rita Krommen – UFC – 1997.
107. MENINO SÓ – Jáder de Carvalho – UFC – 1997.
108. UMA LEITURA ÍNTIMA DE DÓRA, DORALINA – A lição dos manuscritos – Italo Gurgel – UFC – 1997.
109. FICÇÕES – Martins d’Alvarez – UFC – 1997.
110. PRÍNCIPE, LOBO E HOMEM COMUM - (Análise das idéias de Maquiavel, Hobbes e Locke) – Rui Martinho Rodrigues – UFC – 1997.
111. GEOGRAFIA ESTÉTICA DE FORTALEZA – Raimundo Girão – UFC – 1997.
112. CARTAS E POEMAS AO ANJO DA GUARDA – Rita de Cássia – UFC – 1997.
113. RIO SUBTERRÂNEO – José Costa Matos – UFC – 1997.
114. ADOLFO CAMINHA: Vida e Obra – Sânzio de Azevedo – UFC – 1997.
115. POEMAS DO CÁRCERE E ÂNSIA REVEL – Carlos Gondim – organização e introdução de Sânzio de Azevedo – UFC – 1997.
116. RIMAS – José Albano – UFC – 1997.
117. VOZ CEARÁ – Stella Leonardos – UFC – 1997.
118. GIRASSÓIS DE BARRO – Francisco Carvalho – UFC – 1997.
119. AS CUNHÃS – Milton Dias – UFC – 1997.
120. FORTALEZA: VELHOS CARNAVAIS – Caterina Maria de Saboya Oliveira – UFC – 1997.
121. NÓS SOMOS JOVENS – Fran Martins – UFC – 1997.

122. TRIGO SEM JOIO (seleção de poemas) – Otacílio de Azevedo – UFC – 1997.
123. UMA CEARENSE NA TERRA DOS *BITTE SCHÖN* – Regine Limaverde – UFC – 1997.
124. O PACTO ( Romance) – Stela Nascimento – UFC – 1997.
125. A POLÍTICA DO CORPO NA OBRA LITERÁRIA DE RODOLFO TEÓFILO – João Alfredo de Sousa Montenegro – UFC – 1997.
126. IMAGENS DO CEARÁ – Herman Lima – UFC – 1997.
127. EDITOR DE INSÔNIA E OUTROS CONTOS – José Alcides Pinto – UFC – 1997.
128. A CAPITAL DO CEARÁ – Geraldo da Silva Nobre – UFC – 1997.
129. MEMÓRIA HISTÓRICA DA COMARCA DO CRATO – Raimundo de Oliveira Borges – UFC – 1997.
130. CORPO MÍSTICO & OUTROS TEXTOS PARA TEATRO – Oswald Barroso – UFC – 1997.
131. AS VERDES LÉGUAS – Francisco Carvalho – UFC – 1997
132. AUTORES CEARENSES – Joaquim Alves – UFC – 1997.
133. IMAGINANDO ERROS – José Anchieta Esmeraldo Barreto, Rui Verlaine Oliveira Moreira (organizadores) – UFC – 1997.
134. O POÉTICO COMO HUMANIZAÇÃO EM MIGUEL TORGA – Linhares Filho – UFC – 1997.
135. DOIS DE OUROS – Fran Martins – UFC – 1997.
136. AUTA DE SOUZA – Jandira Carvalho – UFC – 1997.
137. NO *APRÈS-MIDI* DE NOSSAS VIDAS – Lustosa da Costa – UFC – 1997.



Impresso na Imprensa Universitária da  
Universidade Federal do Ceará  
Av. da Universidade, 2932 – Caixa Postal 2600  
Fone/Fax: (085) 281.4748 – Fortaleza – Ceará – Brasil